

DE MÃOS DADAS

Uma reflexão sobre orientações
na pesquisa em Comunicação

Organizadores

Elen Geraldes
Francisco Verri
Gisele Pimenta
Maíra M. Vitorino
Paulo Giraldi
Vinícius Pedreira



UnB



FAC
LIVROS

DE MÃOS DADAS

**Uma reflexão sobre orientações
na pesquisa em Comunicação**

Organizadores

Elen Geraldes – Francisco Verri – Gisele Pimenta –
Maíra Moraes Vitorino – Paulo Giraldo – Vinícius Pedreira

1ª. Edição

Brasília
Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília
FAC/UnB
2018

DE MÃOS DADAS

**Uma reflexão sobre orientações
na pesquisa em Comunicação**

Entrevistados

Célia Ladeira Mota – Christiana Freitas – Cristina
Dunaeva – Dácia Ibiapina – Dione Moura – Elen Geraldês –
Fernando Oliveira Paulino – Gerry Leonidas – José Marques
de Melo – Luiz Carlos Iasbeck – Norval Baitello Jr – Rafiza
Varão – Renata Marcelle Lara – Soraya Fleischer –
Suzy dos Santos

Entrevistadores

Francisco Verri – Gerson Scheidweiler – Gisele Pimenta –
Janara Sousa – Luísa Montenegro – Luma Poletti – Maíra
Moraes Vitorino – Marcos Urupá – Natália Teles – Paulo
Giraldi – Paulo Henrique Almeida – Pedro Russi – Rafael
Dietzsch – Raquel Cantarelli – Ursula Diesel – Vinícius
Pedreira

Organizadores

Elen Geraldês – Francisco Verri – Gisele Pimenta –
Maíra Moraes Vitorino – Paulo Giraldi – Vinícius Pedreira



UnB



FAC
LIVROS

Copyright © 2018 by FAC-UnB

Capa Gabriel Pereira
Diagramação Gabriel Pereira
Ilustração Ricardo Borges
Revisão Elen Geraldês, Francisco Verri, Gisele Pimenta, Maíra M. Vitorino, Paulo Giraldi, Vinicius Pedreira
Apoio Faculdade de Comunicação da UnB, Programa de Pós-Graduação em Comunicação (FAC-UnB), Fernando Oliveira Paulino, Vanessa Negrini



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte, Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETOR

Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA

Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldês, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Círcia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

SECRETARIA EDITORIAL

Rafiza Varão

D278 De mãos dadas : uma reflexão sobre orientações na pesquisa em comunicação / Elen Geraldês ... [et al.], organizadores. – Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2018.
200 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia e índice.

Disponível em: <http://www.orientacaoemcomunicacao.com.br>.

ISBN 978-85-93078-31-6.

1. Comunicação. 2. Pesquisa. 3. Metodologia. I. Geraldês, Elen, (org.).

CDU 07

SUMÁRIO

Prefácio.....	09
Apresentação.....	13
Homenagem a José Marques de Melo.....	29
Experiências de orientação em Comunicação <i>Norval Baitello Junior</i> <i>por Ursula Diesel</i>	37
Maternidade invisível <i>Cristina Dunaeva e Suzy dos Santos</i> <i>por Gisele Pimenta de Oliveira</i>	49
Orientação para transgressão <i>Soraya Fleischer</i> <i>por Maíra Moraes Vitorino</i>	63
Orientar é transmitir conhecimento que acumulamos <i>Christiana Freitas</i> <i>por Janara Sousa e Marcos Urupá</i>	78
Um caminho para dividir <i>Elen Cristina Geraldês</i> <i>por Elen Cristina Geraldês e</i> <i>Natália Oliveira Teles da Silva</i>	83

Um orientador vigoroso <i>Luiz Carlos Lasbeck</i> <i>por Gerson Luiz Scheidweiler Ferreira</i>	88
A celebração do encontro <i>Dácia Ibiapina</i> <i>por Luísa M. B. Montenegro</i>	95
Entre-laçamentos orientador-orientando na pesquisa científica <i>Renata Marcelle Lara</i> <i>por Renata Marcelle Lara e Francisco Verri</i>	105
Reflections about supervision in Communications Research <i>Gerry Leonidas</i> <i>por Rafael Dietzsch</i>	120
Orientação para a vida <i>José Marques de Melo</i> <i>por Pedro David Russi Duarte</i> <i>e Paulo Vitor Giraldi Pires</i>	128
Percursos e desafios da Narratologia <i>Célia Ladeira Mota</i> <i>por Paulo Henrique Soares de Almeida</i>	143
A arte do processo de orientação <i>Dione Oliveira Moura</i> <i>por Vinícius Pedreira Barbosa da Silva</i>	156
A pedagogia da transparência <i>Fernando Oliveira Paulino</i> <i>por Luma Poletti Dutra</i>	173

A gigante de ombros sempre a postos

Rafiza Varão

por Raquel Cantarelli.....188

Índice de entrevistados.....198

Índice de autores.....199

*“O legado das orientações é de pegar o conhecimento à
unha, expô-lo a jovens que não têm nada a perder
(não são necessariamente submissos aos cânones)
e discutir muito, com paixão.
Mudar o outro e deixar-se mudar”*

**Elen Geraldes, professora da Faculdade de Comunicação
da Universidade de Brasília**

PREFÁCIO

De mãos dadas – ou não

O primeiro olhar dado para a Ciência, seja pelos próprios cientistas, seja pela sociedade, é romântico: não a vê como uma atividade construída por mulheres e homens preocupados com os impactos sociais de suas pesquisas, mas também com o sucesso e o reconhecimento, suscetíveis à vaidade, inveja, afeto, orgulho, amor, com prazos a serem cumpridos e contas a serem pagas. A Ciência Positivista se compreende como um empreendimento não humano, quase divino, em que apenas valores científicos interferem.

Nesta obra, inspirada pela perspectiva do Construtivismo Científico, enxergamos a Ciência como processual, fruto de acasos, oportunidades, esforços, tão dependente do que é considerado “banal” como do que é considerado nobre. Dessa forma, tanto a sala para a realização do encontro do grupo de pesquisadores quanto a emergência de novos paradigmas para a área estudada interferem no resultado. E no processo envolvente e dinâmico da produção do conhecimento, a orientação ainda é pouco debatida, compreendida, analisada.

No modelo hegemônico de produção de dissertações e teses no país, a orientação é obrigatória. Jovens pesquisadoras e pesquisadores não caminham sozinhos. Idealmente, seguem de mãos dadas com cientistas mais

experientes, que indicam caminhos e sinalizam riscos. Mas como se dá esse processo? Quais seus limites e possibilidades?

Não há dissertação ou tese sem objeto, sem metodologia e sem orientação. Sabemos de antemão que os objetos são difíceis de serem recortados; a metodologia é uma aliada e/ou uma ameaça, mas a orientação é o aspecto silencioso, silenciado e desconhecido desse jogo. Afinal: o que é orientar? Por que orientamos? Por que somos orientados?

Neste livro, estudantes de doutorado da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília conversam com orientadores e orientadoras da área, trocando confidências sobre essa relação tecida em alguns casos com muito afeto, em outros, de forma mais pragmática. Percebem que frequentemente há muita alegria em orientar, mas também dor e preocupação, já que os resultados não são previsíveis e a experiência aponta caminhos, mas não se traduz em fórmulas. Buscam as marcas da Comunicação nesse processo, uma área jovem, muitas vezes insegura quanto a seus métodos e teorias, cujos objetos são fugazes e às vezes desaparecem antes mesmo de se concluir a pesquisa.

Se os erros na seleção do objeto ou do método são facilmente identificados, os problemas na orientação, que também têm grande impacto sobre o resultado da pesquisa, estão mais camuflados. De fato, há uma ausência de indicadores que demonstrem como e quando o processo é bem-sucedido. Aqui não tentaremos estabelecer um tipo ideal de orientação, mas mostrar diferentes estilos, e destacar alguns dilemas muito frequentes, como os limites da autonomia do orientando e da orientanda, o

surgimento de discordâncias teóricas e metodológicas no desenvolvimento do estudo, e o aspecto psicanalítico que frequentemente essa parceria assume.

Ao falar o que não é dito, ao dar importância e materialidade a essa relação, acreditamos contribuir para o aprofundamento das pesquisas sobre as pesquisas em Comunicação, em busca de uma área mais forte e consolidada, e de pesquisadoras e pesquisadores mais felizes.

A equipe organizadora

*“Orientar é quase um processo terapêutico,
de muita proximidade, onde os assuntos que a gente
escolhe, a maneira como a gente os elabora, sobretudo
nas nossas áreas, de humanas, têm muito a ver com a
profundidade da nossa alma”*

**Norval Baitello Junior, professor da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)**

APRESENTAÇÃO

Quais as singularidades, possibilidades e limites da orientação na pesquisa em Comunicação? A pergunta é o fio condutor dos textos desta obra. As respostas, ricas e diversas, baseadas em entrevistas com professores e pesquisadores da área. Os encontros foram realizados, entre maio e junho de 2017, em salas de universidades, cafés pelo Brasil ou até mesmo por meio de trocas virtuais.

Os esforços não são individuais, assim como o conhecimento gerado nessa mobilização coletiva e descentralizada. Em contextos como esse, como reduzir a prevalência dos valores hierárquicos, inerentes à produção científica, ao apresentarmos o resultado de nosso trabalho?

Por parte dos autores, a escolha do entrevistado – ou do seu par dialógico – pouco relaciona-se com hierarquias e muito relaciona-se com a identificação pessoal. Foram, sobretudo, histórias construídas e valores compartilhados no percurso acadêmico do entrevistado que o lançou aos diálogos apresentados aqui.

Assim, na busca de respeitar os protagonistas de cada autor, optou-se pela apresentação dos textos em ordem alfabética do sobrenome do entrevistado, seguindo-se:

Norval Baitello Junior

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Livre de Berlim, professor titular da pós-graduação na PUC-SP, nas matérias *Teoria da Mídia*, *Teoria da Imagem*, *Teoria da Cultura*. Seus livros mais recentes são *A era da iconofagia*, *O pensamento sentado* – livro pensado para a graduação, mas que acabou sendo mais aproveitado na pós –, *Flussers Völlerei* (A gula de Flusser) e, o último, *A serpente, a maçã e o holograma*. Foi professor convidado da Universidade de São Petersburgo, da Universidade de Sevilha, da Universidade de Viena, da Universidade Autônoma de Barcelona e da Universidade de Évora. Já orientou cerca de 150 dissertações/teses.

Por

Ursula Diesel

Latino-americana, lutadora por um mundo mais justo para trabalhadores do campo e da cidade, mãe, doutoranda em comunicação na UnB na linha de Teorias e Tecnologias da Comunicação, professora no curso de Publicidade e Propaganda no UniCEUB, orientadora de trabalhos de conclusão de curso nas temáticas de pichação, arte urbana, mitologias, semióticas, gênero, moda e análise do discurso.



Cristina Dunaeva

Nasceu na Rússia, tem um filho e é professora do curso de Teoria, Crítica e História da Arte (Departamento de Artes Visuais/Instituto de Artes) da Universidade de Brasília. É mestra em História da Arte (2005) e doutora em Ciências Sociais (2013) pela Universidade Estadual

de Campinas. Traduziu para o português o tratado *Dos Novos Sistemas na Arte* (1919), de Kazímir Maliévitch.

Suzy dos Santos

Mãe de dois filhos, é docente da Escola e do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995), mestrado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (2004). É líder do Grupo de Pesquisa Políticas e Economia da Informação e da Comunicação - PEIC.

Por

Gisele Pimenta de Oliveira

Mãe de dois filhos, é doutoranda e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing e graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente, é servidora pública, jornalista na UnB. Trabalhou na Empresa Brasil de Comunicação (EBC), atuando como editora no programa *A Voz do Brasil* e no gerenciamento de perfis de redes sociais.



Soraya Feischer

Professora do Departamento de Antropologia da UnB. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), com ênfase em An-

tropologia da saúde, do corpo, do adoecimento e da cronicidade. Atualmente, é editora executiva do periódico do DAN, “Anuário antropológico”.

Por

Maíra Martins Moraes Vitorino

Doutoranda em Comunicação e Sociedade na Universidade de Brasília (UnB), mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e especialista em Antropologia e Desenvolvimento Cognitivo pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisa as relações de poder implicadas no enquadramento de notícias e como realidades são construídas por meio de narrativas dominantes. É membro do Laboratório de Etnografia das Instituições e das Práticas de Poder (LEI-PP), do Departamento de Antropologia da UnB.



Christiana Freitas

Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito (FD) e do curso de graduação do Departamento de Gestão de Políticas Públicas da Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis (Face) da Universidade de Brasília (UnB). Integrante do comitê gestor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD). Coordenadora do eixo de Pesquisa sobre Direitos Humanos na Internet (Direitos Digitais) do Centro de Política Digital para América Latina (Latam Digital). Líder do grupo de pesquisa sobre Estado, Regulação, Internet e Sociedade (Geris) e

integra a coordenação do Grupo de Estudos em Direito das Telecomunicações (Getel). Membro do Conselho Deliberativo da *Open Knowledge Foundation Brasil*.

Por

Marcos Urupá

Jornalista e advogado. É pós-graduado lato-sensu pela Fundação Escola de Sociologia e Política (FESPSP) em Gestão e Políticas Públicas; mestre e doutorando da linha de Políticas de Comunicação e Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). É membro do Laboratório de Políticas de Comunicação (LaPCom/UnB) e do Grupo de Estudos em Direito das Telecomunicações da UnB.

Janara Sousa

Jornalista, mestre em Comunicação e doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Fez pós-doutorado em Governança da Internet pela Universidade do Minho, Portugal. Atualmente, é professora e chefe do Departamento de Comunicação Organizacional e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação, UnB.



Elen Cristina Geraldes

Jornalista e mestre em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo e doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília. É professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, no curso de Comunicação Organizacional e também integra o Programa de Pós-Graduação de Comunicação, na Linha

de Políticas de Comunicação e Cultura da mesma universidade. Orienta trabalhos de conclusão de curso da graduação e pesquisas no mestrado e doutorado.

Por

Natália Oliveira Teles da Silva

Doutoranda da linha de Políticas de Comunicação e de Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Tem experiência em projetos e docência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Organizacional, diversidade étnico-racial e Comunicação Pública. Mestre em Políticas de Comunicação e de Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Possui graduação em Comunicação Organizacional pela UnB.



Luiz Carlos lasbeck

Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade Católica de Lisboa, possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Durante 20 anos (1985 a 2005) exerceu funções de coordenação, elaboração e execução de atividades de Capacitação Profissional junto ao Departamento de Formação do Pessoal do Banco do Brasil.

Por

Gerson Luiz Scheidweiler Ferreira

Doutorando da Linha de Políticas de Comunicação e de Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), onde concluiu mestrado na Linha de Teorias e Tecnologias da Comunicação. É graduado em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Universidade Positivo (2009), com extensão em Planejamento Criativo pela *Lemon School*. Coordena o grupo de pesquisa *Mulheres no Parlamento* no Centro de Formação da Câmara dos Deputados, onde também coordenou o grupo de pesquisa *Os Parlamentares nas Redes Sociais: A Influência das Novas Ferramentas de Comunicação para a Representação Parlamentar*. É assessor de comunicação da Secretaria da Mulher da Câmara dos Deputados e professor do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília (UCB). Atualmente desenvolve pesquisas na área de Comunicação, Internet e Ciência Política, atuando principalmente nos temas: internet, políticas de comunicação, gênero, propaganda política, representação parlamentar e democracia.



Dácia Ibiapina

Graduada em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Piauí (1981), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1992), doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2002) e estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. É professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, onde é também pesquisadora do Programa de Pós-Gradua-

ção em Comunicação, na linha de pesquisa Políticas de Comunicação e de Cultura. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Cinema e Audiovisual.

Por

Luísa Montenegro

Escritora, doutoranda da linha de Políticas de Comunicação e de Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB) e professora voluntária do curso de Comunicação Organizacional da FAC/UnB. É mestra em Comunicação pela mesma instituição. Tem interesse nas áreas de internet, radiodifusão pública, cidadania, questões de gênero, raciais e étnico-sociais.



Renata Marcelle Lara

Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (2008). Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2002). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí (1998). Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2016). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1996). Professora do Departamento de Fundamentos da Educação, Área de Metodologia e Técnica de Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá, e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM. Líder do GPDISCMIÁDIA – CNPq/UEM -

Grupo de Pesquisa em Discursividades, Cultura, Mídia e Arte. Membro do Gepomi-CNPq/UEM – Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos e do Grupo de Pesquisa Oficinas de AD: Conceitos em Movimento (CNPq/UFRGS).

Por

Francisco Verri

Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (Unicesumar) e mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (PGC/UEM). Doutorando em Comunicação – Jornalismo e Sociedade – no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).



Gerry Leonidas

Professor Associado do Departamento de Tipografia e Comunicação Gráfica da Universidade de *Reading*, no Reino Unido. Nascido em Atenas, em 1968, Leonidas trabalha no campo desde 1986, e na orientação de alunos desde 1998. Diretor do Programa de Mestrado em Design de Tipos, ensina design em vários módulos no programa de graduação, supervisiona e orienta dissertações de graduação e mestrado, além de pesquisadores de doutorado.

Por

Rafael Dietzsch

Possui graduação em Desenho Industrial pela Universidade de Brasília (2002) e mestrado em *Master of Arts in Typeface Design - University of Reading* (2012). Atualmente é professor assistente da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Desenho Industrial, com ênfase em Tipografia, atuando principalmente nos seguintes temas: tipografia, design, design de tipos, línguas indígenas e identidade visual.



José Marques de Melo (*in memoriam*)

Graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1964), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (1965), doutorado e livre-docência em Ciências da Comunicação – Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1973). Foi professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, e diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação. Publicou meia centena de livros e coletâneas, mais de uma centena de artigos em periódicos científicos do país e do exterior. Fundou e dirigiu sociedades científicas no espaço iberoamericano. Atuou principalmente nos seguintes temas: jornalismo brasileiro, gêneros jornalísticos, pensamento comunicacional latino-americano, história das Ciências da Comunicação.

Por

Paulo Vitor Giraldi Pires

Jornalista e Professor permanente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) – colegiado de Jornalismo. Doutorando na UnB/PPGCOM (Universidade de

Brasília) [início 2017]. Mestre [2013] em Comunicação Midiática – Universidade Estadual Paulista – UNESP, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Especialista em Docência no Ensino Superior [2018] – UNIFAP. Especialista em Linguística e Educação [2012] – Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, com habilitação em Magistério [2005]. Graduação: Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – Universidade do Sagrado Coração [2010] (Bauru – São Paulo). Área de atuação e pesquisa: Jornalismo e Mercado, Trabalho do Jornalista, História do Rádio, Radiojornalismo, Folkcomunicação e Educomunicação, Teorias da Comunicação, Mídias e Religiões, Comunicação Midiática e Processos Culturais, Mercado de Jornalismo.

Pedro David Russi Duarte

Pós-doutorado (CAPES) [2012-2013] Universidad de Navarra/Esp. (Grupo de Estudos Peirceanos/GEP); Doutor (CAPES) [2005] e Mestre [2001] em Ciências da Comunicação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Bolsista Departamento de Comunicação Social – Conselho Episcopal Latino-americano em Comunicação (DECOS/CELAM) UNISINOS/RS [1997]. Graduação: Licenciado em Ciências da Educação - Universidad Católica del Uruguay Dámaso Antónío Larrañaga (1998) [Montevideu-Uruguai]. Atualmente professor na UnB (Universidade de Brasília) – FAC (Faculdade de Comunicação) – Curso de Graduação e Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – Coordenador do curso de Graduação em Comunicação. Coordenador do NESECOM (Núcleo de Estudos de Semiótica em Comunicação) DGP/CNPq. Atualmente integra a Diretoria da Associação Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO).



Célia Ladeira Mota

Pesquisadora associada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, mestre e doutora em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação da UnB (1992). Professora durante 22 anos na área de Comunicação, com ênfase em aulas de Teorias da Comunicação; Telejornalismo; Tecnologias da Comunicação; Semiótica; e Comunicação e Universidade. Participa dos seguintes grupos de pesquisa: Jornalismo como Narrativa da História do Presente; Cultura, Mídia e Política. É membro também da Rede Nacional de Telejornalismo e da Rede Nacional de Narrativas, ambas filiadas a SBPJOR, Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

Por

Paulo Henrique Soares de Almeida

Jornalista e doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Pertence aos grupos de pesquisa Jornalismo e Construção Narrativa da História do Presente e Cultura, Mídia e Política, da UnB.



Dione Oliveira Moura

Professora e pesquisadora em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

lia (UnB). Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Atualmente é professora Associada da Faculdade de Comunicação da UnB e realiza estágio de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB. Pesquisa temas a partir do núcleo Jornalismo e Sociedade: identidade profissional, feminização do jornalismo, jornalismo e questão racial no jornalismo e pautas socioambientais. Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como diretora Editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do Projeto Editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta da SBPJor (2011-2013). Também trabalhou na direção da Socicom e, atualmente, atua na Diretoria Centro-Oeste da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (ABEJ), 2018-2019.

Por

Vinícius Pedreira Barbosa da Silva

Jornalista e doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), linha Jornalismo e Sociedade. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Brasília (UnB). Integrante dos grupos de pesquisa Cultura, Mídia e Política; Jornalismo e a Construção Narrativa da História do Presente; e do Grupo de Estudo de História em Quadrinhos – GIBI. Entre seus temas de interesse estão: construção de identidades; cultura visual; narrativas, discursos e representações midiáticas, especialmente nos âmbitos do jornalismo, quadrinhos e produções audiovisuais.



Fernando Oliveira Paulino

Professor e diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, onde cursou a graduação (1999), mestrado (2003) e doutorado (2008, com estágio na Universidad de Sevilla). Tem experiência em atividades ligadas a Políticas de Comunicação, Comunicação Comunitária, Saúde e Mobilização Social, Ética e Legislação, em que desenvolve temas como: mídia, ética, direito à informação, saúde, cidadania e responsabilidade social. Na UnB, é pesquisador do Laboratório de Políticas de Comunicação (LAPCom), foi um dos gestores da parceria entre a universidade e a Empresa Brasil de Comunicação no desenvolvimento de pesquisa sobre comunicação pública. Coordenou a Comissão UnB Futuro e estabeleceu pontes entre a Faculdade de Comunicação da UnB e universidades de países como Estados Unidos, China e Portugal. É diretor de Relações Internacionais da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC) e membro de diversas entidades científicas como Intercom, SBPJOR, IAMCR, Ulepicc e ICA. Ao longo de sua trajetória, participou da fundação de projetos de pesquisa e extensão como o *SOS-Imprensa* e de grupos como a Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (RENOI).

Por

Luma Poletti Dutra

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na linha de Políticas de Comunicação e Cultura, onde também cursou mestrado (2015). Desen-

volve projetos relacionados a transparência, direito à comunicação e políticas de acesso à informação pública. Graduou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (2012).



Rafiza Varão

Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (2012), na área de Teoria e Tecnologias da Comunicação. Sua tese se insere na história das teorias da comunicação e resgata o pensamento do cientista político Harold Lasswell sobre comunicação, daí o título *Harold Lasswell e o Campo da Comunicação*. É mestre em Comunicação também pela Universidade de Brasília (2002), na área de Imagem e Som, onde defendeu a dissertação *Nosferatu: o imaginário de uma sinfonia de horror*, com base na teoria sobre o imaginário de Gaston Bachelard. Graduou-se em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (1999). Leciona na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília e trabalha especialmente com Teorias da Comunicação, Ética e Redação Jornalística. Coordena o projeto *SOS Imprensa*.

Por

Raquel Cantarelli

Mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (2010), na área de Teorias e Tecnologias da Comunicação. Graduou-se em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pelotas – UCPEL (2003). Tem experiência na área de Comunicação no mercado de Agência de Publicidade e é professora desde 2004. Ministrou diferentes disciplinas nessa trajetória. Atualmente é professora na Universidade Católica de

Brasília – UCB (desde 2010) e atua nos cursos de Graduação de Jornalismo e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda. Ministra as disciplinas de Teorias da Comunicação, Redação Publicitária, Linguagem Publicitária e Projeto Experimental. Na Pós-Graduação atua no ICPD UNICEUB e na Faculdade Laboro. Na UCB coordena a Agência Experimental Espaço Bagagem.



HOMENAGEM

por Paulo Vitor Giraldi Pires

O eterno José Marques de Melo

“O caminho por ele trilhado o transformou em um clássico. E os clássicos não morrem”

Juliano Domingues

Não há como pensar nos estudos sobre a Comunicação e Jornalismo sem lembrar do professor José Marques de Melo. Alagoano, de Palmeira dos Índios, nasceu às seis horas da manhã do dia 15 de junho de 1943. Seu coração também foi pernambucano e paulista. Formou-se em Jornalismo pela Universidade Católica e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal, ambas de Pernambuco, durante a década de 1960. Aos 75 anos, no dia 20 de junho de 2018, ele se despediu desta vida terrena, mas continua vivo em nós e na voz de milhares de pesquisadores da Comunicação.

Falar de Marques de Melo não é algo difícil. Basta ler as centenas de depoimentos sobre esse ‘aprendiz’ na Comunicação, pois era assim que ele próprio se definia. Recebi o desafio de escrever essa singela homenagem sobre o saudoso professor (*in memoriam*), representando a equipe organizadora deste livro – doutorandos e doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade de Brasília (UnB), sob a supervisão da professora Elen Geraldês. Sendo assim, optei em tecer uma ‘colcha de retalhos’, me unindo a outras vozes. Desta forma, talvez seja possível representar

uma das grandes missões do professor Marques: ‘unir’ pesquisadores, formar uma grande rede de possibilidades e diversidades para pensar a Comunicação. Não é minha intenção falar da trajetória intelectual deste docente, mas do ser humano que foi.

Assim como eu, acredito que muitos, também, conheceram o professor José Marques de Melo, primeiramente por meio dos livros e artigos que ele escreveu. Ou, ainda, alguém falou dele durante as aulas da graduação ou na pós-graduação. Aliás, quem estuda Comunicação e não leu alguma obra do professor, bom sujeito não é (risos).

Nas redes sociais, um amigo doutorando testemunhou: “Passei toda minha formação ouvindo falar do professor Marques de Melo. Alguém que abriu picada no terreno da Comunicação na América Latina, construiu estradas e pavimentou com conhecimento para que nós, seus alunos (porque todos fomos um pouco alunos dele) pudéssemos encontrar uma obra farta e consistente”. Ele será nosso eterno orientador!

Me recordo do dia em que conheci pessoalmente o professor. Eu e um grupo de amigos, do mestrado em Comunicação Midiática da Unesp/Bauru, ficamos tímidos diante dele. Mesmo assim, registramos o momento com uma foto. Era um dia chuvoso na cidade de São Paulo, exatamente 19 de maio de 2010, durante o XIV CELACOM – Colóquio Internacional da Escola Latino-americana de Comunicação, sua iniciativa. Nosso contato com ele foi rápido, mas voltamos felizes para casa. É bom saber que aquele teórico que você estuda, existe de verdade e, ainda, é humilde.

Se quer conhecer um teórico, olhe para além de suas produções acadêmicas-profissionais. Tente ler nas entrelinhas, os versos e as prosas da vida de Marques de Melo. Ali, poderá encontrar algo bem mais interessante do que as teorias, conceitos e descobertas científicas. Os bastidores das relações humanas surpreendem mais que o espetáculo nos ‘palcos acadêmicos’, embalado pelo encanto dos aplausos. Não vou aqui resumir as tantas contribuições teóricas do professor, mas vou deixar que você possa conhecê-las, se assim desejar. Só digo que vale muito trilhar por essa aventura comunicacional, com enredo sagaz e texto sedutor.

Diferente do que se pensa, ele não foi só um ícone nas Ciências da Comunicação na América Latina e até no exterior. Então, como definir José Marques de Melo? Já li tantas obras do professor e sobre ele, que perdi as contas dos adjetivos ou termos que tentaram usar para defini-lo. Cito apenas alguns: ‘guerreiro midiático’, ‘pioneiro’, ‘semeador de ideias’, ‘incentivador de talentos’, ‘idealizador’, ‘referência nos estudos comunicacionais’, ‘líder incansável’, ‘visionário’, ‘alicerce das pesquisas’, ‘intelectual contemporâneo’, ‘construtor de utopias’, ‘teórico do jornalismo’, ‘profeta do campo da Comunicação Social’. A professora e jornalista Ana Arruda Callado foi sábia ao definir Marques de Melo como ‘jardineiro’ que cultivava hortênsias. “Para ser jardineiro é preciso ser paciente, não ter pressa; deixar o tempo de nascer, crescer e florescer vir naturalmente”. Na vida acadêmica, ele não correu ou disputou prestígios para ser o melhor, mas desejou ser um, com os outros – viveu o ‘ubuntu’.

São todas definições válidas, mas acredito que o professor Marques supera qualquer definição teórica-epistemológica. Sua vida não se prendeu a isso, voou

além das paredes das universidades, das salas de aulas e das produções científicas – foi ao encontro de pessoas. Desde criança gostava de participar das conversas com os vizinhos, amigos e familiares. Tinha paixão pelo contato humano, de estar junto para pensar e aprender.

José Marques de Melo sempre foi ‘possibilidades’, ele sempre olhava para frente, sem medo, mas com coragem e ousadia. Muitas vezes eu o ouvi dizer: ‘Sou um aprendiz. Um ajudante de obras na Comunicação’. Não era uma falsa-humildade, mas sabia da responsabilidade de sua vocação como professor apaixonado pela profissão. “A autoestima para a pesquisa e para a vida vem em descobrir o que você quer, são escolhas pessoais” (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2017).

Talvez a visão que temos sobre o Marques de Melo seja um tanto quanto equivocada. Não é preciso tentar qualificar ou exaltar a figura do professor, ele não era adepto a esse tipo de ‘ vaidosismo acadêmico’. Sua fala era agregadora, mansa e acolhedora, como expressou uma outra amiga em seu perfil no Facebook: “O professor Marques de Melo sempre teve uma simpatia enorme e ficava muito fácil entendê-lo, pois cativava todos ao seu redor. Dono de uma memória sensacional e um conhecimento único”. Mesmo com as limitações do mal de Parkinson, diagnosticado em 2011, ele continuou na ativa. E nos ensinou a não parar de sonhar e lutar diante de uma doença.

Cada vez que ouvia o professor nos palcos dos eventos, era como se estivesse em uma conversa de amigos. Ele foi simplesmente o ‘José’, o simples ‘Zé’. O que o diferencia e o torna único não foram as dezenas de obras

escritas e organizadas¹ – 173 livros, centenas de artigos publicados e milhares de palavras discursadas. Também não foi o significativo número de 94 orientações de mestrado e 45 de doutorado. A força de Marques de Melo não se sustentou na autopromoção acadêmica, mas foi sendo construída por meio das relações de amizade, valorização das ideias e presença humilde. Nos caminhos que percorreu, deixou marcas de bondade, acolhimento e incentivo a uma geração de jovens pesquisadores da Comunicação. Ele ouvia mais do que falava.

Em minha primeira oportunidade de conhecê-lo, tentei elogiá-lo, buscando os melhores adjetivos. Ele, sorridente, me abraçou e disse: “Eu sou como você, um estudante da Comunicação”. Nunca vou me esquecer disso, como também do nosso encontro no Congresso da Alaic, em 2012, no Uruguai, quando me convidou para um café. Ele sabia do meu interesse pelos estudos de comunicação e religião, o qual também foi um dos precursores no Brasil. Após minha defesa do mestrado, tive a honra do meu primeiro livro intitulado *Igreja Virtual* ser prefaciado pelo professor Marques de Melo. Que alegria!

E o que aprender com a vida do simples ‘Zé Marques’? Em primeiro lugar, que a humildade é nossa grande força; que ser família é um dom sagrado – ele e sua esposa Silvia caminhavam juntos; que o respeito ao outro é fundamental; que a diversidade de ideias produz novos conhecimentos e que o desejo de vencer é tão importante quanto a persistência nas lutas diárias. O maior legado do professor foi sua própria vida.

¹ Até janeiro de 2018, o professor Marques possuía 140 artigos, 139 capítulos de livros e 148 livros publicados.

Marques de Melo deixou, ainda, um ensinamento precioso a todos nós pesquisadores e cientistas da Comunicação: “Jamais fiz proselitismo em sala de aula, nem induzi meus alunos a pensar da mesma forma que eu. Sempre me pautei pelo respeito ao pensamento dos outros, mesmo que deles discordasse frontalmente” (MARQUES DE MELO, apud MATTOS, 2010, p. 173). Os alunos e alunas queriam estar próximo dele. Foi um verdadeiro orientador de uma geração de pesquisadores.

Trago aqui um trecho do depoimento da professora Maria Cristina Gobbi, inserido na obra *Fortuna Crítica de José Marques de Melo* – que possui 154 artigos em 1601 páginas, publicada em 2013, pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, entidade criada pelo professor, em 1977. Ela trabalhou ao lado dele por mais de 15 anos e foi sua orientanda no mestrado e no doutorado. Esse pensamento da docente pode nos ajudar a entender um pouco de quem foi José. Marques de Melo vive sob o signo da vanguarda e da transição, mas, e, sobretudo, que entende diferença, administra valores, respeita diversidades, sobrevive na pluralidade de opiniões, sem perder a perspectiva de que as dessemelhanças se apresentam como pontos de confluência entre os saberes, formando assim o grande campo da Comunicação. O legado de Marques de Melo não foi o de definir uma rota a ser seguida, mas oferecer possibilidades de escolha para todos aqueles que – como ele – acreditam em uma comunicação plural e democrática, amparada pela prática ética do jornalismo (GOBBI, 2013). Marques de Melo fez a parte dele, e muito bem-feita. E deixou o exemplo de como podemos continuar a trilhar e a construir novos caminhos no campo da Comunicação. José Marques não teve pressa. Foi sábio, em passos lentos, porém firmes, sabendo para onde es-

tava indo. Tinha convicção, ânimo e fé. “O caminho por ele trilhado o transformou em um clássico. E os clássicos não morrem”, disse o professor Juliano Domingues (Unicap) e diretor da Intercom.

Uma voz profética, que muitas vezes gritou no deserto, mas não desistiu. Ele era ciente de suas lutas. “É difícil contabilizar derrotas porque elas fazem parte do cotidiano. Toda vitória vem pavimentada por derrotas que nos animam a continuar lutando. Quando desistimos da luta, então assumimos a derrota como um fato e não como acidente de percurso” (MARQUES DE MELO, apud MATTOS, 2010, p. 176).

Ao leitor, lanço um desafio: se aventure em conhecer o pensamento comunicacional de Marques de Melo, pautado pelo pluralismo teórico, pela diversidade metodológica e liberdade de expressão. Leia seus livros, mas, principalmente, leia os versos e as prosas de sua vida. Quem sabe você descubra um caminho mais leve, neste percurso acadêmico, para além das teorias e métodos, um encontro com as possibilidades do pensar e do fazer Comunicação. A voz profética de José Marques de Melo ainda vive!

Referências

DE MORAIS, Osvando; PEREIRA, ARAGÃO, Iury Parente; LAURINDO, Roseméri; VAZ, Tyciane Cronemberg Viana. **Fortuna Crítica de José Marques de Melo**: Comunicação, Universidade e Sociedade, São Paulo: Intercom 2013.

GOBBI, Maria Cristina (2013). **Depoimento ao autor**. In: PEREIRA, Clarissa Josgrilberg; ARAGÃO, Iury Parente; DE MORAIS, Osvando; JACONI, Sônia. Fortuna Crítica de José Marques de Melo: Comunicação, Universidade e Sociedade, Intercom 2013.

HOLFELD, Antonio (Org.). **José Marques de Melo, construtor de utopias**. São Paulo: Intercom, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Depoimentos ao autor**, 2017. MATTOS, Sérgio. **O Guerreiro Midiático: biografia de José Marques de Melo** – São Paulo/Petrópolis: Intercom/Editora Vozes, 2010.

Experiências de orientação em Comunicação: Norval Baitello Junior

por Ursula Diesel

Professor titular da pós-graduação na PUC-SP, Norval Baitello Junior já orientou cerca de 150 dissertações/teses ao longo de sua trajetória acadêmica. Nesta entrevista, aborda os elementos essenciais para uma relação bem-sucedida entre orientador e orientando. Entre eles, trabalho e crescimento em conjunto, preocupação com forma e conteúdo, acompanhamento, diálogo. Uma parceria efetiva. “O resultado é bem-sucedido se contribui para o avanço do conhecimento, para o crescimento intelectual, moral, da alma, de todos os lados, de todos aqueles que vão se beneficiar desse trabalho”, resume.

O que é orientar? Quais os limites de uma orientação?

Esta é uma pergunta muito interessante, muito apropriada. Assim que fui convidado para dar aula na pós-graduação da PUC-SP, por indicação do meu professor Haroldo de Campos e da minha professora e ex-orientadora Lucrecia Ferrara, eu logo me perguntei: “que diabo é isso?”. Perguntei aos meus colegas, e ninguém que já tinha experiência me deu uma resposta. Aí, se vai tateando até descobrir a receita sozinho. E essa pergunta me incomodou muito no começo, porque a gente fica sem saber. Depois, num segundo momento, eu descobri que não existe receita, pois o orientando é uma pessoa, um perfil, muito diferente um do outro. E eles têm necessidades diferentes. Alguns precisam de diretrizes, alguns já vem sabendo o que querem.

Já orientei cerca de 150 dissertações e/ou teses e, ao longo dos anos, fui sentindo que o que servia para todos os orientandos era exigir a presença deles, permanente, do meu lado, onde eu estivesse. Assim a gente tem muita interlocução; então eu faço questão que todos eles participem de todas as aulas, e com isso nós acabamos nos encontrando todas as semanas. Claro que alguns não conseguem, pois já têm a sua profissão e não têm toda a disponibilidade de tempo, mas na medida do possível eu quero que eles estejam ao menos algumas vezes no semestre presentes nas aulas pra saber e acompanhar a minha própria pesquisa. Porque o que eu defino como uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado, orientada por tal pessoa, significa “eu assino embaixo”. Eu não posso assinar embaixo de uma pesquisa que não tenha nada a ver comigo, com a minha própria pesquisa. Então, eu acho que orientação significa um trabalho em conjunto com o orientando, que proporciona o crescimento tanto do orientando quanto do orientador.

Quanto aos limites da orientação: há orientadores que fazem a correção do texto do orientando, o que eu só faço em casos extremos. Não faço correção, eu alerto. Então, por exemplo: a redação está muito ruim, precisa passar por um auxiliar de redação. Frases muito longas, estruturas de parágrafos erradas, esse tipo de coisa eu não faço. Acho que isso não é tarefa do orientador. Muitos orientadores fazem isso porque é uma relação de muita proximidade, a gente se torna amigo, cúmplice até, em certa medida.

Então, há um limite para a forma, quando o texto fica muito deficiente, para uma tese de doutorado, para uma dissertação de mestrado. A redação é fundamen-

tal, é um grau acadêmico. Uma boa redação é essencial. Não só nas nossas áreas, de humanas, mas também nas áreas de exatas e de saúde. Também eles contratam revisores de texto. É o caso também de alunos estrangeiros. Eu, quando escrevi minha tese de doutorado, em alemão, já havia dado aulas de alemão mais de dez anos quando fui para o doutorado; então, eu escrevia em alemão, mas mesmo assim o texto passou por uma revisão estilística, para ficar um texto mais elegante. Esse é o primeiro limite, o da forma, que não é responsabilidade do orientador, mas do orientando. Mas o orientador precisa indicar esses limites.

O segundo limite diz respeito à pesquisa. Esta precisa ser acompanhada, supervisionada pelo orientador, passo a passo. Mas nunca feita por ele. Vivemos uma realidade em que temos, por vezes, oito a dez orientandos ao mesmo tempo, em casos mais extremos. A instituição em que eu trabalho requer que tenhamos muitos orientandos. Então são oito pesquisas que ocorrem ao mesmo tempo. Mas o orientador não pode e não deve fazer a pesquisa pelo orientando; ele precisa ensinar a fazer pesquisa. Esse é o outro limite.

Existe um terceiro limite que algumas pessoas prezam muito, é curioso até: a gente também encontra desobedientes, rebeldes. A gente orienta, e o orientando vai lá e faz o oposto; e a gente vai assinar no final. Eu tenho alguns colegas que falam assim: orientando deve obediência ao que o orientador determina. É um pouco autoritário e radical, mas contém uma verdade. Às vezes, o orientador até pode estar equivocado. Aí, é o caso de mudar de orientador. É um trauma tremendo, mas às vezes é necessário. É uma parceria, é um trabalho feito a quatro mãos, na verdade. Em certos casos, acho até

um pouco injusto que o trabalho seja publicado depois como somente do aluno, que, por vezes, nem menciona o orientador. Deveria ser publicado em coautoria. Aí o orientador precisa dar a cara pra bater. Se ele fez bobagem, então ele precisa assumir, deixar vir a público e não só para arquivos, pros bancos de teses. O orientador deve assumir a responsabilidade no caso de uma publicação posterior.

Que processos você realiza no acompanhamento da orientação? Como é ser orientado por você?

Tenho uma ideia muito vaga do que é ser orientado por mim, o que teria que ser perguntado aos meus orientandos. Alguns viram inimigos, depois. Outros viram amigos para sempre e são queridos. Os que viram inimigos começam a falar mal. É um processo muito profundo. Orientar é quase um processo terapêutico, de muita proximidade. Onde os assuntos que a gente escolhe, a maneira como a gente os elabora, sobretudo nas nossas áreas, de humanas, têm muito a ver com a profundidade da nossa alma. Então, é muito diverso. Cada pessoa percebe isso de uma maneira. Em algumas pessoas a gente pode dar uma bronca, exclamar “como você escreveu essa bobagem?”, e ela fica agradecida. Outros se ofendem. Mas faz parte. É obrigação minha dizer quando foi feita alguma coisa que minha experiência mostra que está equivocada. Então, eu acho que ser orientado por mim é um desafio. Tanto pra mim quanto para o orientando.

Há casos também em que a gente tem dificuldades com o orientando. Eu, pessoalmente, não gosto daquele orientando que some, não dá satisfação, e depois chega com o trabalho pronto. Não gosto, porque vou colocar meu nome nesse trabalho, que, então, tem pouco

do diálogo e da pesquisa em comum. Também não gosto do orientando que não se apropria do instrumental teórico, da família espiritual que lida com uma determinada metodologia, determinadas ferramentas, determinados autores, determinados conceitos, que são aqueles que eu ofereço no meu esforço, nas minhas aulas, nas minhas palestras, nos meus textos. Então, quem não se apropria desse instrumental não tem nada a fazer sob a minha orientação. Eu considero que está, então, me usando como barriga de aluguel. E eu não gosto disso. Eu não aceito orientação desse tipo. Há pessoas que vão para a universidade só pra ter o título, claro que algumas não confessam isso. Quando eu descubro, eu rejeito; outras, quando confessam, eu já descarto; mas muitas vezes a gente só descobre depois que a coisa tá pronta, e aí não há nada mais a fazer. Mas acho que é um equívoco e uma grande perda científica, e que às vezes beira a desonestidade intelectual usar o orientador como barriga de aluguel.

*Quais critérios usa para avaliar o sucesso da orientação?
Como avaliar uma orientação bem-sucedida?*

Uma orientação bem-sucedida significa uma tese bem-sucedida. É difícil dizer que o mérito foi do orientador ou do orientando. Não dá pra separar isso, o mérito é da parceria. Então, uma orientação bem-sucedida gera uma tese bem-sucedida. O que significa que houve uma parceria bem-sucedida. Uma parceria feliz. Um diálogo, que nem sempre significa concordância. Quando falo da obediência do orientando, não significa concordância. Significa “trilha esse caminho” e se, no final, descobrir que o caminho está errado, a gente volta tudo, mas voltamos juntos. Isso é uma tese bem-sucedida. O resultado é bem-sucedido se contribui para o avanço do conheci-

mento, para o crescimento intelectual, moral, da alma, de todos os lados, de todos aqueles que vão se beneficiar desse trabalho.

O que é uma orientação que fracassa? Que variáveis podem atuar nisso? Como você reagiria?

Já aconteceu comigo. O primeiro tipo de orientação fracassada é aquele tipo barriga de aluguel. É fracassada porque é tipo um diálogo em que um diz uma coisa e o outro entende outra coisa. O segundo tipo de orientação fracassada é quando não chegou o momento, não existe o chamamento pro trabalho intelectual, não existe a maturidade (não a da pessoa), a maturidade intelectual. O trabalho intelectual é um trabalho de contribuição para o avanço do conhecimento, para a melhora da qualidade de vida das pessoas, melhora dos padrões morais, das decisões pessoais, políticas, sociais, uma série de coisas.

Exemplos de fracasso que aconteceram comigo: uma jovem orientanda, que recém concluía a graduação, me procurou. Ela tinha um grande potencial intelectual, era super estudiosa, mas nas conversas ficou claro que ela tinha um problema de concorrência com a mãe e queria ter o mesmo título que ela. A mãe era doutora. Aí eu já fiquei preocupado. Após a primeira aula ela já me perguntou o que precisava para fazer o doutorado direto. Com 22 anos, queria fazer o doutorado direto. Eu lhe respondi que nada que ela fizesse permitiria que ela fizesse o doutorado direto. Jamais eu lhe assinaria o doutorado direto, porque lhe faltava maturidade, experiência de pesquisa, conhecimento, vivência, equilíbrio psíquico, emocional, espiritual. Essa foi uma orientação fracassada.

Chegamos ao final do mestrado com sucesso, mas eu rejeitei orientar o seu doutorado.

Outro tipo fracassado é quando acontecem acidentes de percurso e parece que a tese tem a capacidade de catalisar crises. Isso eu aprendi já com o Décio Pignatari. Ele era um orientador genial – não foi meu orientador, mas foi meu professor – e dizia: “se prepare, porque as teses têm a capacidade de engravidar as pessoas mais estéreis ou, ao contrário, de tornar completamente estéreis aqueles que são muito férteis. O casamento que vai bem entra em crise profunda, o que vai mal estabiliza e aí incapacita a pessoa de se dedicar para a tese”. Muito irônica a observação, mas com um fundo de vivência muito interessante. Ele presenciou isso, e depois aconteceu comigo. Ao longo de 150 orientações, eu vi muitos casos que criaram subterfúgios para ou dificultar ou diminuir a qualidade da própria pesquisa e da própria tese. E aí chega o final do prazo, sai do jeito que saiu; isso eu também considero uma orientação fracassada, pois depende dos dois lados. Não adianta eu estar envolvido, e o orientando criar, consciente ou inconsciente, obstáculos para dificultar sua tarefa ou às vezes mesmo inviabilizá-la. Muitos desistem. Considero isso uma orientação fracassada. Quando percebo que orientandos têm uma condição emocional talvez mais frágil, então eu recomendo que primeiro façam um bom aconselhamento, seja de qualquer natureza, psicológica, afetiva, que conversem com o parceiro ou parceira, converse com a família e coloquem já quais as dificuldades que podem aparecer, preparando um pouco o terreno. Então, eu sugiro que seja feito isso, antes de começar o processo de pesquisa visando o mestrado ou o doutorado.

Também há outra coisa, que não é uma orientação fracassada, mas é uma figura muito comum. É claro que nós escolhemos um objeto para pesquisar que converse com a gente, que nos acene. Então, não é a gente que escolhe o objeto, o objeto também nos escolhe, e muitas vezes ele nos escolhe por incômodo, ele nos incomoda de alguma forma, isto se chama, entre os médicos, esmeraldite. Antigamente, o médico, quando se graduava, recebia um anel de esmeralda. Então, os próprios médicos chamam de esmeraldite a doença que eles têm de escolher a especialidade naquilo em que eles próprios são doentes. Ou seja, a gente escolhe os nossos temas sempre naquilo que a gente acha que precisa aprender. E aí isso traz uma variável curiosa.

Certa vez eu vivi um conflito de um orientando meu com um colega meu, do programa de pós-graduação, um professor. Eu tentei fazer a mediação, mas não deu certo, o colega ficou irredutível, e aí o orientando quis falar com a reitora. E ela nos recebeu muito mal e falou: “Eu quero dizer uma coisa pra vocês! Sabem onde estão os maiores problemas jurídicos, legais da universidade? Estão no curso de Direito. Onde é que estão os maiores casos de anomalias psicológicas? No curso de Psicologia. Onde a gente tem o maior número de gogos é no curso de Fonoaudiologia. E onde a gente tem os maiores problemas de comunicação é no curso de Comunicação. Voltem pra lá e comuniquem-se!”. Nós estudamos comunicação porque nós somos muito ruins de comunicação. Então, é preciso ter, em primeiro lugar, essa humildade pra saber que nós estamos aprendendo. Por isso que digo que o objeto nos pega. Pois a gente já o escolheu de acordo com a lei de que ele nos incomoda, e é por isso que a gente vai estudá-lo.

Portanto, quando um aluno chega com um determinado objeto, bastante complexo, bastante problemático, eu tento analisar com ele onde talvez o objeto pode causar problemas pra ele mais adiante. Um exemplo bem curioso: eu tive um aluno que propôs fazer, no mestrado, uma pesquisa sobre as notícias de morte nos jornais. Ficou genial o trabalho, era um excelente aluno, um grande pesquisador, uma grande cabeça. Mas quase no final da dissertação, ele me procurou e falou assim: “Eu quero acabar logo essa dissertação. Eu preciso acabar logo. Começou a morrer gente próxima de mim”. Ou seja, a gente se torna mais sensível para os fatos relacionados com o objeto e para isso a gente precisa ter preparo. Em alguns casos é recomendável uma boa terapia. Neste caso, não é uma tese fracassada, mas é uma tese que pode assustar.

Orientar em comunicação é diferente de orientar em outras áreas? Quais são as especificidades da orientação científica em Comunicação?

Eu nunca orientei em outras áreas. Eu orientei pessoas de outras áreas que vieram pesquisar na comunicação. Alguns renderam trabalhos dos quais eu me orgulho muito. Por exemplo, um trabalho de pesquisa sobre a comunicação do recém-nascido, no mestrado considerando até 5h, e no doutorado, os cinco primeiros minutos de vida. Era uma pessoa da área de neonatologia e que me procurou pra fazer a pesquisa da comunicação. É claro que envolveu pesquisa empírica, observação de nascimentos (mais de 300 bebês), documentação disso, um diálogo evidente com a neonatologia – que é uma disciplina médica –, e resultou em um trabalho que me deixou muito contente e que eu sempre cito em minhas palestras.

E agora eu oriento uma doutoranda, também da área médica, que está pesquisando a comunicação com pacientes em coma, utilizando estímulos olfativos, aromas. Ela mede as respostas via aparelhos (eletroencefalograma, pulsação), a partir do estímulo com aromas com os quais esses pacientes, que aparentemente não reagem a nada, estavam acostumados – por exemplo, de café ou da sua parceira, ou o odor de comida. Essa pesquisa está agora em fase empírica, e eu tenho grande orgulho da coragem dessa pesquisadora, da área médica, de avançar nesses limites tão obscuros da comunicação humana.

Já tive alunos biólogos, que vieram estudar a comunicação de animais comigo, pois, afinal de contas, nós temos um fundamento filogenético da comunicação. Também já orientei vários artistas. Mas nunca orientei alguém da área de exatas e também não sei como é que se dá a orientação aí. A gente sabe de ouvir dizer, pelos colegas, como é uma tese em medicina, como é uma tese em botânica, como é em sociologia. Porém na nossa área, de comunicação, especificamente, eu tenho uma experiência que acumulei nos últimos nove anos e que considero preciosa. Eu fui coordenador da área de comunicação da FAPESP, durante nove anos. Então todos os processos que pediam bolsa eram avaliados, em primeiro lugar, por mim. E depois eu os enviava para um parecerista, que tecia considerações sobre o mérito ou não daquele projeto para receber bolsa. Nesse período, avalei mais de dez mil projetos, só da área de comunicação, e o que eu percebi, e que talvez possa ser útil para nossos colegas e alunos, é que existe uma grande timidez nos objetos de estudo. Muitas vezes se procura estudar produtos; no nosso jargão, uma determinada mídia. E não se estuda o processo; então não se considera a

comunicação um processo, muito complexo, que tem a possibilidade de criar e transformar ambientes, o lugar em que a gente vive, o ar que a gente respira. Então, eu diria que o específico da comunicação vai se tornar, nas próximas décadas (pois agora ainda não o é), estudar o impacto que os meios de comunicação causam na vida. A vida individual, social e política de todos nós. Vemos hoje como as crianças dominam os aparelhos portáteis e como são, simultaneamente, vítimas desses aparelhos de tecnologia móvel. Então, digo que o específico será estudar esses impactos e não tanto os produtos, pois estes já são suficientemente estudados pela própria indústria, que os conhece muito melhor do que nós. O setor produtivo já domina essa área de conhecimento. Nós devemos nos dedicar aos impactos, às consequências.

Que dica valiosa você daria para orientadores e orientandos?

Para os orientandos, eu diria sejam muito sinceros e transparentes consigo mesmos, pensando assim: o que eu quero com essa pesquisa? O que eu quero pra mim, pro mundo? O que essa pesquisa pode trazer de benefício para a vida? Se vai lhe fazer infeliz, então desista. Se vai lhe fazer mais feliz, então encare os desafios. Para os orientadores, eu diria: orientem aqueles trabalhos com os quais vocês próprios também se identificam. Eu uso como termômetro muito importante a percepção de que aquela seria uma tese que eu gostaria de fazer. Isso é um bom sinal para aceitar um orientando. Acho que essas dicas podem ser valiosas para alguém, em algum momento.

Acho também que poderíamos nos espelhar nos grandes orientadores, que foram grandes mestres da nossa área. É sempre bom a gente cultuar os nossos

grandes mestres. Não esquecer que a gente faz parte de uma genealogia. Que a gente faz parte de uma família espiritual. Que esta família, ela nos trouxe até onde nós estamos. Quando eu falo de família espiritual é preciso atentar que a palavra espiritual é ampla; o *Geist*, que é o espírito, também significa intelecto, mas é um intelecto que tem alma. Então, é importante não apagar o passado, mas, sim, sempre lhe dar crédito. É uma desonestidade a gente não se filiar, não honrar pai e mãe.

O que o jovem matemático brasileiro Artur Ávila Cordeiro de Melo disse ao receber a *Medalha Fields* – equivalente ao Nobel de Matemática, em 2014: “eu devo esse prêmio ao meu mestre, que me ensinou todas as coisas que eu desenvolvi, e ao mestre dele, que ensinou a ele todas as coisas que ele desenvolveu e me passou”. Então, são três gerações do instituto de Matemática do Rio. Achei isso muito lindo! Nós não podemos achar que somos a bola da vez! Somos devedores de muitos que nos antecederam, que nos ensinaram tudo que a gente sabe. É importante não esquecer disso, não apagar a genealogia. Não esquecer a origem e o passado. Hoje, com muitos anos de experiência em orientação, eu sinto que as novas gerações, tanto no Brasil quanto na Europa e muito mais ainda nos Estados Unidos e em outros países, estão descuidando desse aspecto. Querem fazer o seu próprio currículo apagando os nomes de seus mestres, como se estes fossem um demérito. É preciso lembrar que não somos nada mais que um elo de uma cadeia. Isso é a ciência, isso é o conhecimento científico.

Maternidade invisível: Cristina Dunaeva e Suzy dos Santos

por Gisele Pimenta de Oliveira

Falar sobre orientação em comunicação é o foco desta obra e, conseqüentemente, desta entrevista. Todavia, desvelar o não aparente compõe o rol de lições que aprendi na pós-graduação e, por isso, peço licença para contar um pouco das motivações que me levaram a escolher a maternidade como o fio condutor deste texto. Na primeira versão do artigo, citei números e pesquisas que evidenciam a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, nos espaços de poder e as desvantagens específicas das mulheres-mães nessas relações de disputa. Na revisão para o livro, resolvi ousar. Deixei de lado os dados científicos e apresento uma breve introdução autoral.

Estava grávida e tinha um filho de quase dois anos quando fiz a seleção para o doutorado em Comunicação na UnB. Os inúmeros comentários de como eu era “corajosa” por encarar um doutorado com duas crianças pequenas passaram a me incomodar. As dificuldades são muitas. Comecei a me sentir intrusa. Como se a academia não fosse meu lugar e eu estivesse ali por teimosia ou capricho. Ainda me questiono se escolhi um bom momento para voltar à pós-graduação. No contado, calculado e planejado tempo que me sobra para os estudos, trabalho também na tentativa de romper com esses pensamentos e reverter essa lógica cruel para muitas mulheres. Um exercício quase diário que compartilho com todos: qual o papel das universidades para garantir acesso e permanência de mulheres-mães nos programas de mestrado e doutorado, na docência, na pesquisa?

Não quis trancar o doutorado antes mesmo de começá-lo, no primeiro semestre de 2017. Optei por tentar seguir o fluxo cursando uma disciplina. Fui muito bem-recebida pela professora Elen Geraldês e por toda a turma. Pari no final de abril e duas semanas depois voltei a frequentar as aulas com o bebê amarradinho no *sling*. Essa foi a parte mais fácil. Complexo é conciliar os cuidados de duas crianças – uma até então em amamentação exclusiva – com os estudos. Mas, vesti o uniforme da super-heroína que (aparentemente) dá conta de tudo para atender as expectativas e cumprir prazos e metas.

Faltava um mês para a entrega do artigo final e eu ainda não havia decidido quem entrevistar. O *insight* veio, em maio de 2017, com meu filho de 30 dias no colo: não posso me furtar de falar sobre maternidade. Entrevistarei uma orientadora mãe. Cristina Dunaeva, professora do Instituto de Artes da UnB, eu já conhecia. Entrei em contato e ela topou falar. Já Suzy dos Santos – docente da Escola e do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), referência na minha área de pesquisa –, foi um presente. Embora eu tivesse lido inúmeros artigos científicos da professora da UFRJ, tive a oportunidade de conhecê-la num evento sobre democratização da comunicação, na própria UnB. Curiosamente, eu estava com meu filho, ela se aproximou. Começamos a conversar e, claro, o tema veio à tona. E, para minha surpresa, ela também era a Suzy dos Santos que eu lia em blogs sobre maternidade. Aproveitei o acaso do destino e combinamos uma entrevista no aeroporto, antes de sua volta ao Rio de Janeiro.

Do processo de orientação de forma geral a questões relacionadas à maternidade, segue o resultado do bate-papo com essas duas docentes mães, feministas e maravilhosas.

Como seria uma relação ideal entre orientador e orientando?

Suzy: Embora seja profissional e hierárquica, a orientação é uma relação afetiva. A personalização das relações profissionais é parte importante da nossa cultura, não podemos negá-la nem subestimá-la. Se você odiar seu orientador ou sua orientadora, vai sofrer, e isso vai ter impacto no seu trabalho. Em contrapartida, esse processo de proximidade entre professores e estudantes é uma das coisas mais legais da vida acadêmica. É onde você se inspira, se renova. Só que, muitas vezes, o processo de orientação é uma loteria. Você pode vir com a expectativa de trabalhar com aquela pessoa fantástica, que você leu inúmeros artigos e livros, e o santo não bater. Empatia é fundamental. E isso nós temos com alguns e não temos com outros. Dá para se pensar em procedimentos gerais de civilidade e, sobretudo, em mecanismos de vigilância nos processos de orientação dos programas de pós-graduação.

Por exemplo, quando eu cheguei ao doutorado, em 1999, quem decidia sobre concessão de bolsas era o orientador. Um cenário que envolvia sorte, perseguições e até casos de orientadores que praticamente escravizavam seus bolsistas. Conheço histórias em que o orientador exigia que os orientandos corrigissem seu *lattes* ou que colocassem seu nome nas publicações. A falta de vigilância permitia que as perversidades acontecessem com mais frequência. A partir do momento em que o sistema de bolsas é concedido por uma comissão dentro

do programa de pós-graduação, os critérios são outros. Mesmo que o processo tenha suas injustiças, ele passa a ser mais universal. Me parece fundamental também procurarmos orientação de acordo com a afinidade de pesquisa. Olhar os currículos de possíveis orientadoras ou orientadores e conhecer sua produção científica são quesitos fundamentais para não se criar expectativas falsas. Se o professor nunca trabalhou com o tema que você propõe, provavelmente, vai ser uma relação ruim e você vai sair frustrado. Já do ponto de vista dos orientadores, temos que criar mecanismos de seleção diferenciados. É importante selecionar claramente projetos e não pessoas para orientação.

Cristina: Tem que ser, em primeiro lugar, uma relação humana e de confiança. Procuo nunca impor situações em que eu seja a autoridade máxima e a detentora de conhecimento. Acho muito importante que o estudante seja criativo na pesquisa e entenda que o estudo é dele. O que a gente faz é acompanhar, acreditar no potencial do aluno e do trabalho. Eles são capazes de propor questões e resolver problemas que identificam.

A orientação é um tabu na academia? Falta discutir sobre critérios, falar abertamente sobre os problemas que existem entre orientandos e orientadores?

Suzy: O universo acadêmico, como qualquer outro, não está livre das relações de poder. De relações de exercício de tiranias, de relações de vaidades. Então, é óbvio que a orientação vai ser tabu. Ainda mais num país em que as pessoas gostam de colocar um “Dr.” na frente do nome. Ser “doutor” tem peso classicista específico e importante no Brasil. Há tabus e autoproteção. Mas há também o culto de si mesmo. Vejo muitos casos de pes-

soas que procuram a ideia do professor doutor, da autoridade moral sobre alguma coisa. Por outro lado, há os orientandos que esperam que o orientador seja o mestre ninja que vai ensinar seu pequeno gafanhoto. E não é assim. Fazer tese e dissertação é um processo totalmente solitário.

Cristina: Eu não vejo professores discutindo sobre orientação, sobre questões pedagógicas e procedimentos que usam. Seria enriquecedor se houvesse debate sobre esses temas. Penso, ainda, que os estudantes precisam de mais ferramentas para se sentirem mais potentes e empoderados. No entanto, também percebo em muitos orientandos uma expectativa de que os professores vão lhes dar o caminho e lhes mostrar todos os passos e não é por aí.

Qual a diferença entre orientar trabalhos na pós e na graduação?

Suzy: É a individualidade. Na iniciação científica, o projeto é do professor. Ele pede uma bolsa e orienta pessoas para trabalhar naquele projeto. Claro que os estudantes podem desenvolver graus de independência, propostas próprias, mas é um cenário diferente. Na pós-graduação, o espectro de orientação engloba orientandos que não abarcam o projeto de pesquisa do professor. Mestrado e doutorado é solidão. É o seu trabalho. No fundo, o orientador é um leitor para dialogar contigo, uma pessoa para ajudar a vislumbrar caminhos e oferecer certas bases materiais que os orientandos não conhecem. É uma formação mais complexa, sofrida e depende de vários fatores: do programa de pós-graduação, da condição individual do aluno, se ele é bolsista ou não, se trabalha ou não, se tem filhos ou não, se é uma pessoa negra ou não.

E qual o papel do orientador nesse processo? O que esperar dessa relação?

Cristina: Há pessoas que insistem em realizar um único tipo de pesquisa, em um campo muito fechado. Outros já abarcam questões mais gerais, mais abertas. Há aqueles que trabalham mais com teorias e os que incentivam trabalhos práticos. Depende muito da individualidade de cada professor e professora. Aprendi muito com meu orientador, o professor e antropólogo Omar Ribeiro Thomaz (Unicamp). Ele incentivava a pesquisa, a liberdade. Muitos orientadores são bastante rígidos e direcionam a pesquisa de seus orientandos. Ele era o contrário, uma pessoa muito aberta. Dava ideias gerais, discutia, mas deixava os orientandos com muita autonomia. Acho maravilhosa a troca de ideias, é a parte que mais gosto. E é essa linha que sigo.

Suzy: O que me importa é ver o projeto das minhas orientandas e orientandos ser desenvolvido. É do meu absoluto interesse fazer tudo que posso para ver o projeto andar, mas o “como” depende do tipo de pessoa que se é. Meu orientador de mestrado, Sérgio Capparelli, tinha um perfil paternal. Comprava livros, indicava muitas coisas, dizia: ‘lê isso aqui’, ‘vê aquilo ali’. Já meu orientador do doutorado, Othon Jambeiro, esperava independência. O foco dele era discutir texto. Eu fazia, entregava e ele debatia. E isso é muito fluido e individual. No meu caso, tive orientandos com relação absolutamente afastada. Pragmática, não de desafeto. Um deles trabalhava numa grande empresa de comunicação e eu tinha acabado de ter filho. Não tínhamos muito tempo para encontros, logo, nosso trabalho de orientação foi bem prático: ‘fiz isso’, ‘então vamos fazer isso’. Ele fazia, voltava e a gente discutia. Em outras situações, já tive

relação mais próxima, de ajudar a escolher congresso para ir. Mas não tem manual ou receita de bolo. É igual criar filho.

Você falou de perfis. Quais seriam os perfis de orientadores?

Suzy: Tem o orientador paizão e mãezona, que vira padrinho, madrinha dos filhos, do casamento, que acompanha a vida do aluno, numa relação extremamente íntima. Tem aqueles que, do ponto de vista emocional, são mais afastados. Existe o extremamente exigente, com um padrão de qualidade específico: ‘trabalhamos nesse grupo de pesquisa assim, ou você se encaixa ou não se encaixa’. Tem aquele formato de orientador loucão, esquecidão. E tem fases também. Aquela fase que o orientador aceita o seu projeto, mas não consegue corresponder à expectativa. Tem o orientador ausente. Existe ainda aquele “padrão escolar”, no qual os pesquisadores que estão próximos a esse orientador vão ler e seguir as mesmas obras e correntes de pensamento. Tem também um perfil que a tônica é a linha teórica.

E ainda tem o orientador *pop star*, super procurado, que está na mídia, tem um perfil bastante visível ou que é uma pessoa muito carismática. São perfis díspares. Entretanto, ninguém é um só deles. Eu consigo me ver em quase todos esses, depende do momento. No fundo, acabo sendo mais maternal, por espírito de formação, por italianidade e por uma questão de identidade de classe – sou de origem pobre, sempre trabalhei e sempre vivi em grupos mais segregados. Então, sou aquela orientadora que está preocupada se meu orientando comeu ou não comeu, pago almoço da galera, faço vaquinha para viajar para congresso. Mas, às vezes, sou profundamente ausente porque minha vida não me permite

estar tão próxima das pessoas. Outras vezes, a relação é extremamente tensa e só vira afetuosa depois que acaba a tese. É uma relação múltipla, não tão simples assim.

Entrando na temática da maternidade, da sua experiência com filhos e sua relação com orientandas que tem filhos. Qual o papel do orientador nesse processo?

Suzy: O cenário desse tipo de discussão é muito novo. Quando engravidei, por exemplo, não existia licença-maternidade na bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ). Estudos mostram que muitas pesquisadoras perdiam a bolsa no primeiro ano de filhos em decorrência da queda material de sua produção científica. E a universidade não está interessada nisso. A Capes não tem nenhum instrumento que considere o fator maternidade dentro da avaliação do corpo docente. A gente vive numa sociedade patriarcal e machista. São as professoras que vão dar aula com filho pequeno, ou que saem mais cedo porque tem reunião na escola ou porque a criança está com febre. Alguém se importa se você virou a noite com o filho e não conseguiu escrever? A produção e reprodução de seres humanos impactam a produção científica e isso quase nunca é considerado.

A extensão de bolsa do CNPq para mestrandas e doutorandas com filhos também é recente. Conheço várias meninas que perderam suas bolsas. O cenário é incipiente. Como orientadora, é um sofrimento e um constrangimento. Em certos momentos, meus orientandos e orientandas acabam sendo babás dos meus filhos e essas relações não deveriam ser misturadas assim. No entanto, às vezes tenho que levar meus filhos para algum evento e o meu aluno que está no mesmo congresso acaba ficando com a cria em algum momento. Participei de

uma banca de doutorado quando minha filha estava com doze dias. A pessoa que estava defendendo, que não era meu orientando, teve que pensar e organizar a defesa considerando meus horários e os horários do bebê. Todavia, essa é uma vivência que eu me dou o direito. Minhas colegas mais velhas, por exemplo, não cogitavam essa possibilidade. Elas nunca foram num evento carregando os filhos. Deixavam com a mãe, com a avó, com a bisavó, com babá. E, no geral, com o coração partido. Claro que existem mães com outras relações de afeto e nem toda mãe é esse grude que eu sou. Além do mais, eu tenho um privilégio que uma mãe que trabalha numa universidade privada não tem: a estabilidade no emprego. Eu levo meus filhos para aula, para congressos, deixo de entregar trabalho porque estou cuidando de criança, entro em reunião de departamento com criança, meus orientandos são obrigados a aguentar meus filhos. E muitos deles já reclamaram. Já ouvi estudante queixar-se de que eu estava dando muita atenção para os rebentos e não podia ler prontamente o que ele me entregava. Eu queria falar assim: 'você quer que eu pare toda a vida para ler o que você escreve e me entrega em cima da hora?'. É claro que tem muito da questão da dominação masculina, além da crença de que precisamos viver para trabalhar, sacrificando outras etapas da vida.

Mas acredito que, atualmente, há uma mudança de perspectiva. No último *Encontro Nacional pelo Direito à Comunicação*, em Brasília, vi diversas jovens mães com seus filhos, e já até vi pais. Essas crianças estão aqui visíveis. Porém, falta muito. Falta licença-paternidade decente, pais atrasando suas teses porque estão com bebê novo em casa, perderem bolsa ou começarem a ter produção menor porque estão com crianças. Porque, na verdade, enquanto as mulheres sofrem sérios impactos

em suas carreiras, eles seguem indo para os congressos e eventos que a gente deixa de ir. Um exemplo corriqueiro são os famosos “casais acadêmicos”: a mulher usualmente tem carreira inferior e não é porque o homem é mais brilhante. Os dois são professores, os dois são pesquisadores. Ele é a estrela e ela é coadjuvante. Mas é ela quem está em casa cuidando de filho, ela quem faz a matrícula e até o recado na agenda da escola é direcionado a ela. No departamento, todo mundo acha natural que ela deixe de dar aula por causa da criança, mas ele não. É um cenário que a gente tem uma grande luta para travar.

Cristina: Como sou nova no Departamento, oriento apenas trabalhos na graduação. E sempre aviso aos estudantes que tenho muita vontade de orientar, mas eles têm que entender que não é a mesma situação de um professor sem filhos ou de alguém que tem uma estrutura de apoio maior. Às vezes a gente marca conversas em outros lugares fora da Universidade para que meu filho possa brincar, até porque na UnB não tem esse tipo de espaço. Já tive uma estudante, no Ceará, que engravidou durante a graduação. Ela tinha dezoito anos. A gente conversou muito, até hoje mantemos contato. Mas, na época, acabou desistindo. Criou o filho sozinha, passou por situações muito complicadas. Agora, ela voltou para o curso.

Apesar de as pessoas, no geral, serem solidárias com as mães, faltam caminhos institucionalizados – políticas e ações – para permitir que elas possam fazer pesquisa, mestrado, doutorado. Você concorda?

Cristina: Isso se você tiver a sorte de estar num coletivo em que as pessoas são solidárias. Quando eu era professora no Ceará, por exemplo, a situação foi complicada porque não havia compreensão dos meus pares. E eu estava com filho pequeno. Quando ele completou dois anos e começou a ir para a escola, não se adaptou bem. Eu me atrasava para as aulas e não houve compreensão. E também não havia creche institucional na universidade. Já na UnB, trabalho num Departamento compreensivo. Ano passado, eu levava meu filho para as aulas porque não tinha com quem deixar e todos nos tratavam super bem. Havia, inclusive, colegas que falavam para ele ir para aula deles, que era prática.

Mas falta o aspecto institucional. Se o filho fica doente, por exemplo, pouco adianta eu pegar um atestado médico se depois tenho que repor as aulas. Também tive a experiência de ficar grávida no doutorado. Meu orientador sempre me apoiou, foi uma pessoa maravilhosa. Mas o processo em si foi muito difícil. Consegui quatro meses de licença não remunerada – na época a bolsa era suspensa. E engravidei antes de fazer meu trabalho de campo na Rússia. Viajei com meu filho quando ele tinha seis meses e fiz o que deu, tive que mudar muita coisa. É um desafio, é difícil, mas impulsiona a nossa criatividade e a gente inventa outras maneiras de fazer pesquisa. Meu doutorado foi em Ciências Sociais, mais para a Antropologia. Eu fazia muitas entrevistas e estar com o bebê até ajudava em abordagens diferentes (risos). Entretanto, o único apoio institucional que eu tinha era a bolsa da Capes para o doutorado-sanduíche. Felizmente, no geral, as pessoas foram compreensivas. Mesmo assim, tive que prorrogar o prazo da defesa e fiquei numa situação limite.

Suzy: Sou plenamente favorável a cotas de produção para mães de crianças no primeiro decênio e menos horas dedicadas à sala de aula, por exemplo. Institucionalmente temos pouco respaldo. Não temos creche para as estudantes; a permissão de crianças em sala de aula ainda não é algo explícito; existe extensão de bolsa, mas não uma extensão bem estruturada de prazo; não temos uma licença decente – na Dinamarca são três anos de licença da universidade, tempo razoável quando pensamos numa carreira de 40 anos porque, mesmo quando aposentamos, continuamos eméritos, produzindo. A vida acadêmica é baseada no parecer por pares (*peer review*) e ele é blindado por aspectos conjunturais. A procriação e a reprodução não são pensadas como parte da vida acadêmica. Deveríamos ter questões institucionais que pelo menos garantissem igualdade.

Qual o papel do orientador para auxiliar essa estudante mãe?

Suzy: Empurrar para frente (risos). O orientador é um instrumento de defesa das orientandas dentro do programa – papel crucial, pois ele é o representante formal de seu grupo – e também pode auxiliar na mediação entre estudante e instituição. Com os meus orientandos, quando eu ou eles temos dificuldade de produção, fazemos textos conjuntos, formamos grupos para que mais pessoas deem aulas, montamos disciplinas em que os orientandos também atuam e vice-versa. Tive orientanda com dois filhos, um pequenininho e outro um pouquinho maior, e a gente criava condições para facilitar a trajetória, inclusive, estabelecendo um calendário para que ela possa voltar para cidade de origem todas as vezes que ela precisa.

Mas o sentimento é de que tudo é “tapa buraco”. Só funcionaria efetivamente se, de fato, existisse um processo no qual a mãe pudesse ter prazo maior para defender a dissertação, por exemplo. A amamentação exclusiva é de seis meses, mas a recomendação é de amamentar as crianças no mínimo dois anos. Falando apenas dessa questão biológica, essa disponibilidade deveria ser considerada. Se por dois anos ela vai estar amamentando, ela vai ter menos tempo para escrever, para produzir e logicamente deveria se esperar que isso fosse natural. Se é o Ministério da Saúde que fala que nós temos que amamentar por dois anos, se a qualidade da saúde coletiva da população depende de que as mulheres estejam alimentadas, hidratadas e emocionalmente estáveis por neste período específico da vida dos bebês, então por que o MEC não nos permite a bolsa ou o afastamento por mais um tempo? Por que o CNPq e a Capes não estabelecem a mesma lógica? Em nome de que esta medida em 24 e 48 meses é superior à qualidade de vida dos seres humanos? Não existem políticas combinadas. O bem-estar da criança não parece estar à frente da excelência acadêmica.

Cristina: Há muito tempo discuto isso com amigas que são mães – principalmente com as que criam sozinhas os filhos. Temos que ter apoio do Estado. É muito difícil, você tem muitos gastos e tem que trabalhar também em casa para cuidar da criança. Muitas mães desistem da universidade, sobretudo, as mais jovens. É uma experiência de provação mesmo. Tento incentivá-las. Nas minhas aulas, elas podem trazer as crianças, a gente trabalha com flexibilidade de horários e permito que façam trabalho em casa. Mas são ações pessoais e pontuais, o apoio institucional ou do Estado é mínimo. O principal desafio para as mães orientandas é manter

sua força e energia, preservar e lutar pelos seus direitos específicos. E para nós orientadoras, mesmo tendo uma estabilidade de emprego, somos muito cobradas e, às vezes, não conseguimos acompanhar a produtividade de outras pessoas. Tento colocar na minha cabeça que nem sempre é possível fazer tudo o que quero fazer. A gente tem que se unir, conversar, fazer grupos onde as mães possam desabafar, colocar suas questões. Isso nos ajuda a perceber que não estamos sozinhas. O problema não é individual, é sistêmico. Temos que dar visibilidade a essas questões. Exigir direitos, tocar no assunto, não deixar ninguém abaixar nossa voz. As mães formam um grupo social muito precarizado.

Orientação para transgressão: Soraya Fleischer

por Máira Moraes Vitorino

Conheci Soraya Fleischer em 2016. À época, eu frequentava o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), buscando compreender as dimensões do processo etnográfico para meu projeto de doutorado, hoje na Faculdade de Comunicação (FAC) da mesma instituição.

Frequentei a oficina de escrita etnográfica, oferecida por ela, com mais 20 colegas de diferentes áreas de pesquisa. Em comum, o desejo de escrever uma tese a partir de uma experiência de alteridade, de uma imersão em campo, de um arcabouço etnográfico e, por meio de um texto legível, envolvente e criativo. Em diversos aspectos, a oficina teve uma grande influência sobre mim, transformando minha perspectiva sobre o processo de produção textual. Me enxerguei como autora e me respeitei nessa posição. Para além, compartilhei uma experiência de leitura de meus textos, o que abriu o horizonte para que eu experimentasse quem é minha leitora e também a respeitasse no processo de produção. Mais ainda, me tornei uma leitora dadivosa sobre os textos dos pares, respeitando a individualidade autoral alheia e aprendendo a colaborar em uma posição de igual para igual, independente dos selos acadêmicos carregados por cada um.

Foi com essa carga histórica que eu trouxe Soraya para esta entrevista, realizada em sua sala, no Departamento de Antropologia da UnB. Enquanto a esperava, fui invadida por uma insegurança de campo. “Diante tantas

reservas de fronteiras acadêmicas, seria bem visto eu falar de orientação na área de Comunicação com uma antropóloga?”. Por si só, Soraya dissipou minhas dúvidas ainda no corredor, a caminho de sua sala. Compartilhou que durante o trajeto para me encontrar ouvia um *podcast*, uma produção jornalística, que tinha o hábito de escutar como forma de diversificar os temas cotidianos. Marcou a importância do jornalismo como forma de produção de pesquisa e conhecimento. “Precisamos do bom jornalismo”. Foi como se ela sentisse minha insegurança e me acolhesse.

Por momentos desse tipo que, para esta publicação, se eu precisasse selecionar palavras-chave, elas seriam: autocrítica, humildade e intensidade. Conversar com Soraya é embarcar em uma viagem científica envolta por essas sensações.

O que trago aqui são recortes dessa viagem. Recortes mantidos em primeira pessoa, mas delimitados na perspectiva de uma pesquisadora da Comunicação acreditando que, seja qual for a área de pesquisa ou a posição na hierarquia acadêmica, ler Soraya é uma travessia inspiradora.

Orientar como um fazer didático

Eu tenho sentindo que a orientação, dentre todas as minhas tarefas, é a mais difícil. É o lugar que eu tenho dificuldade de estar, pensando em sala de aula, preparação de aula, correção de exercício de alunos e convivência departamental. A orientação foi mudando um pouco na minha experiência. Quando comecei, já tem quase dez anos que eu estou aqui na UnB, e naquela época essa coisa do produtivismo estava menos inten-

so, de alguma forma. Eu comecei a orientar desde sempre todos os níveis: doutorado, mestrado e graduação. A orientação era um ato muito didático, como a gente está aqui, a gente tinha uma mesa e era sempre eu e a minha aluna. Fazíamos reuniões frequentes, muitas vezes quinzenais, excepcionalmente mensais. Era uma coisa que ia crescendo, começava com “O que você pensa em estudar. Vamos ler juntos sobre isso?”¹. Depois afunilávamos um tema com “Como que você imagina isso agora desenhado metodologicamente?” Então, a aluna começava a fazer sua pesquisa, depois ia transcrever entrevistas ou analisar dados de diários de campo, estatísticas e diferentes materiais. Em seguida, começava a ver os principais sentidos da pesquisa e como é que poderia se encaminhar para capítulos ou para a monografia. Era esse o caminhar, muito parecido, imagino, com outras pessoas, orientações e departamentos. Mas eu comecei a achar que era pouco produtivo ficar num *tête-à-tête*. Eu achava que eu não era a única pessoa que podia orientar minha orientanda. Às vezes, tinha reunião com uma, na semana seguinte com outra, e eu tinha que falar a mesma coisa duas vezes. Pensei: “E se eu começar a juntar as pessoas? Eu poderia falar uma vez e poderíamos ter outras formas de aprendizado!”.

Por uma orientação clínica freiriana²

Depois de uns dois ou três anos, comecei a fazer a orientação coletiva. É como eu chamo: orientação coletiva. Eu junto os três níveis: graduação, mestrado e doutorado. Fazemos reuniões quinzenais e tem muitos ganhos nisso. Acho que um deles – não sei se todas con-

¹ Utilizarei aspas em falas que denotam um outro lugar, tempo ou emissor. O uso do itálico será reservado para expressões de língua estrangeira.

² Referência à pedagogia dialógica proposta por Roberto Freire.

cordariam – é o fato de que eu deixo um pouco de ser a protagonista. Por mais que eu saiba que as minhas opiniões têm um peso maior em alguns momentos – sobretudo quando tem que fazer cortes mais radicais ou críticas mais duras. Mas faço assim: a cada reunião temos um texto que está sendo escrito por uma das orientandas. Lemos de antemão e, na reunião, eu deixo todo mundo falar primeiro e depois eu falo. Então, às vezes, muito do que eu quero falar já é falado pelas outras orientandas. Eu falo o que não foi falado e é muito interessante porque tem uma dimensão psicanalítica forte na relação de orientação. Às vezes, as alunas, de alguma forma, criam resistências ou se acostumam com o nosso tom de voz e a nossa forma de pensar como orientadora. E, por isso, escutam menos a gente. Quando uma colega fala a mesma coisa que eu ia falar, acho que quem está no centro da cena – a autora que estamos lendo naquele encontro – tende a escutar mais. Tudo isso depende um pouco de qual é a questão. Se está sendo uma coisa dura, do tipo “Olha o seu texto precisa mexer muito”, ou se são decisões para pesquisa de campo que precisam ser tomadas. Qualquer decisão mais difícil, é aí que eu acho que tem a chance de ela escutar mais um colega. Mas isso não quer dizer que deixo o tranco para as demais estudantes, eu sempre assumo as recomendações mais duras, sem problemas.

Do vertical ao horizontal

Se nas reuniões de orientação eu sinto que as colegas se ouvem bem, na sala de aula isso muda um pouco. Por isso, eu tenho tentado usar uma metodologia mais horizontal dentro de sala de aula. Tem um movimento que eu chamo de “dança das cabeças”: quando a professora fala, todas as cabeças levantam e olham,

quando uma colega levanta a mão para falar, todas as cabeças baixam para o celular ou para desenhar no caderno. Então, fica nessa dança, que é muito uma dança vertical. Não tem uma dança horizontal. Isso que você chama de respeitar, é um processo... Qual dos respeitos aqui? O respeito da leitora ou de outras autoras? O respeito das leitoras do seu texto também? Isso é um processo de construção, tanto em sala de aula, quanto na orientação coletiva. Das pessoas ouvirem o que as outras estão dizendo e, às vezes, são outras que estão abaixo de você na hierarquia. Para uma doutoranda ouvir uma graduanda falar do texto dela, como é isso? E vice e versa, sobretudo quando essa doutoranda, muito em breve, se tornará professora e também orientadora? Esse é o aprendizado. Acho que aos poucos quem vai entrando no grupo de orientação vai pegando. Não é uma coisa automática. A academia é extremamente hierárquica e a orientação coletiva tenta brincar um pouco com isso e desconstruir o que está naturalizado. A gente não sabe qual é a bagagem da leitora no nosso texto, mas não subestime quem está lendo o seu texto, mesmo que ela esteja na graduação. Às vezes, você está apresentando um texto e a pessoa viveu aquilo na vida dela ou leu um texto na aula passada, exatamente sobre aquilo, e tem uma infinidade de bibliografias para te indicar, etc. São esses os ganhos: criar o espaço de trocas horizontais, e também o espaço de formação.

Orientar para formação e formar para orientação

A orientação coletiva vira um espaço de formação e com isso eu tento ajudá-las a experimentar, de estimular que a doutoranda olhe para o texto da aluna de graduação e se pergunte “O que eu posso falar para isso aqui melhorar?” , “O que eu posso falar para o tema dela

ficar um pouco mais azeitado e conseguir defender no prazo?” e “Eu posso falar, como posso falar tudo isso?”. Entre aquelas que acabam de entrar no grupo de orientação coletiva, percebo que o tom, às vezes, é áspero. Ela vem de uma rotina de sala de aula em que a Antropologia treina para “destruir o texto” como forma de conhecer, entender e aceita-lo. Aos poucos, essa estudante vai se suavizando e vai achando um tom para falar, vai descobrindo que o texto não é a autora, que pode criticar o texto sem destruir a pessoa. Tem um processo de formação de orientadoras nessa forma de trabalhar coletivamente. Por que isso é importante para mim? Porque a experiência de orientação é aprendida no máximo com três exemplos. No máximo você teve uma orientadora em cada um dos níveis, mas tem muita gente que passa a vida inteira com a mesma orientadora. Fez graduação, mestrado e doutorado, dez anos com a mesma professora. Então, é o mesmo estilo ao longo desse tempo todo. A relação muda, se aprofunda, mas permanece o mesmo estilo de orientação. Onde a gente aprende sobre orientação? A gente não aprende em livro a orientar, nem em sala de aula. É de um mimetismo, de um artesanato total. Por isso, na orientação coletiva, é possível que cada uma vá desenvolvendo seu jeito de ler o texto da outra, fazer sugestões, acompanhar seu processo de amadurecimento intelectual.

Da homeopatia à cirurgia

A outra coisa boa da orientação coletiva é a formação de uma turma, uma geração. Elas estão ali em tantas situações difíceis, um bloqueio de escrita ou o campo que não avança, ou o prazo apertado, que é um problema comum. Todas elas estão no mesmo barco. Todo mundo vive uma dessas coisas em algum momento

e isso vai criando a sensação de turma, de trupe. Acredito que a longo prazo, quando elas estiverem colocadas nos ambientes de trabalho, poderão acionar essas pessoas do grupo. Seja para trabalhar junto, para ajudar nisso, para ler alguma coisa. Espírito de turma é importante. Isso desconstrói também uma das coisas complicadas da academia que é o individualismo, a carreira totalmente umbigocentrada, essa coisa que alimenta demais o ego. A gente tem esse monte de acadêmicas que, como diz o meu marido, “gostam muito de ouvir a própria voz e de ver o próprio sobrenome seguido de uma data”. O coletivo ajuda a dar uma amenizada nesse *ego trip*. Você é mais uma voz, não é a única voz. Então, a orientação acontece com base na agenda de produção do grupo, vamos marcando à medida que cada uma tem um texto, sendo finalizado, precisando de leitoras. Mas, não deixo que essa demanda venha de forma absurdamente espontânea porque eu também sei dos prazos. Eu fico orquestrando, “Você não sugeriu nada para lermos ainda, mas você sabe que tem que qualificar tal mês”. Às vezes, dou uma empurradinha, uma induzida nos produtos que elas estão fazendo. Mas eu não gosto desse lugar da cobrança. Quando tenho que fazer uma intervenção mais cirúrgica? Quando devo falar “Chega! Entregue algo!”? Quando é que a gente precisa ter uma mão um pouco mais forte? Qual é o bom senso da orientação? Até quando você respeita a idiossincrasia da aluna? Até onde você também tem que considerar todas as questões que ela está vivendo na vida pessoal? Eu acho que essa sabedoria vem mesmo da experiência, depois que eu tiver acumulado várias histórias desse tipo, eu acho que eu terei mais tranquilidade para lidar, para botar o ponto final no texto que está encruado.

Do desafio aos cânones

Eu sei que estou desafiando cânones da universidade, são todas as coisas que me incomodavam quando eu era graduanda. Quando eu era pós-graduanda, aqui na UnB ou lá na UFRGS, eu já tinha muita consciência do tipo: “Quando eu chegar lá, se algum dia eu chegar lá, vou fazer diferente”. Tem uma questão sobre a relação didática a portas fechadas. Muita coisa pode acontecer entre duas pessoas com uma porta fechada, como mal-entendidos, ruídos e assédio moral, por exemplo, porque nós estamos em uma posição de poder. Então eu acho que, no coletivo, as pessoas também dosam a minha mão, as minhas decisões e exigências. Eu sei que é uma revisão de cânone, é preciso a professora descer desse lugar que a colocaram. É a professora dizer: “Eu estou para jogo. Eu também erro. Eu também acho difícil. Me ajudem a fazer orientação”. Mas, não me furto da responsabilidade, ao final, sou eu quem assino os papéis, as autorizações, as averbações.

“A dor da tese”³ ou “não vale sofrer para escrever”⁴

Existe a dor da tese, como a minha colega, Miriam Grossi, da UFSC, chamou. Por outro lado, minha colega, Debora Diniz, aqui mesmo da UnB e de quem gosto muito, diz que “não vale sofrer para escrever”. Ela fala isso num livro lindo que ela dirigiu às orientadas. Mas vou discordar dela nesse ponto, é muito fácil dizer isso para quem já sabe e gosta de escrever, do ponto de vista de quem já escreve bem, escreve muito, escreve sempre.

3 Referência a GROSSI, Miriam Pillar. A dor da tese. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 6, n. 1, 2, p. 221-228, jan. 2004.

4 DINIZ, Debora. 2012. Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: Letras Livres.

Passando por outros processos de criação, a minha experiência no teatro, por exemplo, ou minha experiência na maternidade, na própria escrita acadêmica, na produção artística, acredito que não tem fórmula ou receita para escrever. Pode ser que sim, que a angústia seja produtiva. Acho que tem muitas formas de você ser impelida a produzir. Conversando com as alunas e com as colegas, vejo que há muitos processos de escrita. Horários, dias, o que elas consomem para poder produzir. Acho que a frase da Débora um pouco categórica e não contempla essa diversidade. Mas, do ponto de vista da orientação – da orientadora –, é preocupante quando você vê que a aluna começa a fazer um tipo de associação para criar, do tipo “Eu abro uma garrafa de vinho, sento e escrevo” ou “Só depois que todo mundo vai dormir, consigo escrever”. Claro que eu fico preocupada com isso porque é muita CNTP⁵ para escrever, entende? Vai se criando muita condição ideal para conseguir produzir um texto ideal – e tudo fica difícil com tanta exigência e condição. Fico preocupada com as dores da tese. Como que é o processo de escrita? Como é a rotina de trabalho, e o biorritmo pessoal? E tentando ajudá-las um pouco quando as coisas paralisam de alguma forma. Mas eu acho que a gente sofre muito junto.

Criação, produção e saúde mental

Ficar com a CAPES correndo atrás do nosso peçoço nem sempre leva a uma produção. Mas criação é tudo. A criação é algo que deveria estar movendo a universidade na verdade, e a gente está muito mais voltado à produção. Às vezes, a criação é mais lenta, às vezes a gente precisa passar por experiências, descer na escuri-

5 Conceito da química, Condições Normais de Temperatura e Pressão.

dão e tal. Tem uma discussão começando com mais força, que é sobre saúde mental na academia. Temos que estar atentos para isso. Muitas alunas tomando pílulas, muita gente com depressão. O que está acontecendo? Por que as pessoas estão assim? Por que está chegando nesse ponto de adoecimento? A produção está nos impelindo além da conta, mas aí não está mais na esfera da criação, você tem que dar conta dos prazos e tal. Li um post recentemente que minha aluna colocou no Facebook, ela colocou publicamente. É de um sofrimento sem tamanho... e ela é daqui da casa. Aí fica maior o meu senso de responsabilidade, do tipo “Nós estamos errando muito a mão”, “Nós estamos fazendo uma coisa muito errada para uma pessoa escrever isso”. Profundo sofrimento, não tem mais vida e está o tempo todo na máquina de leitura; produção-leitura, produção-escrita etc. A gente precisa, como antropólogas, ouvir sobre outras histórias. A gente precisa sentar em outros botecos, em outros bancos de praça ou de ônibus. A gente precisa viajar para outros lugares. A gente precisa de tempos sem fazer nada. E como é que permitimos isso nesse esquema produtivista em que estamos? Num departamento que é nota 7, inclusive, há uma pressão maior ainda.

A linguagem capesiana: fracasso e sucesso

Acho que não dá para definir uma orientação como fracassada ou bem-sucedida. Porque a gente não sabe o quanto de parceria houve. Ouvimos histórias horríveis de orientação. Eu tive relações de orientação muito boas, mas tem gente que vê a orientadora uma vez por ano, uma vez por semestre. Uma das queixas maiores que eu ouço é “Eu entreguei tudo e a minha orientadora ainda não leu”, “Ela não me responde tem dois meses, o que eu faço?”. Para algumas pessoas, mais autônomas,

uma vez por semestre está de bom tamanho. Quando a gente lê uma boa tese, tem que pensar nisso. Será que a estudante tinha uma relação boa e isso significava menos frequência? Menos pressão? Menos interferência? Ou a relação boa era mais constante, com vários encontros de trabalho? Então, eu realmente acho que não dá para chegar numa ideia de fracasso e sucesso. Porque eu também já li tantas teses legais, que inclusive receberam prêmios, quando depois você conversa com a autora e descobre que foi uma relação de orientação traumática e muito difícil ou negativa.

Uma linha de montagem de diplomas

O que vale é o processo de você conseguir acompanhar uma aluna nas descobertas dela. Claro, se ela consegue defender a dissertação ou a tese e fica um trabalho bonito, você fica muito contente e orgulhosa da pessoa. Mas eu acho que o processo é mais importante do que o produto. Você aprende muita coisa nesse processo, em qualquer um dos três níveis. No nosso curso de graduação aqui no DAN, a monografia de conclusão de curso demanda um trabalho longo e aprofundado, muito parecido com o mestrado. A aluna descobre tantas coisas, se socializa na vida acadêmica, descobre se gosta disso aqui ou não. Ela descobre como é o seu jeito de escrever. Então, a orientação é um tipo de relação que não tem nada de fugidia e rápida. É uma relação de investimento de tempo. Então, você me pergunta, mas não, eu não me sinto em uma linha de montagem de diplomas. Quando a aluna chega com o olho brilhando e diz, “Eu li uma coisa que é maravilhosa” ou “Obrigada por me emprestar aquele livro, que lindeza, quero ler mais”, você precisa dar espaço para isso e não acho que é na linha de montagem que vai acontecer. Acho que isso ocorre no apaixonamento pelo outro.

Você precisa se jogar na vida e, às vezes também, precisa se jogar na sua vida, você precisa se recolher para escrever também. Linha de montagem é muito despoetizado. Não quero sucumbir a isso.

Do outro lado

Eu tive uma diversidade de orientadores, tive três. Acho isso benéfico, porque cada um tinha um jeito de fazer a coisa e eu bebo muito nessas formas de trabalho deles. O Martin Novion⁶ foi muito importante na minha vida e foi muito emocionante voltar para trabalhar no lugar onde ele trabalhou. Comecei a ler as coisas dele de novo e me dei conta que eu estava seguindo muitos dos passos que ele já tinha feito, foi muito emocionante. Com o Martin fiz várias disciplinas na graduação e foi ele que me converteu para a área da saúde, que eu nunca mais deixei. Ele me ensinou a ter curiosidade intelectual, a fazer perguntas, que é uma das coisas mais importantes para você deixar como legado na graduação. Definitivamente, ele foi fundamental. As seções de orientação dele pareciam associação livre de psicanálise. Ele era meio caótico nessa coisa da orientação, eu não entendia muito bem porque “Montanha Mágica” do Thomas Mann me ajudaria – hoje eu entendo. Eu não compreendia como “O Morro dos Ventos Uivantes” seria útil para entender a pesquisa que eu fazia no HUB – hoje eu percebo melhor.

Quando cheguei ao mestrado, Martin não orientava na pós-graduação e não tinha ninguém aqui que trabalhava com o tema da saúde. Fui trabalhar com o

⁶ Prof. Martin Alberto-Ibañez Novion, professor do DAN/UnB de 1973 a 2003, quando faleceu.

Gustavo Lins Ribeiro⁷, e acabou virando uma dissertação sobre trabalho e migração, sobre mulheres brasileiras que faziam faxina nos Estados Unidos. Gustavo era muito respeitoso, confiava muito em mim e dava muita corda. Ele também tinha uma discussão bem internacional sobre os processos de globalização. Para ele, o planeta era o limite... e olhe lá, podia ir até mais longe. A relação com o Gustavo era bem menos frequente do que com o Martin. Gustavo viajava muito. Mas, ao mesmo tempo ele era muito respeitoso. Quando eu trazia as coisas, ele logo conectava com o que tinha na biblioteca dele e dizia, já me passando um volume, “Leia isso aqui”. Muita referência bibliográfica, ele sempre me ajudou muito com isso. Foi uma orientação mais rápida do que o Martin, mas muito mais teórica. Quando eu entrei aqui para trabalhar, ele era meu colega e se colocava como colega, não me tratava mais como orientanda. Ele me tratava como colega e isso foi muito bacana.

Rupturas e encontros

Eu fui fazer o doutorado lá no Rio Grande do Sul, porque queria sair um pouco de Brasília e lá tinha uma área de saúde. Eu não conhecia a Claudia Fonseca⁸, nunca tinham passado para lermos aqui na UnB. Na seleção do doutorado, tinha uma lista de coisas para ler, eu estava de férias e levei o livro dela. Quando comecei a ler, não consegui parar. Terminei no mesmo dia. Por que a gente nunca tinha lido a Cláudia Fonseca na UnB? Fui, fiz a prova e passei. Ela topou trabalhar comigo. Claudia

⁷ Prof. Gustavo Lins Ribeiro foi professor no DAN/UnB de 1988 a 2008, hoje está aposentado e trabalha no México.

⁸ Profa. Claudia Lee Williams Fonseca, professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidad Nacional de San Martín (Argentina).

foi quem me ensinou a fazer etnografia, a fazer pesquisa de campo para valer mesmo. Ela é a pessoa que fazia uma profunda discussão metodológica, lia os meus diários de campo, fazia comentários e foi muito intensa na minha vida pessoal e profissional. Batia na minha casa a qualquer hora. Seja para usar o banheiro, por que ela estava passando por ali, ou para um copo d'água. O Michael⁹ ainda acha que ela estava ali batendo para ver se eu estava trabalhando. Eu acho que não. Acredito que ela queria conviver, ela gostava de encontrar com a gente, as orientandas delas. Era visível como ela tinha carinho e admiração pela gente. Ela é de uma intensidade intelectual impressionante, fervorosa intelectualmente. Tudo era motivo para estar conversando sobre teoria antropológica e eu aprendia muito com ela, a todo momento, no campus, no ônibus, na pizzaria. Eu a via várias vezes na semana, toda hora, em vários momentos e várias situações. Era muito bom. A Claudia falava, "Eu tenho duas horas para ler o seu capítulo". Então, eu entregava no dia que ela pedia, ela me devolvia pontualmente no dia seguinte. Eu lia tudo o que ela me passava. Um capítulo da tese ela não gostou de jeito nenhum. Eu tive que reescrever três vezes. "Não é isso. Soraya não está legal". Claro que ela justificava, mas eu chegava em casa e chorava. "Caramba, eu escrevi quarenta páginas e não é isso? Eu sou um embuste", eu pensava. Depois, eu pensava, "Como é que eu não sei Antropologia? Eu estou trabalhando isso há dez anos. Claro que eu sei alguma coisa!". E refazia minha autoestima e voltava à página em branco. "Vamos lá. Vamos começar de novo", eu me estimulava. A segunda vez: "Hum, hum, não está legal". Era assim o processo de escrita com a Claudia, ela falava do texto mesmo, mostrava onde estava o problema, "Isso aqui e isso aqui". Era muito didática. Os

9 Michael Swioklo, marido de Soraya.

argumentos dela eram muitos qualificados. Eu percebo claramente a presença dela tanto na minha produção quanto na minha criação. Ela tinha toda uma pegada da escrita, uma pegada de discutir a escrita. A Claudia é americana, o Gustavo é brasileiro, o Martin era argentino. Eu devo muito aos três de formas diferentes. Eu sou muito influenciada por cada um deles. É uma relação que fica na vida da gente para sempre, sem dúvida. A relação de orientação é um tipo muito específico de laço, produz uma marca na nossa vida profissional. Eu sou muito sortuda de ter tido essa trinca na minha formação, sem dúvida, devo muito a cada um deles.

Maíra: Obrigada, Soraya. Muito obrigada.

Soraya: É isso. Eu falo muito né? Não sei se eu fui muito dispersa... Meio Martin, assim... Ele era assim.

Orientar é transmitir conhecimento que acumulamos: Christiana Freitas

por Janara Sousa e Marcos Urupá

O currículo é extenso. Christiana Freitas, professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito (FD) e do Curso de Graduação do Departamento de Gestão de Políticas Públicas da Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis (Face) da Universidade de Brasília (UnB), integra diversos comitês, conselhos e grupos de pesquisa que discutem questões relacionadas à internet, direitos humanos, telecomunicações e políticas públicas.

Seus principais temas de pesquisa envolvem a análise de redes para participação política; as políticas regulatórias sobre o uso das mídias e redes sociais; redes abertas de produção e divulgação de conhecimento; *knowledge commons* como motor de inovação e geração de valor público; avaliação de programas governamentais e políticas públicas. Conceitos tratados e desenvolvidos em pesquisas e artigos incluem participação política digital; *knowledge commons*; inovação tecnológica; governança digital; capital tecnológico-informacional; tecnologias da informação e comunicação; software livre e software público; administração e avaliação de serviços públicos digitais; democratização do conhecimento na sociedade em rede e democracia digital.

A escolha da professora Christiana Freitas se deu pela proximidade de suas pesquisas com nosso objeto de trabalho. Abaixo, as perguntas feitas à pesquisadora.

Chris, de modo geral, qual o papel de uma orientação para você?

A orientação de alunos e alunas na universidade talvez seja a tarefa mais importante, complexa e, também, gratificante de todas as nossas inúmeras atividades acadêmicas. A orientação, a meu ver, é a forma mais adequada de transmissão do conhecimento que acumulamos ao longo da nossa carreira. Às vezes mais do que por meio de aulas, nas orientações podemos passar para os alunos esse conhecimento. Além de questões teórico-conceituais e metodológicas, orientar um aluno ou uma aluna é você colaborar para o crescimento daquele ser humano em variadas esferas. Muitas vezes, por exemplo, faz-se necessária uma atenção maior a problemas particulares, específicos, que podem vir a dificultar a aprendizagem discente. É um processo em que orientando(a) e orientador(a) aprendem muito.

Nesse processo, você vê alguns limites do papel de um orientador? Até onde ele pode ir na condução da pesquisa do orientando?

Deixar o(a) orientando(a) livre para criar é fundamental. Ele(a) tem que se apaixonar pelo seu objeto de pesquisa. Não existe um limite claro, objetivo, passível de definição na orientação. O importante é você orientar no sentido de aguçar o senso crítico do(a) aluno(a) e realizar a sempre necessária articulação entre teoria e empiria, entre fundamentação teórico-metodológica e os resultados apreendidos na pesquisa. Os conceitos selecionados para a pesquisa são as ferramentas para a compreensão daquela realidade analisada.

Sendo esse processo um trabalho conjunto, você acredita ser possível identificar o fracasso ou o sucesso de uma orientação?

Não, não há indicadores objetivos para isso. Creio que o sucesso de uma orientação é tanto o(a) orientando(a) quanto o(a) orientador(a) terminarem o processo com um sentimento de satisfação, realização plena e dever cumprido, retratados no trabalho final.

Entrando um pouco mais na prática e no cotidiano da orientação, de que forma você costuma realizar o acompanhamento das pesquisas?

Faço reuniões de quinze em quinze dias. Tenho todo um cronograma de atividades que peço aos orientandos(as), desde o primeiro mês ao último de orientação. Essas atividades vão desde o amadurecimento do objeto de pesquisa, no início, pesquisas exploratórias sobre o tema até a elaboração final do trabalho com suas várias etapas.

Esses acompanhamentos acabam sofrendo mudanças de acordo com o perfil do orientando?

Sem dúvida, cada orientando(a) é um mundo à parte; uns precisam de mais orientação, outros precisam de menos (uns precisam que o orientador funcione como um acelerador, estimulando a curiosidade e dizendo pra ele(a) “se jogar” na pesquisa; outros, pelo contrário, precisam de freio, limites etc. Existe uma adaptação de acordo com as características de cada um.

Você já testou modos diferentes de acompanhamento?

Não, o que aconteceu foi que ao longo dos anos fui aprimorando o meu método de acompanhamento.

Ao fim do processo de orientação, como você avalia o resultado?

De duas formas; uma, acadêmica: o quanto o(a) aluno(a) cresceu em termos de apreensão dos princípios teóricos, de análise crítica da realidade etc. Uma segunda forma, mais subjetiva: o quanto o(a) aluno(a) cresceu em autoconfiança, o quanto aumentou sua segurança para defender seus princípios e suas descobertas baseadas na pesquisa feita. Essa questão é fundamental para formar um profissional realizado.

Chris, você orienta pesquisas tanto na graduação, como no mestrado. Quais são as diferenças e particularidades em cada um desses momentos?

Talvez, na graduação, esse crescimento do indivíduo, na sua forma mais subjetiva, seja mais importante do que na pós. Muitas vezes, o(a) aluno(a) na graduação não irá seguir carreira acadêmica, não tem interesse e, aí, a formação da subjetividade para que ele se torne um bom profissional é mais importante do que a apreensão de princípios teórico-metodológicos *per se*. Na pós é diferente. Você está formando um(a) aluno(a) que pode vir a ser seu colega, trabalhando com a sua mesma escola de pensamento etc. Ele(a) tem interesse pela teoria e já é mais formado(a) no plano subjetivo. Aí a transmissão de conhecimento acontece de forma mais densa. Muitas vezes o(a) orientador(a) aprende também com seus orientandos(as).

Por fim, gostaria de saber como você enxerga o papel da orientação ao longo da sua formação.

A meu ver, orientar é uma das maiores fontes de realização na carreira acadêmica.

Um caminho para dividir: Elen Cristina Geraldês

*por Elen Cristina Geraldês e
Natália Oliveira Teles da Silva*

Em quase 20 anos de magistério, orientei mais de 200 pesquisas, entre iniciação científica, conclusão de curso, especialização, mestrado e doutorado. Fui também coorientadora. Estive do “outro lado do balcão”, como orientanda. Embora meu currículo seja extenso, ainda fico ansiosa antes de levar cada trabalho a uma banca, antes de ouvir cada menção final. Perco o sono quando percebo que o estudante não está se encontrando. Exulto com bons resultados e até com resultados não tão bons, mas que representam o coroamento de um processo digno, honesto.

Nas orientações, às vezes somos escolhidas, às vezes escolhemos. Na graduação, cabe ao estudante buscar o professor que vai acompanhá-lo, usando critérios como a experiência e a identificação com a temática da pesquisa. Na vida real, essas escolhas passam frequentemente pelas teias do afeto e da admiração. É muito lisonjeiro receber um convite, mas essa sensação passa rápido, obliterada pela imensa responsabilidade.

Frequentemente, na pós-graduação, quem escolhe seus orientandos é o docente. Aí contam o diálogo estabelecido entre os interesses de pesquisa do estudante e do professor, mas também as afinidades de ritmo de trabalho, visões de mundo, ideologias.

Há 20 anos, repito que o caminho é do orientando. Há 20 anos, percebo que quem tem o mapa é o orien-

tador. Na orientação há aconselhamento, há escuta, há troca. Mas nem sempre isso é o suficiente. Algumas vezes nos tornamos coautores, reescrevendo aqui e ali, prescrevendo uma alteração, compartilhando uma hipótese, errando e acertando conjuntamente. A sabedoria em identificar quando a coautoria acontece e se é necessária vem com o tempo, mas pode ser subjugada pela alquimia das relações.

Sim, relações. Afeto, mas também raiva, frustração, desapontamento, rancor. As orientações precisam com frequência de um divã, não somente para os orientandos. É muito importante ter clareza para identificar as emoções em que estamos imersos e lucidez para interromper certos processos, mas nem sempre é possível. Estar no controle é uma doce fantasia.

Vale a pena? Sofrer, acordar mais cedo, dormir mais tarde, às vezes se desapontar pela resistência, despreparo e descuido de outrem? Mas há tantas alegrias, tão impagáveis, como ver alguém crescer, descobrir, apaixonar-se pela pesquisa. E também há o aprendizado presente em cada trabalho.

Foi orientando que aprendi sobre vários temas comunicacionais, distantes de minha vivência profissional e até da minha formação acadêmica. Foi orientando que firmei minha pauta como pesquisadora. Nas orientações tive interlocutores aguçados, que questionaram minhas certezas. Desconstruí, divergi, rompi: o legado das orientações é de pegar o conhecimento à unha, expô-lo a jovens que não têm nada a perder (não são necessariamente submissos aos cânones) e discutir muito, com paixão. Mudar o outro e deixar-se mudar.

Será que a orientação em Comunicação tem alguma marca, alguma especificidade? Eu acho que sim, mas sou suspeita para falar, já que estou mergulhada nesse universo, sem muitos elementos para comparação. Acho que essas características próprias ocorrem por conta dos estudantes, dos professores e da disciplina.

Em geral, alunos de Comunicação têm familiaridade com o ato de escrever. Nem todos, talvez apenas a minoria escreva bem, mas os estudantes de comunicação são afeitos a tamanhos e prazo. Três páginas de metodologia para quarta, ok? Esse pragmatismo impele a conclusão das monografias, das dissertações, das teses que em geral não são abandonadas pelo caminho.

No entanto, se estão acostumados à escrita, esses estudantes em geral estão pouco familiarizados à teoria. Alguns se surpreendem e a abraçam com avidez. A maioria, porém, vai tentar adequar a teoria a um objeto, a um tema, a uma ideia. De fato, na formação do profissional de comunicação, há uma submissão da teoria e da metodologia aos ditames das técnicas. Nas pesquisas, é necessário romper com essa hierarquia.

Por fim, percebo que uma diferença do orientando de comunicação é a forma como se revela e desvela na defesa de seus trabalhos. Desde a graduação, há um cuidado que se manifesta da roupa especial para a banca até a qualidade das apresentações. Meus olhos brilham com argumentos e conceitos aflorando no *power point*, com tanta firmeza e convicção emergindo até de estudantes muito tímidos.

Vejo especificidades também nos orientadores de Comunicação. Somos de uma categoria profissional que

trabalha em equipe, construindo produtos e processos coletivamente, apesar de toda concorrência e competição. Dessa forma, vejo em mim e em muitos colegas uma tendência de vestir a camisa dos orientandos. E, como os estudantes que orientamos, também aprendemos na raça a pesquisar, e às vezes nos sentindo iniciantes neste universo das teorias, dos métodos. Muitas vezes, a Ciência se assemelha para nós a um belo sapato de festa, raro e caro, mas pouco confortável.

Orientar em Comunicação é fazer ciência onde há falta e excesso de referências, um local em que o conhecimento parece sempre ser uma ruptura, uma transgressão, e não uma continuidade. Dessa constatação, apresento aos meus orientandos o desafio e a motivação para que leiam os seus pares, as pesquisas produzidas na mesma faculdade e no mesmo curso. É necessário construir os alicerces no esforço coletivo de ler e citar os colegas.

Também identifico uma assimetria entre os esforços teóricos e metodológicos. Aparentemente, as teorias já adentraram mais os nossos estudos, mas falta consciência metodológica. Nem sempre percebemos nossas opções de pesquisa, nem sempre elucidamos os caminhos percorridos. Tento estimular os estudantes a narrem, de forma calma, generosa e honesta o seu percurso, que é constituído pelas demandas do próprio objeto, pelas necessidades e expectativas do campo científico e pelos limites e possibilidades do pesquisador.

O que mais me importa em um processo de orientação? A ideia de que o pesquisador está se formando e se informando. A pesquisa não o define, é apenas uma etapa de um processo contínuo, cumulativo, do qual pode

emergir um futuro orientador e orientadora. Ele está cercado por demandas de prazo, de resultado, muitas vezes pesquisando nos intervalos do trabalho, nos cacos do dia. O processo não é ideal porque não há processo ideal.

Olho com alegria o percurso de orientações concluídas e com expectativa o que ainda está por vir. Nem sempre o percurso é suave. Nem sempre vamos de mãos dadas. Estamos todos aprendendo.

Um orientador vigoroso: Luiz Carlos lasbeck

por Gerson Luiz Scheidweiler Ferreira

Em 2015, um grupo de pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, com apoio de outras instituições, lançou o livro *O Professor Universitário Entusiasmado – Seis estudos sobre uma espécie em extinção*. O estudo incluiu a aplicação de mais de 450 questionários entre estudantes concluintes de cursos de graduação para buscar compreender o perfil dos docentes que carregam valores e possuem práticas que estimulem o processo de aprendizado. Nos questionários, os estudantes indicavam exemplos de professores que se encaixavam nesse quadro. Luiz Carlos lasbeck – pós-Doutor em Comunicação pela Universidade Católica de Lisboa – foi um deles, por isso o convidamos para responder quais os limites e as possibilidades de um processo de orientação acadêmica.

No atual contexto educacional e tecnológico, qual o papel e a importância do orientador no processo de investigação acadêmica?

O papel do orientador no atual contexto não diverge em nada do papel de orientação em outros contextos educacionais e tecnológicos. O que varia são as formas de atuação. O papel continua sendo orientar, sugerir balizamentos para a investigação, alertar sobre desvios ou atalhos importantes, sugerir leituras, criticar a produção do orientando e ajudar a resolver impasses da pesquisa.

Quais são os limites de uma orientação? Até onde vai a atuação do orientador?

O orientador pode e deve acompanhar o trabalho do orientando, sugerindo melhorias, aprimoramentos. Não pode e não deve exigir dele o que ele não consegue alcançar, apesar de que deve estimular nele a ampliação de seus limites como pesquisador. Não pode interferir no estilo de redação e muito menos escrever para ele trechos do trabalho escrito. Pode participar da pesquisa empírica, em comum acordo, mas não é função do orientador trabalhar para o orientando. Não deve e não pode fazer a revisão dos textos. O orientador precisa receber textos revisados para fazer o seu trabalho. Textos mal redigidos, de leitura difícil, devem ser rejeitados pelo orientador.

Embora não caiba nas funções do orientador ser um terapeuta psicanalítico, muitas vezes precisa saber tolerar a necessidade de o orientando expressar suas angústias em relação ao trabalho.

Não é necessário que mantenha relações de amizade com o orientando. Em alguns casos essa mistura de naturezas de relacionamento chega a ser nociva e até mesmo constrangedora, quando não comprometedor. O relacionamento deve se pautar pelo profissionalismo.

Os horários de orientação devem ser predefinidos e ajustáveis. Eventuais contatos fora dos horários acordados podem e devem ser permitidos, sempre como exceção, nunca como regra.

Como você percebe quando uma orientação foi bem-sucedida?

Uma orientação bem-sucedida pode ser mensurada pela apreciação da banca, primeiramente. A satisfação do pesquisador, a obtenção dos resultados almejados, a abertura para novas explorações e sobretudo os reflexos nas práticas cotidianas (a aplicabilidade dos resultados) são fatores de satisfação e, portanto, indícios de uma orientação bem realizada. Entendo que a boa orientação deva ser mais vigorosa do que rigorosa.

Uma orientação que se oriente pelo rigor do método ou pelo acerto estrito às demandas do orientador tende a engessar a criatividade do orientando, sendo, portanto, nociva. Uma orientação que se pautar no estímulo à criatividade, na motivação pelas descobertas e inovações, ainda que fuja dos rigores do cânone metodológico, é mais produtiva do que aquela que se conserva estritamente nos limites da cientificidade.

O que é uma orientação que fracassa?

Uma orientação fracassa quando o diálogo entre orientador e orientando é dificultado ou inviabilizado, seja por questões de falta de empatia, desconfiança ou competitividade. Em suma, quando há indisposição mútua para a cooperação.

Outros elementos podem interferir para que uma orientação seja malsucedida, uma delas a imposição do orientador acerca da vertente teórica a seguir pelo orientando. Normalmente os orientadores tendem a sugerir ao orientando aquela linha que ele conhece e na qual é mais seguro. Compreensível, mas nocivo para a pesquisa. Melhor encaminhar o orientando para outro orientador.

Outra atitude nociva é o orientador desdenhar (e inviabilizar) das demais opções metodológicas. Como oriento na linha da Semiótica, uma área vista com menos simpatia por muitos orientadores, é comum receber orientandos “desprezados” por outros orientadores que não admitem essa linha teórica (porque não a conhecem ou conhecem mal) como possibilidade de pesquisa.

O processo de orientação de pesquisas em Comunicação, na sua opinião, possui diferenças se comparado com outras áreas do conhecimento?

Comunicação é uma área multidisciplinar, um lugar de convergência de diversos saberes. Por isso mesmo é a área que deve reger essa conversa entre diferentes disciplinas. Essa talvez seja uma das principais diferenças a acentuar. Como área de concentração de diferentes saberes, ela deve contemplar epistemologias diferenciadas e muitas vezes paradoxais, até mesmo contraditórias. Isso provoca discussões e debates muito produtivos, impossíveis de surgir em cada área positivamente considerada. Devemos estimular esse tipo de debate e motivar os alunos a buscarem conhecimentos em áreas afins ou correlatas, ainda que divergentes e antagônicas.

Que diferenças você identifica entre o processo de orientação de um estudante de graduação e de um estudante de pós-graduação?

O estudante de graduação ainda é um aluno que assiste aulas e busca aprender com o professor. O estudante de pós-graduação é um investigador, que se serve dos subsídios das aulas para promover sua pesquisa. Isso significa que o aluno de Pós precisa de autonomia e

independência para trabalhar, ao passo que o aluno de graduação precisa de uma assistência mais estreita e pedagógica.

Ambos, porém, precisam entender que não estão trabalhando para o orientador mas para a ciência, desprezando-se do vício “infantilóide” de trabalhar para alguém que o supervisiona ou que avalia seu trabalho. Trabalhar para avançar o conhecimento é a meta de pessoas que pesquisam com maturidade e profissionalismo.

Evidentemente, alguns orientadores não gostam disso porque assim temem perder o poder de ascendência sobre seus orientandos. Talvez por isso estimulem a obediência e o cumprimento rigoroso de suas orientações. Isso é péssimo para a formação de um pesquisador, mas às vezes providencial para as necessidades pessoais de poder do orientador.

Saber lidar com a autonomia do orientando, inclusive estimulando-a sempre, é uma das principais virtudes do orientador, no meu modo de ver. É assim que acredito e é assim que trabalho.

Como funciona sua dinâmica de orientação de trabalhos acadêmicos?

Como disse, trabalho estimulando a autonomia e a independência do orientando. Muitos não gostam, preferem um orientador paternalista e autoritário. Geralmente não aceito esse último tipo de orientando. E quando sou obrigado a aceitar, não cumpro as expectativas deles.

Marco um primeiro encontro, no qual coloco as linhas gerais da orientação, discutimos o objeto de pesquisa e as possibilidades de abordagem.

A seguir, peço que o orientando esboce um sumário tentativo da dissertação, ou seja, que sonhe com um índice do trabalho finalizado: os capítulos, itens, subitens etc. Um exercício livre, de futurologia e de imaginação. É com base nessa “viagem” do orientando que vamos começar a dar forma à organização da pesquisa.

A partir daí estabelecemos alguns prazos e novos encontros. Caso o orientando não compareça ou não cumpra o acordado, eu não o procuro nem cobro. A responsabilidade pelo cumprimento do acordo e pelas consequências do não cumprimento é dele. Faz parte do princípio da autonomia e da liberdade, combinado no primeiro encontro. Gosto também de estipular o tempo gasto na orientação presencial. Geralmente 90 minutos, no máximo.

Que sugestões você daria para aprimorar a relação entre um orientador e seu orientando no processo de investigação científica?

Minhas sugestões de atitudes para o orientador são as seguintes: empodere ao máximo o orientando; evite atitudes paternalistas; busque profissionalismo nas relações, evitando intimidades; privilegie o vigor ao rigor; valorize os pontos positivos do orientando; não revise seus textos; exija que seja entregue texto escrito após cada fase cumprida, pois geralmente há muita conversa e pouca escrita; não exija o comparecimento do orientando, é ele quem precisa se interessar e buscar sua orientação, faz parte da “pedagogia” do adulto; nunca deixe um con-

tato sem resposta; exija níveis de superação, mas combine antes esses níveis com o estudante; não alimente no orientando sonhos megalômanos, pois o TCC ou a dissertação será sempre inferior ao que ambos gostariam que fosse; não force a barra para que alunos de graduação façam pesquisa acadêmica, pois a maioria não nasceu para isso e pode morrer por isso; estimule alunos de graduação que gostam de pesquisa e que se envolvem em Iniciação Científica.

A celebração do encontro: Dácia Ibiapina

por Luísa M. B. Montenegro

A tarefa que nos foi proposta como encerramento da disciplina Metodologia em Comunicação foi a entrevista com alguma orientadora ou orientador sobre o processo de orientação. Creio que a maioria de nós alunas e alunos estávamos (e ainda estamos) ansiosas com nossos projetos, objetos, recortes, métodos e técnicas. Afinal, durante os próximos quatro anos, a maior parte de nossos esforços estará reunida em torno dessas escolhas. Esse compartilhar de ideias, aflições e incertezas faz com que o processo de orientação seja um dos tópicos populares em nossas aulas.

Decidi entrevistar minha própria orientadora, Dácia Ibiapina, professora de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB). Dácia me acompanha desde o mestrado, quando me deu aula e participou de minhas bancas de qualificação e defesa de dissertação. É engenheira por formação, mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e possui estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí.

Dácia também é cineasta premiada. Produziu e dirigiu os documentários *Palestina do Norte: o Araguaia passa por aqui* (1998); *O chiclete e a rosa* (2001); *Vladimir Carvalho: conterrâneo velho de guerra* (2005);

Cinema Engenho (2007); *Entorno da Beleza* (2012); *O gigante nunca dorme* (2013); e *Ressurgentes: um filme de ação direta* (2014).

Embora o produto final esperado fosse um texto para a confecção de um livro com relatos e entrevistas sobre o processo de orientação, aproveitei a oportunidade para filmar a entrevista e transformá-la em um curta documental com a professora. Afinal, cinema documental é uma das minhas áreas de interesse – uma área onde ainda engatinho. A proposta de um curta é condizente com a trajetória da professora e mais uma oportunidade para compartilhar de seus conhecimentos acadêmicos, técnicos e de vida.

No dia marcado, uma segunda-feira à tarde, cheguei dez minutos antes do combinado à kit comercial que a professora Dácia carinhosamente apelidou de “salinha”, munida de uma câmera de mão amadora. Dácia já estava lá e me recebeu à porta. A salinha é um espaço que a professora aluga há anos para conduzir suas orientações e trabalhar em seus filmes, projetos e artigos. É ampla e bem organizada, em uma entrequadra arborizada do Plano Piloto.

“Você trouxe tripé?”, Dácia me perguntou. Assumi o meu amadorismo e disse que não. Dácia, com generosidade e paciência, começou a me mostrar onde poderia se posicionar, para que eu escolhesse o melhor cenário de fundo. Liguei a câmera e comecei a filmar nossa preparação – para mim, que não tenho qualquer experiência filmando profissionalmente, uma aula. Sugeri que usássemos livros em cima de uma mesa como tripé. Debatesmos brevemente sobre conceitos como luz, enquadramento, posicionamento de câmera, Dácia me explicando

as necessidades e exigências de cada um. A professora levantava-se, mudava de lugar, acendia um abajur para melhorar a iluminação, começava a puxar uma mesa para melhor posicionar a câmera em seu tripé improvisado de livros e teses, toda experiência e generosidade.

Quando, finalmente, achamos o melhor enquadramento, começamos a entrevista. Quem já entrevistou alguém (em um encontro, ainda por cima, filmado), sabe que, quando anunciamos que daremos início, o momento muda: há uma “quebra”, como uma claquete de diretor anunciando o início de uma tomada, e o encontro, de repente, se torna mais oficial.

“É estranho para você estar desse lado aí da câmera?”, quis quebrar o gelo. Não era muito original, mas Dácia foi generosa com minha tentativa, rindo. Expliquei o motivo da entrevista e comecei com a primeira pergunta proposta.

De maneira geral, minha impressão sobre as respostas de Dácia é que ela não romantiza o processo de orientação, ao mesmo tempo em que não enxerga como uma receita de bolo. Durante a entrevista, Dácia repetiu várias vezes que cada orientação é uma orientação diferente. A professora parece enxergar o processo de orientação em sua dimensão humana, onde duas pessoas com qualidades e defeitos, expectativas e bagagens diversas se propõem a colaborar em um trabalho científico. “A relação de orientação é uma relação que envolve muita cumplicidade”, foi a frase de abertura da entrevista. “Ao mesmo tempo é importante que o orientador e o orientado respeitem o espaço de cada um”.

Com sua voz calma e pausada, ao responder sobre os limites da orientação a professora Dácia optou por frisar o papel do orientador. Em suas palavras, “dar segurança para quem ele orienta. (...) Em um processo de formação é necessário que a pessoa se sinta apoiada, segura. Isso é uma das coisas que um orientador deve tentar oferecer para quem ele está orientando”.

Do meu local de fala de orientanda, na outra ponta da relação de orientação, concordo com a professora. Essa parceria revela muito sobre o estilo de orientação em que Dácia acredita. Quando aborda os limites efetivos da orientação, Dácia não aponta o dedo para a pessoa que é orientada (o elo mais fraco na relação de poder), mas para a que orienta: “acho que é importante que o orientador dê espaço para que o orientando possa construir seu objeto de pesquisa sem se sentir pressionado. O orientador não deve impor seu ponto de vista, sua bibliografia e referencial teórico e querer que o orientando faça seu trabalho no sentido de construir um trabalho de pesquisa daquele professor. É muito bom que coincida, que o objeto do orientando tenha a ver com o objeto do orientador, mas aí é preciso, com muito cuidado e delicadeza, manter uma linha para que exista a autonomia daquela pessoa que está pesquisando, para que ela possa pensar com certa autonomia aquele objeto de estudos”.

Curiosa com o lastro que uma orientadora ou orientador pode deixar no trabalho de uma pessoa, perguntei para a professora (que já participou de quase 150 bancas de graduação, mestrado e doutorado) se essa influência torna-se perceptível no trabalho final. Prática, Dácia aponta alguns exemplos de como o orientador pode ser facilmente reconhecido: pelo referencial teórico, esco-

lhas metodológicas, temas, bibliografia. O que não é, na visão de Dácia, necessariamente problemático. “Não vejo nenhum problema, desde que a orientanda ou o orientando tenham tido seu espaço para questionar, agregar novas possibilidades ao trabalho e construir essa autonomia. Uma opinião bastante pessoal, mas acho que no processo de orientação, que é um processo de formação de um pesquisador, a autonomia deve ser pensada”.

A autonomia, aliás, parece ser a palavra de ordem – embora desconfie que Dácia não seja adepta de palavras de ordem. Pergunto sobre as diferenças entre orientações de graduação, mestrado e doutorado, e Dácia ancora a resposta na autonomia esperada de cada pesquisadora e pesquisador, de acordo com o grau em que se insere. A autonomia também aparece quando pergunto se existe diferença na relação entre a orientadora e as pessoas que orienta nos graus de mestrado e doutorado. “No mestrado, por serem só dois anos, a orientação tem que ser mais firme, com número maior de reuniões de orientação, de interferência da orientação no trabalho, para que ele realmente possa ficar pronto em dois anos”.

Quando questionada sobre os elementos de uma orientação de sucesso, Dácia é taxativa: “Quanto a isso, não tenho dúvidas. Uma orientação de sucesso é aquela que vai até o final e tem um produto no final, pronto, seja a dissertação de mestrado, a tese de doutorado, a monografia de graduação, o que for. (...) A pior tese é aquela que não é concluída, a pior dissertação é a que não é concluída e o pior trabalho de graduação é aquele que o aluno não consegue defender para se formar”.

Medir o sucesso de uma orientação é uma tarefa que poderia ter ido por muitos caminhos – que, certamente, foi pelos caminhos mais diversos nas respostas de outras orientadoras e orientadores no livro onde este relato será publicado. A resposta da professora, em minha análise, reforça a ideia de que não adianta tentar apontar, categorizar, achar inferências: cada orientação é única, e, no final do dia, as diferenças e similaridades entre orientações podem apenas ser medidas pelo grau de efetividade que alcançam.

Após essa fala, intui a resposta de Dácia para a próxima pergunta (“o que é uma orientação que fracassa?”). Mesmo assim, perguntei, e a professora não frustrou meu palpite: “é aquela que não chega ao final”. Ela ri. “Eu acho isso”, completa, sorrindo.

Anteriormente, quando questionada sobre as diferenças entre orientação de estudantes de diferentes graus – iniciação científica, graduação, mestrado e doutorado –, Dácia já havia apontado as peculiaridades do curso de Comunicação, ao referir-se sobre os limites da orientação na graduação. “A Comunicação tem um peso muito grande na profissionalização, nas questões de mercado, de rotinas de produção e de produtos de Comunicação, enquanto outros cursos têm uma pegada mais teórica, como as Ciências Sociais, a História, dentre outras áreas que formam mais um pesquisador do que um profissional para atuar no mercado de trabalho daquela área. Isso faz uma diferença. O aluno de Comunicação, durante a graduação, fica muito preocupado em aprender as técnicas de produção, porque ele acredita que vai trabalhar com isso”.

Assim, quando chega o momento na entrevista para perguntar sobre as peculiaridades das orientações de Comunicação, foco na pós-graduação. De primeira, Dácia aponta as diferenças formais. Vai para as exatas e frisa a importância do texto nas humanidades. Porém, à medida que avança em seu pensamento, aponta algumas peculiaridades de nosso campo. “O que vejo é a Comunicação como um campo de estudo muito desasossegado, porque as inovações acontecem muito rápido, então acho que a Comunicação paga um preço por isso. As mudanças são tão rápidas que não dá para se consolidar as metodologias, os métodos de pesquisa, os referenciais teóricos”.

“A gente nunca sabe se o nosso objeto estará vivo amanhã”. Não aguento a deixa e interiro – já que estudava a EBC, desmantelada no governo Temer, desde a graduação.

Dácia sorri, parecendo genuinamente divertida. “É”. Conclui sua resposta: “E a Comunicação está muito presente no cotidiano e tem muito a ver com a política também. Com todo tipo de política: com questões ideológicas, questões partidárias, questões de governo. A Comunicação tem uma atuação política muito forte. Isso também tem uma repercussão nas pesquisas de Comunicação. Quando um jornalista está fazendo um doutorado, ele tem uma relação geralmente muito próxima com os veículos de comunicação, com assessorias, com comunicação governamental. Todo mundo fala ‘não, eu sou assessora de comunicação do Ministério da Educação, mas na minha tese vou ser totalmente independente’, mas não é assim. Acho que essa independência e autonomia do pesquisador em relação ao seu objeto fica mais prejudicada na Comunicação”.

Pego o gancho e pergunto se ela incentiva suas orientandas e orientandos a compartilharem em seus trabalhos seu local de fala. Dácia cruza as pernas, as mãos sobre o colo. “Com certeza. Explicitar de onde você fala é fundamental na pesquisa, porque nós somos nós e nossos constrangimentos todos”. Sorrio. Compartilho de muitas opiniões de Dácia, mas dessa, compartilho com muita paixão. “Acredito que a pesquisa reflete imensamente quem a realizou. Explicitar o seu local de fala é uma forma de honestidade acadêmica.

Peço licença para olhar minha lista de perguntas e percebo que esta é a última proposta no exercício. Como orientanda de Dácia, tenho interesse especial nesta: “que tipo de acompanhamento você dá? Que processos são realizados?”. Prendo a respiração esperando a resposta da professora. Ela suspira, olha para cima, como que refletindo. “Quando recebo um orientando, ele está entrando no mestrado ou doutorado”, volta a encarar a câmera, “faço uma ou duas reuniões no primeiro semestre e recomendo que se dedique às disciplinas que vai cursar, que geralmente são Teorias da Comunicação e Metodologia em Comunicação. Acho que no primeiro semestre é importante ele ou ela se dedicar muito a essas disciplinas, porque irá encontrar nessas disciplinas os textos, os autores, conceitos e estruturas de pesquisa para que possa construir seu objeto de estudo. No segundo semestre temos que ter mais reuniões. O orientando tem de começar a escrever sobre seu objeto de pesquisa e aí é uma orientação mais presente. Acho que no final do primeiro ano é bom que esse objeto esteja definido, para que, a partir daí, haja um foco nas leituras, nas pesquisas, para buscar um caminho que já tenha um ponto de chegada pretendido – embora o ponto de

chegada possa mudar. Os recortes, em minha opinião, devem ser feitos no primeiro ano de orientação”.

Para uma doutoranda que, como eu, manteve a temática, mas está mudando o objeto, a resposta de Dácia é um alívio. Relembrando minha própria trajetória, minha experiência foi como a descrita por ela: tive dois encontros com a professora e me dediquei às disciplinas e às vivências na pós-graduação, lendo bastante sobre meu tema, mas sem delimitá-lo. Deixando a entrevistadora de lado, pergunto, curiosa pelos meus próximos três anos e meio: “e a partir daí?”.

“A partir daí já é fazer a pesquisa, ir realmente atrás do que foi definido que é necessário conquistar ao longo da pesquisa. Se vai ser uma pesquisa em matérias de arquivo, então ir atrás desse material de arquivo. A pesquisa bibliográfica percorre todo o período da orientação, até mesmo no final. Você está terminando e às vezes é publicado um livro que é fundamental para sua pesquisa. De qualquer maneira, você tem que mencionar. (...) Isso é um papel do orientador também”. Dácia ajeita os óculos. “Fazer com que a pessoa entenda que aquela pesquisa que está fazendo não tem fim, não precisa ter fim. Pode ser um tema para a vida toda, mas esse grande projeto de pesquisa tem etapas. É importantíssimo fechar uma etapa para abrir outra, e outra, e outra”. Sorri.

Como Dácia voltou à temática do papel de quem orienta, insisto em perguntar quais são, na opinião dela, as qualidades de uma boa orientadora. Ela amarra a entrevista com sua percepção humana do processo de orientação: “Acho que cada orientação é única. Então, às vezes um orientador que é bom para um determinado orientando não é bom para outro”. Ela ri e complementa:

“Depende do momento, da forma como se constrói aquela relação”.

“Então não é nem o orientador nem o orientando, é o encontro?”, provoco.

“É o encontro”. Dácia diz, sorrindo. “Acho que é realmente de mãos dadas”. Ela ri. Agradeço e desligo a câmera, e partimos para a orientação.

Entre-laçamentos orientador-orientado na pesquisa científica: Renata Marcelle Lara

por Renata Marcelle Lara e Francisco Verri

Sala de professores. Trabalhos e provas corrigidas dividem espaço com livros obrigatórios às disciplinas. Ao lado, um computador com uma série de publicações, escritos e experiências que harmonicamente reproduzem o ambiente acadêmico. Na porta, uma homenagem aos anos dedicados ao trabalho de conclusão de curso (TCC), dissertação, tese, artigos, capítulos e disciplinadas cursadas que permeiam a transição do lugar de aluno-orientando para professor-orientador. O nome marcado na entrada o conduz ao lugar de fala de um sujeito provido de conhecimentos, experiências e posicionado no campo científico, autorizado em meio aos constrangimentos e regras que regem a relação de forças dentro desse campo (BOURDIEU, 2004). No oposto, encontra-se o discente. Iniciando na pesquisa ou selecionado em um processo seletivo, quando em nível de pós-graduação. Apresenta-se ao seu orientador com suas ideias, objetos de estudo e experiências próprias. Em seu *laptop*, projeto, rascunhos, ideais e sua trajetória acadêmica. Em comum, expectativas mútuas de desenvolvimento acadêmico, marcado em um percurso de construção coletiva, na troca de conhecimento e de confiança na parceria.

Embora um exercício imagético, o encontro remete-se a uma vivência intrínseca àquele que hoje assume o lugar de fala de orientador, mas que outrora encontrava-se na condição de orientando, assim como do discente que planeja seu caminho para alcançar a

posição daquele que orienta. Nas próximas páginas, as percepções sobre o processo de orientação de uma parceria que se repete depois de quase dez anos, quando concluiu-se o projeto de iniciação científica que resultou no artigo *Identidade jornalística no discurso da Fenaj pela obrigatoriedade do diploma*, apresentado no *II Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários* (CIELLI). Na posição de orientadora, Renata Marcelle Lara, atualmente professora doutora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Como orientando, o então graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, hoje inscrito no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade de Brasília (UnB), Francisco Verri.

Sobre os *entre*-laçamentos orientador-orientando na pesquisa científica: do lugar de fala da professora-pesquisadora-orientadora Renata Marcelle

Eu sou uma ferrenha defensora da pesquisa científica e do que ela pode fazer pelo sujeito, ao mesmo tempo em que problematizo os riscos aos quais ela pode submeter esse sujeito ao revelar e/ou sufocar suas *im*-possibilidades.

Quando recebi o convite de Francisco Verri para escrevermos em autoria conjunta este texto, fui antes abatida por um misto de surpresa e contentamento. Mais um aluno, muitos anos depois, me escrevia situando-me acerca de seu lugar no campo da academia e da pesquisa como continuidade de um percurso iniciado na graduação. E mais, fazendo-me um convite para escrever sobre a relação orientador-orientando em âmbito da investigação científica. Fui realmente tocada por este con-

vite, antes por aquilo que ele materializa da trajetória de Verri e da minha própria trajetória, como um *re-acender* de esperança frente a todos os percalços que nós, educadores, temos sofrido no cenário político-educacional brasileiro. Foi neste momento que também me lembrei de que, certa vez, outro aluno¹ de Jornalismo – eterno orientando, no sentido de laços eternizados e indissolúveis de uma trajetória que o tempo cronológico não consegue apagar e sim reforçar/reavivar – me disse muito tempo depois, já na pós-graduação, que eu precisava escrever um livro sobre metodologia de pesquisa. E isso ecoou tantas vezes que, embora não tenha me levado a escrever propriamente um livro, levou-me, ao menos, à escrita de um artigo que publiquei em 2016 na *Entre-meios: Revista de Estudos do Discurso*, da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), sob o título *A configuração de objetos de pesquisa discursivos em material midiático* – discussão que problematiza possíveis relações entre as áreas da Comunicação e da Linguística, pela Análise de Discurso, a partir de materiais midiáticos para construção de objetos discursivos.

Ao longo da minha trajetória, recebi vários outros retornos de alunos, muitos querendo sanar alguma dúvida refere à elaboração de projeto de pesquisa para pós-graduação ou mesmo curiosos sobre como se delineia um processo seletivo para ingresso na docência no Ensino Superior. Isso tudo me levou/leva continuamente a defender para mim mesma que, apesar de todo o ranço

1 Refiro-me a Guilherme Adorno, orientando que, na graduação, provocou o desafio mútuo que nos levou a trabalhar no entremeio teórico e metodológico dos Estudos da Cultura Latino-Americanos e da Análise de Discurso francesa, de vertente materialista, fundada pelo filósofo Michel Pêcheux, duas abordagens com as quais já me identificava nos territórios da pesquisa científica. Ainda hoje Guilherme, já no pós-doutorado, continua produzindo provocações desafiadoras.

em torno das metodologias de pesquisa e/ou dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) – muitas vezes mal delineadas(os) ou indevidamente desenvolvidas(os), principalmente nos cursos de graduação –, eles deixam traços no sujeito que afetam a sua/minha trajetória acadêmico-profissional.

Lembrei-me, também, de um convite inusitado que recebi em 2015 para participar de uma mesa-redonda sobre *Colunismo Social na Sociedade do Espetáculo*, como parte da programação do Intercom Sul, realizado na Universidade da Região de Joinville (Univille), e que resultou, posteriormente, no capítulo intitulado *O irrealizado do (colunismo) social na cidade espetáculo*, publicado no livro *Comunicação na Sociedade do Espetáculo*, pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), em 2016.

Eu me interrogava por que teriam me convidado para falar de uma temática que não era por mim investigada, ou seja, o colunismo social. Então me lembrei de um projeto de iniciação científica de uma aluna de graduação em Jornalismo, que eu havia orientado em 2009, cuja temática trazia uma abordagem discursiva do colunismo social, tendo resultado em publicação de anais de evento científico². Já no Intercom Sul, a comissão me confirmou que foi em virtude deste trabalho, localizado pela internet, da aluna em coautoria comigo, que se deu o convite, pois gostariam de ouvir uma abordagem acadêmica sobre o colunismo social. Foi aí que me dei conta, de forma mais marcada, como o nosso trajeto como orientadora, respeitando os interesses e as *im*-possibili-

2 O trabalho é intitulado *A discursividade do colunismo social brasileiro*, publicado em anais do VI Encontro Internacional de Iniciação Científica Cesumar, em 2009.

dades dos alunos, casados aos nossos/nossas, podem repercutir social e academicamente, de forma contínua, nos desafiando até quando nos validam.

Orientar e realizar pesquisas são um processo incômodo, inquietante, desafiador de nossas próprias *im*-possibilidades. O que sempre me levou à pesquisa foi a provocação e não a segurança, a dúvida e não a “certeza” (efeito certeza). Eu não queria ouvir o que geralmente se quer ouvido, ou seja, que estava “correta” e “suficiente” a minha pesquisa. Queria ser questionada, provocada, indagada naquilo que se apresentava como sendo “correto e suficiente”. Aprendi muito com as minhas inquietações que insistem em me colocar em movimento. Assim se deu meu encontro com a Análise de Discurso. Esse contínuo inquietar, desestabilizar, interrogar, movência.

O que a pesquisa científica como inquietação e não como (ilusória) certeza me ensina é antes aprender a suportar a mim mesma no *re*-conhecimento do outro/Outro³ como constitutivo de mim. Foi neste suportar, neste *re*-conhecimento, que me constitui pesquisadora, entre as instâncias incertas dos *des*-encontros entre Comunicação, Educação e Linguística, hoje, também das Artes Visuais, curso em que atualmente leciono na graduação, depois de um longo trajeto pela Comunicação (Jornalismo e Publicidade e Propaganda). No meu percurso, deparei-me com pesquisadores demarcados em seus espaços teóricos, reconhecidos como tais, que souberam me permitir materialmente mover-me⁴.

3 Em menção ao “outro” minúsculo e ao “Outro” maiúsculo da Psicanálise lacaniana.

4 Aqui me refiro, carinhosamente, a Maria Cecília Carareto Ferreira, orientadora de Mestrado (Unimep), a Belarmino César Costa, coorientador de

Assim como esclarece Althusser (1978) que as classes não existem previamente ao processo de luta, mas é no processo de luta que elas se reconhecem como classe⁵, eu diria que para além do que se pensa ser o pesquisador uma categoria pré-pronta para ser assumida por alguém que chega ao âmbito da academia e precisa desenvolver uma pesquisa, não se é previamente pesquisador e não se torna pesquisador somente por desenvolver uma pesquisa. É no processo de pesquisa que o sujeito se descobre pesquisador, assim como é no processo de orientação que o sujeito se torna orientador e não simplesmente por assumir tal posto.

Frente a isso, do lugar de professora-pesquisadora-orientadora, ao se abordar a relação orientador-orientando na pesquisa em Comunicação, penso que o desafio está antes em conhecer certas especificidades da pesquisa científica do que destacar as especificidades da pesquisa científica em comunicação.

O que almejo, neste texto, é justamente sair da sustentação do meu dizer em dizeres clássicos e/ou reproduzidos da metodologia de pesquisa. É por isso que não cito

mestrado (Unimep), e a Suzy Lagazzi, igualmente orientadora de Mestrado, no sentido em que a orientação, para além dos trâmites burocráticos, se efetiva, em múltiplos sentidos, vindo a ser, posteriormente, orientadora do doutorado (Unicamp). Com eles aprendi a lidar com meus conflitos e com os conflitos entre áreas e teorias, transitando por eles e deles me valendo. A eles devo meus infinitos vãos materiais, minha unicidade múltipla e minha multiplicidade única.

5 Em nota, Althusser (1978, p. 27, grifos do autor), em referência à tese marxista-leninista, afirma que esta “põe a luta de classes em primeiro plano”. Segundo ele, “filosoficamente, isso quer dizer: ele afirma o *primado da contradição sobre os contrários* que se enfrentam, que se opõem”. E continua: “A luta de classes não é o efeito derivado da existência das classes, que existiriam *antes* (de direito e de fato) de sua luta: a luta de classes é a forma histórica da *contradição* (interna a um modo de produção) que *divide* as classes em classes”.

tais livros. Não porque desconsidere a sua relevância ou a negligencie ou plagie – até porque, já estão respaldados no/pelo discurso da ciência – mas porque os desloco em minha prática de professora-pesquisadora-orientadora para dar visibilidade a uma construção *con*-junta orientador-orientando em processo. É este processo de pesquisa, sobre o qual teço comentários sequencialmente, que pode permitir ao sujeito se descobrir como pesquisador – e isso tenderá a fazer sentido na sua trajetória para além daquele momento em que se pesquisa.

A definição do referencial teórico e da bibliografia base

Defendo a definição do referencial teórico previamente à delimitação temática e do objeto de investigação. Isso porque o objeto de investigação, que é parte constitutiva do tema, assim como este mobilizam termos que são conceituais, ou seja, termos investidos de sentidos dentro de uma dada teoria. Por exemplo, os termos ideologia e sujeito não significam a mesma coisa numa vertente pragmática comunicacional e na teoria materialista do discurso. Há, inclusive, termos que são interditados em determinados referenciais teóricos justamente pelos sentidos com os quais são identificados em tais referenciais. É o caso, exemplificando, dos termos indivíduo e mensagem, fortemente atrelados ao sujeito da consciência. Logo, para poder formular um tema em que o objeto a ser investigado se inscreva, requer-se do pesquisador o conhecimento do objeto teórico de uma dada teoria com a qual se identifique para que o seu objeto de investigação, a ser construído, se sustente teórica e também metodologicamente – até porque há teorias que já dispõem de um método específico de investigação,

sendo que outras necessitam realizar apropriações⁶ de métodos advindos de outras teorias e áreas do conhecimento a fim de reconfigurá-los dentro de sua área de investigação e conforme os fundamentos do seu referencial teórico. Além disso, mesmo estando ancorados numa determinada teoria, há necessidade de delimitação da bibliografia base a ser empregada, pois por mais que se investigue norteado pelos mesmos pressupostos teóricos, a diversidade de objetos de investigação por diferentes pesquisadores vai construindo percursos investigativos que associam temáticas investigadas com pesquisadores específicos daquele quadro teórico.

A construção do objeto de pesquisa

Como visto anteriormente, o objeto a ser investigado é construído na relação com o objeto teórico da teoria e deve ser constitutivo da formulação temática, de modo que, ao se delimitar o tema, defina-se, nele mesmo, o objeto de investigação.

6 Tomo o sentido de “apropriação” aqui na perspectiva pecheutiana abordada por Indursky (2005) ao se referir ao trabalho teórico de reconfiguração do conhecimento realizado pelo filósofo Michel Pêcheux em relação à noção de formação discursiva elaborada pelo também filósofo francês Michel Foucault. A autora esclarece que “*apropriação* significa tornar seu um conceito proveniente de outro lugar e isto só pode ocorrer pelo processo de teorização. Transformar o conhecimento é teorizar. Este é o movimento que Pêcheux intitulou de *apropriação* e quando isto ocorre trata-se de reconfigurar o conhecimento e reinscrevê-lo em outro quadro teórico ou em outro domínio do saber, de onde decorre sua ressignificação. [...] Apropriar-se, pois, consiste em inscrever em um quadro teórico, pelo viés da teorização, um conceito que, com outra acepção, foi formulado em outro domínio de saber. A apropriação teórica produz, pois, a ressignificação de conceitos e noções: pelo viés da teorização, estas noções se modificam, se transformam” (INDURSKY, 2005, p. 188). Assim também penso quanto à apropriação do método de outra teoria pelo pesquisador. Ao trazê-lo de outro quadro teórico para mobilizá-lo no seu, tal método passará a funcionar na relação com o quadro teórico ao qual se associa, mas de forma reconfigurada.

A formulação do problema de pesquisa

O problema de pesquisa pode surgir da delimitação do tema/objeto de investigação, como uma forma de afunilar ainda mais o tema, por meio de um incômodo teórico-analítico, expresso em forma de pergunta única, como também pode ser, previamente, formulado a partir de um incômodo anterior que leve à delimitação temática e construção do objeto de investigação. Em ambos os casos, requer-se atenção redobrada do pesquisador, no sentido de observar se os termos conceituais mobilizados se sustentam na/pela teoria norteadora da investigação ou se estão soltos, sem base teórica – neste caso, requererá, possivelmente, uma reconfiguração dos termos empregados para que não se sustentem ou propaguem sentidos incompatíveis com a proposta e os interesses do pesquisador.

A elaboração dos objetivos

O objetivo geral deve conter o tema/objeto de investigação antecedido de um verbo que sinalize uma prática teórica, analítica ou reflexiva que dê conta da temática proposta. Os objetivos específicos são desmembramentos do objetivo geral, no sentido de detalhar as etapas que precisarão ser cumpridas, especificamente, pelo pesquisador, objetivando dar conta de atender ao que foi proposto em âmbito geral. Coerente com o referencial teórico, os objetivos não apenas requerem termos conceituais sustentados na/pela teoria, como também reivindicam verbos compatíveis com tal abordagem

teórica, tendo em vista que determinados verbos estão investidos de sentidos nem sempre possíveis dentro do quadro teórico investigado.

A construção do percurso metodológico

Refiro-me à construção do percurso metodológico aqui em dois sentidos. Um deles, o mais comum, diz respeito a como a pesquisa será desenvolvida em âmbito teórico, de campo e analítico, bem como de que forma se dará o processo de construção de algum produto comunicacional. É momento em que o pesquisador descreve como será desenvolvida a investigação, na relação com os objetivos propostos. O que compete à parte teórica, o que diz respeito à parte analítica, quais são os procedimentos em campo, como será realizada uma análise de algum material, de que forma será construído um determinado produto comunicacional respaldado no seu percurso investigativo. Enfim, dependerá do que a pesquisa comporta, se terá parte em campo, se haverá material de análise, se será construído ou não um produto comunicacional. Todas as etapas deverão estar em sintonia com os objetivos propostos. Caso não estejam, isso poderá ser um indicativo de que uma das etapas foi indevidamente formulada, os objetivos não dão conta do que se pretende investigar ou a descrição metodológica não deu conta de contemplar o que foi proposto pelos/nos objetivos.

O outro sentido ao qual me referi diz respeito ao planejamento estrutural da pesquisa, de modo mais amplo, já na relação com a estrutura redacional da produção científica, seja ela monografia, dissertação ou tese. Compreender que os objetivos da pesquisa sustentam a própria estrutura textual do trabalho significa que o que

se objetiva se materializará nas seções da monografia, dissertação e tese. Para tanto, o pesquisador, na relação com o seu orientador, construirá um esboço prévio da estrutura do seu trabalho, dimensionando o que será/ou poderá vir a ser contemplado em cada parte desta estrutura. Trata-se de um planejamento que não costuma ser solicitado previamente pelo orientador, tampouco elaborado conjuntamente com o seu orientando, em grande parte por ser uma prática que falta ao próprio orientador como pesquisador e condutor de seu percurso investigativo.

Uma versão entre outras: possibilidades de um “fechamento” em aberto

São inúmeros os desafios relatados por pesquisadores, tanto do lugar de orientandos quanto de orientadores, quanto ao processo de investigação. Contudo, considero que o desafio gritante ainda é a compreensão de que a pesquisa se faz numa constante e contínua tensão em que orientando e orientador são duplos e unos ao mesmo tempo. O processo de investigação é uma construção solitária e conjunta, que não se faz sem autocobrança e cobranças mútuas. Não cobranças como forma de acusar o outro de não cumprimento de uma responsabilidade, mas de responsabilizar-se por aquilo que se busca e se quer realizado, assim como pelo que não é possível realizar. E talvez a descoberta mais requerida: deixar de culpar o outro por aquilo que se é ou se deixa de ser, por aquilo que se faz ou se deixa de fazer, e passar a suportar o que precise ser suportado.

Sobre os *entre*-laçamentos orientador-orientando na pesquisa científica: do lugar de fala do pesquisador-orientando Francisco Verri

A formação do sujeito-pesquisador atravessa a barreira do tempo, em um movimento de inquietação e de contestação, que conduz os caminhos a serem trilhados no campo científico e, especificamente, no campo acadêmico da Comunicação. Não consigo imaginar ou, mesmo conceber, o eu-pesquisador sem as experiências e ensinamentos daqueles que me orientaram durante meu percurso acadêmico. O livro *De mãos dadas: uma reflexão sobre orientações na pesquisa em Comunicação*, proposta da disciplina de metodologia do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade de Brasília, *re*-acendeu o ensejo de mais uma vez retornar às origens da minha formação profissional de jornalista. Ainda que retorne constantemente pelas experiências vividas e conhecimentos adquiridos, o *re*-viver promove um misto de comoção e apreensão. Fundada, não mais, na relação formal entre orientando-orientador, a parceria se retoma em um novo momento em que se compartilha vivências.

O exercício de voltar traz à tona recordações de um sujeito-pesquisador nos princípios de sua formação acadêmica, imergido em dúvidas, inseguranças e ânsias para esclarecer seus incômodos referentes à comunicação e ao jornalismo. Em um percurso não-linear, demarcado pela transversalidade da comunicação – ciência política, a minha trajetória não seguiu os passos daqueles que caminham pelo mesmo objeto e referencial teórico. A inscrição no campo científico foi construída sob os preceitos da Dialética Materialista, Análise do Discurso, Semiótica da Cultura, Geografia Social do Voto e, agora,

das Teorias do Jornalismo e, coletivamente, com aqueles que contribuíram com tempo, conhecimento e orientações. O *re-viver* ascende inquietações silenciadas e remonta ao amadurecimento do sujeito-pesquisador em meio às experiências e carinho de quem contribuiu com minhas pesquisas e minha formação.

As breves considerações de um pesquisador em formação baseiam-se nas experiências de um sujeito em doutoramento, em contínua vivência com o orientar e sob os desafios e tensões entre orientando-orientador normatizados pelo campo científico. Um ponto de vista sobre o desenvolvimento da pesquisa em meio às diferenças e lugares de fala.

Tensionamentos e desafios: um olhar do orientando

Para além da confiança, o orientar se inscreve no ato de conceder. Na capacidade de concessão de cada pesquisador, subscrito em projetos, interesses e trajetórias próprios, em prol de uma simetria e sintonia no que é pesquisado. Uma construção coletiva, fundada nos esforços acadêmicos e saberes dos orientandos, mas, também, da contrapartida do orientado. Mais do que o compartilhamento de conhecimento, responsabilidade e tarefas, a orientação está intrínseca ao diálogo, regras bem estabelecidas e autonomias que balizam as concessões e caminham junto ao contínuo processo de orientação. Logo, pensar a orientação sob os olhos do orientando, é pensar em um andar conjunto, cujas contribuições e experiências do orientador se encontram em sintonia de intenções e expectativas sobre o percurso atravessado e os objetivos demarcados, criando pontes sobre diferenças e especificidades.

Consequência de vivências teóricas e empíricas, as etapas do projeto de pesquisa se constroem sobre movimentos do sujeito-pesquisador que retomam pesquisadores, professores e orientadores. Os nortes do trabalho decorrem da contínua formação do pesquisador e seu amadurecimento perante a academia. A consolidação de um referencial teórico-metodológico se consolida sobre os preceitos presentes na literatura sobre o tema, em complemento, com as experiências dentro da sala de aula, em eventos científicos, em publicações e outras atividades que percorrem a vida do pesquisador. O problema de pesquisa, uma inquietação pessoal e também científica que, assim como os objetivos, seguem as regras normativas do campo científico. Um requisito formal que, muito além de atender os protocolos de uma fase de formação acadêmica, percorre o desenvolvimento do pesquisador, na consolidação de seu trajeto e na identificação perante seus pares e campo de estudo.

Os tensionamentos entre orientando-orientador se encontram em conflitos que rondam a autonomia e dependências, trabalho individual e coletivo, compartilhamento e concessão. Desafios que pairam sobre os limites, responsabilidades e questionamentos sobre o papel do orientador no andamento de um projeto de autoria do orientando, os contornos de até onde pode chegar o dedo do orientador à independência de quem elabora o projeto, a atribuição de ambos sobre o resultado final perante a academia e as regras que regem esse processo. São inúmeras indagações que se equilibram em uma linha tênue de responsabilizações diante de seus pares, da instituição de ensino, de órgãos financiadores, do campo de estudo e profissional. Uma pesquisa ora solitária, ora conjunta, em constante evolução. O fato é que o sujeito-pesquisador se movimenta em um contí-

nuo ir-e-vir aos seus orientadores, em uma sintonia de interesses, conhecimentos que sedimentam a trajetória. O retomar e conceder que movem o percurso e o relacionamento entre orientando-orientador, em um tempo presente, regimentado em uma fase acadêmica ou, em um tempo passado, marcado pelo voltar.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Resposta John Lewis. In: _____. **Posições I**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 15-51.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

INDURSKY, Freda. Retomando de Pêcheux a Foucault: uma leitura em contraponto. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristiana Leandro (Orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 183-194.

LARA, Renata Marcelle. A configuração de objetos de pesquisa discursivos em material midiático. **Entremeios: Revista de Estudos do Discurso**, Pouso Alegre, v. 13, jul./dez. 2016. Disponível em: < <http://www.entremeios.inf.br> >. Acesso em: 9 jun. 2017.

_____. O irrealizado do (colunismo) social na cidade espetáculo. In: VENERA, José Isaias et. al. (Orgs.). **Comunicação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Intercom, 2016. p. 135-155.

Reflections about supervision in Communications Research: Gerry Leonidas

por Rafael Dietzsch

Gerry Leonidas is an Associate Professor at the Department of Typography and Graphic Communication, University of Reading, UK. Born in Athens in 1968, Leonidas works in the field since 1986, and at Reading since 1998. Programme director for the Master of Arts in Typeface Design program, he teaches design across various modules on undergraduate programme, supervises BA and MA dissertations, and supervises PhD researchers.

Leonidas' research interests focuses on typeface design processes, and Greek typeface design and typography. He is also interested in typographic education and the development of disciplines of study relating to fields of practice. The output of his research lies in the interface between established research outputs and the commercial world, with particular focus on knowledge capture within areas of practice, and knowledge transfer between researchers and practitioners.

Since the 1990s, Leonidas plays an important role as a consultant in Greek typography, supporting major software manufacturers and distributors such as Adobe, Microsoft, Monotype (and several others) in the development of Greek typefaces, and in the adaptation of Greek versions/counterparts for existent Latin designs.

Introduction

Write about the differences in supervision between Brazilian and UK schools (Reading, in special).

Limits and responsibilities of supervision

A lot has been written about supervision, although mostly for PhDs, and often in mainstream sciences or humanities disciplines. The volume of these guides seems to be proportional to the conventions about the format of a thesis or dissertation in these fields: so, Physics PhDs are written almost to a template, and you can find a lot of material on how to do them. In the Humanities things are a bit more interesting because there are more ways to define the “contribution to knowledge” (for PhDs) or “evidence of critical thinking about the discipline” (for MAs). Fields like VisComm are towards one end of the spectrum, where delineating the critical aspects, the original research, and the narrative elements are relatively uncharted, so the supervisor has much more work to do in this respect. So, the supervisors (SVs) not only guide the student in their specific research project, but they also help the student *define* what is appropriate research for their topic. And in typography in particular this is even more so, since the discipline is very interdisciplinary in its references, and draws on many fields for scholarship.

In this respect the SV needs to have a clear idea of what constitutes scholarship in the discipline, and guide the student to go to the appropriate depth in each of the contributing disciplines (e.g. social history, economic history, history of technology, history of printing, critical theory, art history, historiography, theoretical studies in design, and so on).

But the limits have a lot to do with the independence of the student as a trainee scholar: the SV is not ultimately responsible for the quality of work of the student, who needs to rise to the level of the challenge. The SV guides, but not does the work for the student. This means that the SV is not responsible for the failings of the student (just as the SV cannot take credit for the student's success).

A supervisor can be seen as a partner/co-author?

Partly I have answered this above: not a partner, but a guide who will use ideally questions rather than statements to facilitate the students' learning and writing. Having said that: in some disciplines in the sciences it is customary for the SV to be a co-author in published papers on the subject of the PhD; often in these cases the topic of the PhD is part of a larger funded project. This is not as much the case in the Humanities, and I'd be wary of co-authored papers that are based on supervision, unless the boundaries of contribution are very well established at the outset.

As a partnership (if it indeed is), what strengthens it, and what weakens it?

I don't think it is a partnership, because each side has different objectives and learns very different things. The student learns how to think, how to write, how to describe, how to extract meaning, how to argue. The SV learns how to help others build these skills, so it is a kind of meta-learning: with each supervisee I become better at helping others carry out their research, write about it, and become better at learning themselves.

This relationship relies on motivation, dedication, and good faith on both sides; and on a different set of mental skills from the student and SV. Any of these dropping or missing, and you've got a problematic relationship. Fundamental to these skills is the student's ability to be reflective and think critically about their subject: they need to be analytic with data (of all kinds), able to synthesise their observations into themes, and think about their subject in the abstract as well as the specifics. Indeed, the "knowledge generation" thing in the Humanities relies heavily on this ability to abstract hypotheses from observations, and map them onto further evidence.

(I am not commenting on external factors that influence the relationship, like funding etc., but they also apply.)

How to evaluate a successful orientation? What are the criteria and parameters? What about failures, as a supervisor?

By "orientation" you mean the initial induction?¹ I'd say that this is about building a good understanding of what is involved in doing research (so quite a few practical techniques) and a foundation of skills in writing and structuring information. Depending on the nature of the research project there might be different requirements (e.g. skills for working with archival material, or skills in

¹ While editing the text, I noticed that the interviewee understood *orientation* as *initial induction* (at Reading, it means research methods and other related lectures, supervision reunions and further tutorials, right at the beginning of the program). I asked Professor Leonidas about this, and he added the comment: "I probably misunderstood... indeed induction and orientation are similar or identical here, in that they are limited periods at the beginning, whereas supervision is continuous. Induction can be more wide than supervision: part of it may be by the supervisor, and part of it by other staff (including non-academic)".

documenting interviews). A good way of evaluating the success of such training is to see if the student conducts some research and then does not need to return to the original source (text or object) later: if they've taken the right pictures, made the right notes, then it should all be in their working documents.

This relates to tools and techniques of documenting stuff. Discussing options and contemporary tools for reference management and “everything buckets” like Evernote is a good thing to do at the outset. Ditto writing tools, and the range of options from simple text editors to word processors to dedicated writing tools like Scrivener and Ulysses. A good intro session should raise this as a discussion point, and then students need to figure out themselves what is appropriate for their project and their style of working.

A good orientation session should also give students examples of good writing, but not just in the final stage, but as evolving material: so, successive drafts of the same article, for example, with the changes explained.

Being a supervisor in a Communication postgrad course is different that in other disciplines?

I addressed this partly in the previous answers: the field has a relatively young history of scholarship, it has no clear demarcation of the related fields it draws on (this depends hugely on the institution and the individual academic), and it has no universally accepted body of reference works. It also suffers from students at lower levels of the degree scale that do not see research as an integral part of their education, even though seeing Communication as a practical only discipline devalues

the profession. So, the supervisor in a way has to ensure that the supervisees are good champions of the academic side of the discipline, and can contribute to its position in the Humanities. These are questions that I would like to ask myself.

You have a degree in Journalism, a field that is especially concerned with production and/or analysis of contents. How your academic background in communication can contribute to the postgrad research developed at Typography and Graphic Communication Department of The University of Reading, a school with a strong focus in areas such as design practice, history and technology?

Oh dear... this is so many years ago, that I don't know what the influence might have been. By the way, the Journalism thing was a Diploma; my first degree was a BSc Business Administration. But I am not sure that my focus on the business of type has much to do with that, either. I think it is more of a personal inclination to see things in larger scales, and try to identify patterns and themes, and then you can't avoid society and the market. For what it's worth, I think it is quite healthy to bring such perspectives into Typography, not least because it is an interdisciplinary field, but many who study and practice it see it as a narrow practical discipline. So, perspectives like mine are some sort of corrective to the tendency to focus on the practical elements only.

Something that is primarily a practical discipline is much more constrained in the meaning it contains: it is a matter of applying pre-existing techniques (so a form of imitation) with some room for refinement mostly driven by technological advances, and a quite large space for self-referential expression, "the designer as artist". I find

both of these perspectives uninteresting and shallow. On the other hand, viewing typography as a social enterprise allows you to consider a wide range of influences, and place design in a societal context. Then, even something as personal as a designer's striving for originality in form becomes a part of a deeper relationship between a range of contexts, and designers as active agents within those. The contexts can relate to technology, precedent, the market, ownership of IP, the roles of makers in a production chain, and so on. In this perspective designers are influenced and themselves influence the social environment they operate in. This is a much more interesting and rewarding area to work in, and research in this kind of typography tells us much more about how visual communication influences our society.

There is something that is quite unique about Typography Dept. in Reading, that is the approach to the study of non-Latin type and typography. In an interview you gave for Type Journal, you mentioned something related with the challenges in the process of designing non-Latin type, as well as teaching this subject to your students. What can you say about the process of guidance in research projects related to non-Latin scripts [follows the part of the text where you mention unfamiliar scripts, scarcity of resources, etc]?

The real challenge, where there has been a fundamental change in type design, involve the expansion of skills into non-Latin scripts. The level of knowledge required there to produce competent designs is not within the realm of the self-educated. The research and interpretation skills that a new designer would need to tackle unfamiliar scripts are simply not possible to develop on your own. And, unfortunately, for many scripts we do not have yet widely available resources to support this.

This area is leading the elevation of typeface design from a craft-based activity to a profession with a recognised body of knowledge and skills. We are still at the very beginning of this process, but in another ten years this will seem too obvious to mention.

Well, that sort of captures it. Designing for scripts you can't read and have no familiarity of their use in typography forces you to be very reflective and critical about aspects of design that otherwise you might make assumptions about, or not consider. It is, in that way, a great tool for reflective learning. The process of supervision in these cases has to balance the guidance on form, with the support of students as they develop fundamental skills in critical design, learn to map research in one area (e.g. historical printing) across other areas (e.g. a range of digital environments), and learn to think more abstractly about issues such as originality, identity, and innovation.

Orientação para a vida: José Marques de Melo¹

*por Pedro David Russi Duarte
e Paulo Vitor Giraldi Pires*

Aos 74 anos, está rodeado de jovens pesquisadores da Comunicação – seus orientandos de doutorado. Talvez esteja aí o segredo da força e alegria para prosseguir corajosamente com as atividades acadêmicas. Em cada palavra, memórias e reflexões, o professor José Marques de Melo não esconde sua paixão pelo ensino e, principalmente, em orientar seus alunos. Com mais de 50 anos dedicados à sala de aula e à pesquisa em Comunicação, ele continua na ativa, mesmo com as limitações do mal de Parkinson, diagnosticado em 2011.

Fala mansa, gestos lentos, porém com atitudes de um guerreiro midiático² e incansável estimulador da nova geração de cientistas da Comunicação. Ao longo de sua trajetória já orientou 94 dissertações de mestrado, 45 teses de doutorado e supervisionou 6 pós-doutorados. Atualmente, orienta quatro jovens doutorandos: Rodrigo Gabrioti, Rubens Lopes, Clarissa Josgrilberg e Ricardo Alvarenga que, gentilmente, colaborou nesta entrevista com o professor Marques.

1 Entrevista realizada em maio de 2017. O professor José Marques de Melo, primeiro doutor em Jornalismo do país e referência na área, faleceu em 20 de junho de 2018, aos 75 anos, antes da publicação desta obra.

2 *O Guerreiro midiático* foi nome utilizado por Sérgio Mattos, responsável por uma das biografias de José Marques de Melo, publicada em 2010, pelas editoras Intercom e Vozes.

José Marques de Melo: pai de família

Há mais de 47 anos é casado com Maria Sílvia Briseno Marques de Melo. Têm dois filhos, Silvana e Marcelo, além de três netos: Gabriel, Arthur e Beatriz. Antes de ser acometido pela doença, dividia grande parte do seu tempo entre as muitas atividades acadêmicas e a paixão de estar com a família. Durante a entrevista ao livro *José Marques de Melo, construtor de utopias* (2010), escrito pelo professor Antonio Hohfeld, ele desabafou: “Confesso que o trabalho acadêmico roubou boa parte do tempo que deveria ter dedicado à família. Felizmente minha esposa vem me acompanhando nas constantes viagens que faço pelo Brasil e pelo mundo”.

Percurso acadêmico: o visionário

Natural de Palmeiras dos Índios – Alagoas, José Marques de Melo é formado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1964) e Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (1965). Possui doutorado e livre-docência em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP) (1973), além de dois Pós-doutorados, um pela Universidad Complutense de Madrid, e outro, pela University of Wisconsin-Madison. Atualmente, é professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, onde exerce a função de diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação. Um dos grandes protagonismos do professor foi a criação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), entidade fundada por ele, em 1977, onde exerceu o cargo de presidente em dois mandatos.

Publicou meia centena de livros e coletâneas, mais de cem artigos em periódicos científicos do país e

do exterior. Fundou e dirigiu sociedades científicas no contexto iberoamericano. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo brasileiro, gêneros jornalísticos, pensamento comunicacional latino-americano, história das ciências da comunicação. Mesmo aposentado, continua prestando consultoria voluntária para instituições do Brasil e no exterior, além da produção bibliográfica conjunta com seus orientandos de doutorado. É referência na América Latina na área de Comunicação Social, com significativa contribuição para os estudos de jornalismo, difusão e consolidação do Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA) (cf. [lattes.cnpq](http://lattes.cnpq.br))³.

“Orientar é soltar as mãos”

Antes de começar a entrevista, o professor pede um copo com água. Na sala, estão seus orientandos que acompanham atentos seu depoimento. Trata-se de um momento precioso poder ouvir os sábios ensinamentos. Sentado em sua cadeira, o professor respondeu pontualmente a cada pergunta. A gravação, na manhã da quarta-feira, 31 de maio de 2017, durou exatamente quinze minutos. Com muito humor e sabedoria, o professor Marques recordou momentos significativos na trajetória da orientação e convivência com seus orientandos. Logo no início da conversa, destacou: “É da orientação que surge o conhecimento conjunto”. E, ainda, completou:

³ As informações sobre sua trajetória acadêmica foram retiradas integralmente do Currículo Lattes, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4271609139942812>. Acesso em: 4 de julho. de 2017.

A orientação é um caminho de mãos dadas, mas não podemos viciar em segurar nas mãos do outro. Porque, segurar nas mãos significa, muitas vezes, que você pode estar me inferiorizando, ou que eu não tenho capacidade. Então, o orientador, quando dá a mão ao aluno, tem que pegar e segurar – mas soltar as mãos o tempo todo, para que ele possa caminhar sozinho. Se ele (o aluno) não tiver a capacidade da autonomia intelectual, nunca vai brilhar (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2017).

Essa pergunta inicial da entrevista fez o professor recordar de sua primeira orientadora, ainda no tempo do então ensino primário, lá em Alagoas – a professora Claudete. “Ela nos ensinou a amar o nosso estado e ter orgulho de ser brasileiro. Hoje, infelizmente, esse saber não é valorizado em sala de aula. Foi a primeira orientação que recebi. Ela, na verdade, me orientou para o resto da vida”.

Outro fato marcante foi quando ela percebeu seu potencial de escrita (redação) e o orientou a fazer o teste de admissão para o Ginásio (hoje ensino médio). Foi aprovado! Ele recorda com carinho desta professora, já falecida, a qual marcou sua vida. O exemplo e amor da primeira orientadora ele trouxe para sua atuação profissional.

Após quase dez anos exercendo a atividade de jornalismo, integrando importantes equipes de grandes jornais como Gazeta de Alagoas, Última Hora (Recife), A Gazeta e O São Paulo (São Paulo) e Revista de Cultura Vozes (Rio de Janeiro), ele decidiu aventurar-se na sala de aula.

Em 1962 teve sua primeira experiência no magistério superior. Iniciou a carreira acadêmica como assis-

tente do professor Luiz Beltrão⁴, no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco, em Recife. No ano seguinte, 1967, fundou o Centro de Pesquisas da Comunicação Social, mantido pela Faculdade de Jornalismo da Cásper Líbero, então vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Mas foi na década de 70 que protagonizou uma importante conquista para o ensino universitário no Brasil. Foi docente-fundador da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde ganhou reputação como pesquisador nacional e internacional. “Em regime de dedicação exclusiva à docência e à pesquisa, no período de 1967-1974” (GOBBI, 2010, p. 27).

No período militar, foi impedido de lecionar por cinco anos em universidades públicas. Contudo, prosseguiu como professor, trabalhando na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (graduação e pós-graduação) e na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), onde implantou o Centro de Pós-Graduação em Comunicação Social (PósCom), criando o programa de mestrado (1978)” (GOBBI, 2010, p. 27).

Primeiras orientações: a autonomia

Ao ser questionado sobre a primeira experiência de orientar um aluno, ele logo cita a tese de doutorado do professor Carlos Eduardo Lins da Silva – *Muito além do Jardim Botânico - estudo sobre a consciência crítica dos tra-*

4 Luiz Beltrão foi o primeiro doutor em Comunicação no Brasil, com tese sobre “Folkcomunicação” (considerada a primeira Teoria da Comunicação Brasileira). A pesquisa foi defendida em 1967, na Universidade de Brasília (UnB). Atuou como professor da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

balhadores face à representação do real feita telejornalismo: pesquisa-ação nos bairros de Lagoa Seca (RN) e Paicará (SP), defendida em 1984, na Universidade de São Paulo (USP). A tese virou um livro de referência nos estudos de recepção e telejornalismo.

“Quando o Carlos foi meu orientando, ele já pensava com a cabeça dele. Mas, teve momentos que precisei chama-lo e dizer: ‘você está fazendo isso aqui errado. Eu precisava mostrar um melhor caminho para ele”. O professor acredita que é, também, papel do orientador apontar caminhos, corrigir etapas e ajudar no melhor percurso do orientando. Porém, alerta: “O orientador não pode, nem impor ao aluno alguma coisa, nem o deixar ser livre demais. É preciso equilíbrio”.

Sempre digo aos meus alunos: eu gosto de orientandos que não sejam mata-borrão⁵ do professor-orientador. É preciso que haja autocrítica, mas, também, humildade suficiente para saber trabalhar em conjunto com o orientador (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2017).

Ao recordar os mais de 140 ex-orientandos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, o professor Marques de Melo conta que sempre buscou trabalhar com alunos motivados e autônomos. “Não gosto de alunos fracassados. Não tem nenhum orientando que eu escolhi e que fracassou. Quando percebo que está ‘ruinzinho’, eu chamo para uma conversa e digo: faça assim, assim, assim. Neste percurso da orientação, sempre motivo

5 Termo utilizado para definir o papel que absorve a tinta de escrever fresca ou para outros usos, como chupar a água na filtragem de uma mistura líquida; papel de chupar, papel-chupão. No caso desta entrevista, o professor refere-se ao aluno que só quer saber de “sugar o orientador”, tirar vantagens.

meus alunos e não deixo que desistam de fazer aquilo que se propuseram”.

O professor faz questão de recordar que a orientação deve ser um caminho de mãos dadas, porém de autonomia e autocrítica: “Não podemos admitir que um intelectual seja dependente um do outro, em qualquer percurso da vida acadêmica”.

Duas ex-orientandas marcaram sua docência. Com entusiasmo, recorda das alunas “brilhantes”, como as chamou. Uma delas foi Cicilia Maria Krohling Peruzzo, primeira aluna do mestrado, que defendeu a dissertação *Relações Públicas no modo de produção capitalista*, em 1981. A outra, Helga Iracema Schulten, já falecida, com o trabalho sobre *Relações Públicas nos Estados Unidos e no Brasil: Contraste e Confrontos*, defendido em 1982, ambos na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), sob a orientação do professor Jose Marques de Melo.

Em depoimento ao livro *O Guerreiro Midiático*, a Profa. Dra. Cicilia Peruzzo, ex-presidente da Intercom, destaca a figura do professor Marques de Melo como um acadêmico brilhante, visionário e exigente, além de ser um ‘guerreiro’ nas tramas da Comunicação. Ela recorda sua postura e protagonismo em criar novos projetos e ter iniciativas. “Neste sentido ele provoca a ação, joga novatos no mundo e abre portas para muitas pessoas, [...] ele também sempre projeta, é um visionário [...]. Cultiva amizades valoriza o trabalho e a competência dos outros” (PERUZZO, 2010 *apud* MATTOS, 2010, p.174). Essa fala de uma ex-aluna e orientanda do professor Marques revela uma importante atitude que deve ter o orientador: incentivar as competências do aluno.

Aos 25 anos, Ricardo Alvarenga integra essa nova geração de pesquisadores da Comunicação estimulada por Zé Marques. Deixou São Luís (MA) e se mudou para São Paulo – foi orientado no mestrado e, agora, no doutorado. Tornou-se um discípulo:

O professor Marques é um poço de generosidade e conhecimento. Nossas conversas são momentos riquíssimos, que talvez eu nunca possa viver novamente. Ele sente prazer em partilhar a sabedoria acumulada em anos de pesquisa e dedicação ao campo da Comunicação. Já o ajudei, algumas vezes, a levantar e a caminhar, mas na verdade quem me ajuda e me eleva é ele. Estar perto de alguém assim só me faz crescer e acreditar que o caminho realmente se faz caminhando (ALVARENGA. Depoimento ao autor, 2017).

Ao recordar essas e outras experiências de orientação, o professor diz que esse caminho percorrido de mãos dadas precisa gerar bons resultados: “Que o aluno-orientando seja vitorioso, o tempo todo! Se ele não for vitorioso, vai se frustrar e frustrar o orientador. Por isso, o aluno não deve ser alguém que copie o seu orientador ou queira se impor aos outros. Mas deve ser aquele que propõe algo com seu estudo”.

Para um caminhar metodológico tranquilo e respeitoso, o professor Marques dá a dica: “A metodologia não pode condicionar o orientador. É preciso respeitar o ponto de vista do aluno e não do orientador. Meu conselho aos futuros orientadores é que nunca queiram impor seu ponto de vista ou suas ideologias aos orientandos.

A autoestima para a pesquisa e para a vida vem em descobrir o que você quer, são escolhas pessoais”.

Orientação: limites e possibilidades

Durante o percurso da orientação existem algumas pedras pelo caminho. É preciso ajustar a direção, balizar e não esquecer das setas. O contato entre professor-aluno torna-se fundamental para o bom êxito do trabalho acadêmico. Mas quais os limites dessa relação?

Acredito que sejam duas coisas: a distância e ao mesmo tempo a proximidade. O professor deve ser afetivo, mas não deve ser pegajoso. Você, como professor-orientador, precisa ter a capacidade de ver seu orientando como uma pessoa que cresce e não ter inveja dele. Neste percurso é preciso estimular a autonomia (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2017).

Por outro lado, essa proximidade não é somente física, em orientações presenciais. O professor revela que gosta de orientar alunos, também, à distância. Para ele, nem sempre a boa relação entre orientador e aluno resultará em uma boa pesquisa. Muitas vezes é uma relação de causa e efeito, ou mais distante, sem muita convivência. “Tive orientandos que moravam nos Estados Unidos. Eles eram ótimos, pois tinham capacidade de treinamento da autoestima e de tomar decisões sozinhos”.

Contudo, o professor diz que cada orientador adota seus próprios mecanismos e processos de trabalho nas orientações. Com risos, ele conta ter um método infalível: “Eu preciso puxar as orelhas do aluno nas orientações, mas, ao mesmo tempo, beijos e abraços quando necessários”.

Essa postura de carinho e respeito sempre é admirada por todas aquelas que convivem com o professor

Marques. Quem testemunha isso é sua 46^a aluna-orientanda de mestrado, professora Esmeralda Villegas Uribe, que defendeu a dissertação *A Rádio Popular da Vila Nossa Senhora Aparecida: Uma Proposta de Comunicação Popular*, em 1997, na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Ele tem uma capacidade excepcional para ensinar e ajudar seus alunos a refletir sobre a razão de ser e o sentido da criatura (leia-se obra) que estão gestando. Incentiva a pensar sobre a importância do tema e sua interconexão com o pensamento acadêmico de outros e outras (URIBE, 2001 apud MATTOS, 2010, p. 160).

O depoimento da professora Esmeralda reforça a definição que o Zé Marques tem sobre o que seja a orientação de um trabalho acadêmico. Para ele, esse percurso na universidade vai além das teorias, métodos e técnicas da pesquisa. É um trabalho de estímulo à capacidade crítica e não um 'estímulo' para que o aluno seja a cópia do seu orientador.

Observa, ainda, que a pesquisa deve ser uma atividade criativa e, ao mesmo tempo, de cumprimento de regras e etapas, como, também, de diálogo com outras áreas do conhecimento – a 'interconexão', lembrada por Uribe (2001). "Eu defendo a tese que a Comunicação é um campo constituído pela Ciência, Arte e Tecnologia. Hoje um grande problema da área é que os pesquisadores querem, apenas, ser cientistas, ou artistas, ou técnicos. Tem que ser tudo ao mesmo tempo".

A principal característica do professor, definida

por alunos e amigos, é: 'incentivador de talentos'. Ele gosta de promover o outro – isso acontece em suas orientações. Exemplo disso foi a parceria de mais de uma década entre o professor Marques e sua orientanda, amiga e, hoje, companheira de pesquisas, Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi. Ele a orientou no mestrado, no estudo *Na trilha juvenil da mídia impressa, identificação, perfil e análise dos suplementos para jovens veiculados nos jornais diários do Brasil* (1999) e, no doutorado, com a produção da tese *Escola Latino Americana de Comunicação - O Legado dos Pio-neiros* (2002), ambos os trabalhos realizados na UMESP.

Juntos organizaram mais de 30 livros, além da vasta produção conjunta de artigos para periódicos, revistas e congressos nacionais e internacionais de Comunicação. Foram responsáveis pelo início de entidades de pesquisas e novos eventos científicos pelo país, como a criação do Colóquio da Escola Latino-americana de Comunicação (Celacom). A professora Cristina Gobbi não esconde a admiração pelo professor, seu grande motivador e inspirador:

Agradeço a oportunidade que ele me proporcionou de estar ao seu lado nesses quase 14 anos de convivência acadêmica, primeiramente como sua orientanda e depois, como sua assistente. Reforço que seus exemplos têm sido para mim uma verdadeira escola (GOBBI, 2010 apud HOHLFELDT, 2010, p. 41).

Os depoimentos dos ex-orientandos do professor Marques são provas de que a orientação pode ser um caminho de mãos dadas, de sucesso e bons frutos. O segredo? Talvez o segredo seja fazer tudo com muito

amor, dedicação, criatividade, alegria, respeito, parceria

e, principalmente, com o coração em paz.

Despertar a consciência metodológica

O livro *Teoria e Metodologia da Comunicação – tendências do século XXI* (2014), escrito pelo professor José Marques de Melo, trata, no capítulo 2, do *Caleidoscópio metodológico*. Em sua abordagem, traz definição ampla e elucidativa do campo comunicacional, que exige metodologias próprias e a aplicação da interdisciplinaridade, indispensáveis ao movimento do campo.

Segundo o professor, a realização da pesquisa científica exige “o aprendizado das metodologias indispensáveis à sua produção e difusão (estética, linguagem, tecnologias, mercadologias); a compreensão das teorias relativas aos efeitos socioculturais dos sistemas midiáticos” (MARQUES DE MELO, 2014, p. 22). E, como provocar essa ‘consciência metodológica’ durante as orientações?

A consciência metodológica é fruto do bom exemplo do orientador. O professor-orientador precisa dar exemplo de como faz um bom trabalho. Precisa ser modelo para seu orientando que irá trabalhar com ele. Não pode ser alguém que impõe um ponto de vista. Quando o aluno escolhe o orientador para orientá-lo é porque admira aquele professor. Se não houver uma relação afetiva, nada vai adiante. (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2017).

Especificamente na pesquisa em Comunicação, o professor acredita que essa consciência metodológica nasce na relação efetiva do pesquisar com o seu objeto. E, segundo ele, não existe receita para isso – só a vivência. Mesmo assim, ousa dizer:

A receita é olhar sempre para o objeto. É o objeto que determina o método a ser escolhido. Levando em consideração, sempre, que o aluno precisa pensar por ele mesmo. Ter a capacidade de pedir ao orientador que resolva o problema, mas não ficar o tempo todo correndo atrás dele. Não gosto de aluno pegajoso e nem de aluno que se distancia – é preciso o meio termo entre as duas coisas. Não gosto de aluno que perde a capacidade de gostar das coisas e de distanciar do orientador – isso não é bom (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2017).

Mais uma vez o professor reforça a necessidade de o orientador estimular o pensamento autônomo de seu orientando – “ser entusiasta das novas gerações de pesquisadores”. A escolha da metodologia também será fruto deste percurso a ser experienciado pelo aluno, ou seja, o ‘caminho se faz caminhando’. Ele aconselha que o professor-orientador não deva impor métodos que ‘ele goste’ aos orientandos, mas permitir que na relação do pesquisador com seu objeto de estudo, nasçam propostas metodológicas, uma nova consciência – novos caminhos.

Por isso, Zé Marques acredita que um bom percurso metodológico é aquele que não termina, é para a vida. “Quase todos os meus orientandos ainda continuam meus orientandos. E, eu, também me oriento com eles, é um caminho de aprendizado de mão dupla”. Contudo, também ele alerta sobre alguns riscos que podem ser evitados.

Um caminho ruim é aquele que se interrompe na saída. Quando o aluno não se simpatiza com o orientador e não vem buscar suas orientações. Porque orientação não é só aprendizado das técnicas, mas sobretudo um exercício de afetividade, de confiança e admiração. É uma

relação que não pode ser de ódio e nem de serviço a imagem do orientador (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2017).

Ao final da entrevista, o professor relembra que essa relação entre professor-aluno na orientação deve ser balizada pelo respeito e parceria de trabalho, sempre atento aos limites e regras. Sobre os diferentes tipos de orientações ou de orientadores, ele preferiu não opinar. Mas deixou uma importante dica aos professores, sugerindo que não se deve associar um aluno a outro, fazendo comparações entre ‘o bom ou ruim’ orientando/trabalho. “É preciso observar, pois cada caso é um caso. O que não pode é reproduzir uma situação na outra. Cada nova orientação, novas possibilidades e novos encontros”.

Referências

ALVARENGA, Ricardo. **Depoimentos ao autor**, 2017.

GOBBI, Maria Cristina (2010). **Trajetória Intelectual de José Marques de Melo: 1959-2009**. In: HOHLFELDT, Antonio. José Marques de Melo: construtor de utopias, 2010.

HOHLFELDT, Antonio. **José Marques de Melo: construtor de utopias**, 2010.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Incentivador de talentos**. In: GOBBI, Maria Cristina (org.) José Marques de Melo. Recife: Uicap/Centro de Estudos da Imprensa e da Cidadania, pp. 245-247 [Série Grandes Nomes da Comunicação, vol. 5].

MARQUES DE MELO, José. **Teoria e metodologia da comunicação:** (tendências do Século XXI) / José Marques de Melo. — São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **Depoimentos ao autor,** 2017.

MATTOS, Sérgio. **O Guerreiro Midiático:** biografia de José Marques de Melo – São Paulo/Petrópolis: Intercom/Editora Vozes, 2010.

PERUZZO, Círcia M. Krohling (2010). **Depoimento ao autor.** In: MATTOS, Sérgio. O Guerreiro Midiático: biografia de José Marques de Melo – São Paulo/Petrópolis: Intercom/Editora Vozes, 2010.

URIBE, Esmeralda Villegas (2001). **Padrinhos de muitas e muitos na América Latina.** In: HOHLFELDT, Antonio. José Marques de Melo: construtor de utopias, 2010.

Percursos e desafios da Narratologia: Célia Ladeira Mota

por Paulo Henrique Soares de Almeida

Mais que oferecer lanternas em suas orientações de mestrado e doutorado, a professora Célia Ladeira Mota não só ilumina o caminho, como também aponta a direção em um percurso que não é fácil. Dados da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), divulgados em 2012, mostram que 70% dos alunos de pós-graduação desistem e não concluem sua trajetória acadêmica. E apesar do cenário apontar para uma evolução dos números de mestres e doutores no Brasil - um aumento de 486% entre 1996 e 2014, de acordo com Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) – em 2013 o país ainda registrava uma média de 7,6 doutores para cada 100 mil habitantes, números que colocam o Brasil entre as três piores médias da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), superando apenas o México (4,2) e o Chile (3,4).

Estudos mostram que a boa relação entre o orientando e seu orientador é um dos principais fatores que colaboram para um curso *stricto sensu* bem-sucedido e a qualidade dos trabalhos. “Os orientadores são personagens que mantêm relações singulares, intersubjetivas, complexas e ricas em detalhes com os orientandos, e, desta convivência, resultam em dissertações e teses que contribuem para a sistematização e consolidação do conhecimento científico em determinada área” (FILHO; MARTINS, 2006). No entanto, para que este processo seja produtivo, é necessário que os orientadores e os orientandos conheçam as suas prerrogativas, constituindo através de um relacionamento construtivo o espaço

propício e efetivo para a geração de conhecimentos. Diferentes intervenções do orientador refletem diferentes respostas do estudante (MONTEIRO, 2012). Mas como transformar essa parceria em um relacionamento de sucesso, onde o aluno possa realizar um trabalho consistente, eficiente e que fuja do senso comum?

A escolha do orientador nem sempre é fácil. Muitas vezes a decisão é tomada pela própria instituição, durante a análise do projeto de pesquisa, ainda na fase de seleção para o ingresso no programa. Pode parecer uma tarefa difícil ou até impossível encontrar um professor da maneira que o estudante deseja, mas o principal é que haja uma parceria, companheirismo, disponibilidade, afinidade com a metodologia proposta e tempo para reuniões. O orientador não precisa ter profundo conhecimento do objeto, mas escolher aquele que conheça a área da pesquisa contribui e muito para um resultado valioso. Se for um doutorado, tenha em mente que o relacionamento deve durar quatro anos, sendo fundamental uma harmonia e cumplicidade ainda maior entre ambos.

Mas, antes de tudo, é importante que o orientador e o orientando tenham consciência que o aprendizado será de via dupla. “É uma parceria onde os dois vão compartilhar experiências em busca de algo novo, por isso é muito válido a troca de informações e respeito mútuo. Tudo isso vai refletir no processo e amadurecimento da pesquisa”, avalia a professora Célia, que acrescenta alguns elementos chaves para uma orientação e produção de sucesso. “É um longo caminho, em que a relação deve ser construída na base da confiança. O orientador deve contribuir com o trabalho, mas ao mesmo tempo é preciso deixar que o aluno amadureça, construa a pesquisa e encontre seu lugar de fala. Estabelecer metas, ter dis-

ciplina, respeitar os prazos do programa, mergulhar nas leituras e nos dados empíricos são passos fundamentais para um trabalho bem feito”, ressalta a professora.

Formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Célia Ladeira Mota exerceu a profissão em jornais, revistas e emissoras de televisão no Rio de Janeiro e Brasília. Mas foi em 1989, após passar em um concurso na Faculdade de Comunicação da Universidade e Brasília (FAC/UnB), que passou a se dedicar à vida acadêmica. É doutora em Comunicação e pesquisadora associada ao Programa de Pós-Graduação da instituição. Pertence aos grupos de pesquisa Jornalismo e Construção Narrativa da História do Presente; Cultura, Mídia e Política; e Núcleo de Mídia e Política (NEMP), da UnB.

Sua tese de doutorado *Representações da identidade nacional na notícia da TV* é referência entre seus principais objetos de pesquisa: o estudo do jornalismo na televisão e o estudo da identidade nacional e cultura. “É uma contribuição para uma maior compreensão da linguagem do telejornal, com suas rotinas produtivas de construção da notícia e seus procedimentos enunciativo-discursivos, tendo como fio condutor uma narrativa que vai se formando a partir de uma sequência de reportagens, cujo pano de fundo é a identidade nacional”, explica Célia.

Em suas aulas na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade, da FAC/UnB, a professora sempre destaca a notícia como a porta de entrada para a cultura e esta como os elementos chaves para a construção da identidade. Suas referências são Ferdinand Saussure, Michel Halbwachs, John Fiske, Pierre Bourdieu, Roland Barthes, Eni Orlandi, Stuart Hall, entre outros do campo da lingua-

gem e estudos culturais. Uma leitura fundamental tem sido sempre o pesquisador inglês Norman Fairclough, referência internacional da Análise Crítica do Discurso, e que foi o primeiro orientador da tese de doutorado da professora Célia Ladeira, durante os seus estudos realizados no Departamento de Linguística da Universidade de Lancaster, na Inglaterra. Esta lista se completa com o professor Luiz Gonzaga Motta, um dos estudiosos da Análise da Narrativa, metodologia de pesquisa responsável por nos colocar no mesmo caminho por duas vezes: no mestrado e doutorado.

Graduado em jornalismo, eu tinha recém-concluído uma pós-graduação lato sensu em Leitura e Produção de Texto, na Universidade Católica de Brasília (UCB), quando ingressei na Pós-Graduação da FAC/UnB para estudar a identidade brasileira nas narrativas jornalísticas. Foi por meio da narratologia que conheci a professora Célia, em 2012, e trabalhamos juntos desde então. Suas aulas são experiências que se renovam a cada semestre e tem envolvido diversos alunos na aventura de pesquisar narrativas nos mais diferentes objetos da Comunicação Social, como filmes, fotografias, histórias em quadrinhos, séries televisivas, documentários e o texto jornalístico. “O grande desafio é perceber como a narrativa reconstrói a realidade social, numa atividade mimética que não se limita a copiar, mas a reinventar criativamente o real”, ressalta a professora em suas aulas.

A escolha do objeto de pesquisa sempre foi uma decisão de seus alunos. “É importante que seja algo relevante, mas também que o pesquisador tenha afinidade com o tema. Deve ser algo que ele tenha prazer em estudar, mergulhar nas leituras e na análise dos dados.

Muitas vezes o aluno já chega com alguma ideia de pesquisa e o papel do orientador é estimular a paixão do estudante por esse objeto”, conta Célia.

Uma de suas qualidades é aceitar o novo e não ter medo de desafios. Durante a produção da minha dissertação de mestrado, apresentada em 2014 com o título *Brasil, uma identidade redescoberta*, pesquisamos juntos as narrativas dos jornais *El País* e *The Guardian* para compreender o olhar do estrangeiro sobre o Brasil durante a Copa do Mundo de 2014. Foram dois anos de muito trabalho, complementados com diversos artigos apresentados em congressos nacionais e internacionais, nos quais estudamos, não só o objeto principal de pesquisa da dissertação, como também outros temas importantes, como a representação da democracia brasileira nas redes sociais, a identidade do Brasil construída no Instagram, as charges políticas nos jornais brasileiros do século XIX, entre outros trabalhos que foram publicados em revistas científicas e depois fizeram parte do livro *Narrativas da Identidade Brasileira: jornalismo e redes sociais*, lançado por nós, em 2015.

“Escrever é uma arte que exige prática. O trabalho de uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado precisa ser lapidado com muito esforço e dedicação. Portanto, é importante que o aluno escreva, vá a campo, analise os dados, busque o máximo de informações possíveis com muito suor. E, neste caminho, ressalto a importância de participações em congressos e trabalhos científicos. É nesse campo valioso que o estudante poderá expor suas descobertas antes de finalizá-las, trocar informações com outros pesquisadores e ampliar suas referências. É a valorização da sua inserção como pesquisador em um determinado grupo de pesquisa de uma

faculdade e uma linha teórica”, avalia a professora Célia durante entrevista para este artigo.

O lugar escolhido para nossa conversa foi um café, onde por tantas vezes nos encontramos para discutirmos assuntos “quentes”, que ao monopolizar os meios de comunicação, se transformavam em nossas análises.

Assim como a professora Célia, sempre gostei de estudar o novo, sair da zona de conforto e descortinar o que está por vir. Estudar o “inédito” não é uma tarefa fácil. Muitas vezes faltam referências bibliográficas e amadurecimento nas discussões sobre o tema. Por outro lado, serve como estímulo para o desenvolvimento de novos caminhos teóricos e metodológicos. Foi assim quando analisamos, em 2012, a rede social Instagram, lançada apenas dois anos antes, em 2010, para estudar a identidade brasileira. Na pesquisa, adotamos o conceito de *global representação*, ao discutir a ideia de identidade fluida e líquida de Zygmunt Bauman. Da mesma forma, quando analisamos as manifestações de junho de 2013 e os efeitos da Copa do Mundo no Brasil em 2014, ainda durante os acontecimentos. No doutorado, nosso atual desafio é mergulhar no contexto histórico para investigar os significados e efeitos de sentidos produzidos pelas charges sobre a Constituição de 1988, que comemora 30 anos.

No entanto, o motivo do nosso encontro desta vez não era a minha tese, mas uma entrevista com a professora Célia sobre os desafios de orientar uma pesquisa acadêmica em comunicação.

O que é de fato uma pesquisa em comunicação?

É o estudo de todo o processo comunicativo, uma análise dos fenômenos gerados pela transmissão e multiplicação de informação. A pesquisa em comunicação é um campo interdisciplinar que envolve diferentes áreas das ciências humanas tais como: Sociologia, Psicologia, História, Antropologia e não se abstém a parte linguística e jornalística.

Orientar em comunicação é diferente de orientar em outras áreas?

Existem pressupostos básicos que são comuns às orientações, tanto no campo das ciências da natureza, como no campo das ciências sociais ou humanas. No entanto, a abordagem teórico-metodológica exige do orientador um conhecimento maior de acordo com a área de estudo do objeto do aluno. Vejo a orientação como uma “arqueologia do saber”, de Foucault. Ou seja, o conhecimento é construído como uma obra em que cada novo intérprete coloca seu tijolo. Novas ideias são bem-vindas, mas é preciso respeitar o arcabouço teórico já construído.

Como a senhora define o papel do orientador e os limites de uma orientação?

O orientador é como um guia numa floresta escura, cheia de conceitos nos quais se tropeça sempre, em busca de um caminho luminoso do conhecimento. Cabe ao orientador oferecer lanternas que iluminem o caminho. É uma relação muito rica com o orientando, em que se constroem grandes amizades. Sobre os limites da orientação, acredito que devem ser fixados a partir do próprio objeto de pesquisa do orientando. Embora a

pesquisa teórica sobre o objeto deva ser ampla e abrangente, nada autoriza o orientador a sugerir leituras que possam desviar o foco da análise.

Quais os principais erros dos orientandos?

Não sei se cometem erros, mas às vezes se enganam na busca pelos resultados. Diria que existe certa alergia à pesquisa empírica, uma rejeição à análise de dados. A paixão pela pesquisa teórica é tanta, que os alunos se esquecem de observar e analisar fatos, textos, imagens e todo o material que compõe o objeto de pesquisa. Outro fato bastante comum é a visão reducionista da teoria como mera revisão de literatura. Toda teoria pressupõe vínculos metodológicos de análise, sendo necessária uma sintonia entre o caminho teórico e o caminho metodológico. A teoria deve ser revisitada ao longo de toda a análise. Ela é a base que norteia, orienta e encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os níveis, dialogando com o objeto e fornecendo a luz para os resultados.

Qual a diferença entre uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado?

O grau de conhecimento e de aprofundamento teórico que uma tese exige.

Quais os conselhos para escrever uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado bem-sucedida?

Fugir dos atalhos. Ou seja, o caminho teórico abre inúmeras possibilidades de desvios do tema principal da pesquisa. São atrações que funcionam como pequenas armadilhas nas quais o aluno se enreda e acaba

se perdendo nelas. Uma boa tese deve aprofundar um determinado tema ou objeto tanto teórico como metodologicamente, buscando esgotar o tema, mas evitando os desvios. Mas, antes de tudo, é preciso que o estudante conheça bem o seu objeto, seus contornos e limites. Muitas vezes, uma pesquisa é prejudicada simplesmente porque o acesso ao objeto é inviável. Por isso, é muito importante parar, refletir e observar o que está sendo discutido sobre o assunto, buscando o máximo de informações possíveis para a construção de um caminho capaz de contribuir realmente para o conhecimento científico. Fazendo isso, além de permitir visualizar os problemas já enfrentados por outros investigadores, o pesquisador consegue traçar um melhor caminho de análise, chegando a novas dimensões dos fenômenos comunicacionais ou, pelo menos, complementando o tema com resultados significativos.

Como definir a metodologia?

É crucial investir na reflexão sobre os métodos e no reconhecimento de que eles trabalham com inclusões e exclusões. Normalmente, a escolha do objeto influencia na definição da metodologia, responsável pelo tipo de conhecimento que se produz, limitações e alcance. Cada teoria se completa com uma metodologia específica, que vai permitir uma análise mais apurada do objeto. Se eu estudo um texto a partir da perspectiva do discurso, devo usar uma metodologia compatível, uma análise de discurso que permita compreender os elementos discursivos do texto. Existem caminhos quantitativos que podem produzir resultados, a partir de uma pergunta de pesquisa, assim como caminhos qualitativos que podem explicar significados produzidos por objetos como fotos, vídeos, textos orais ou escritos, documentos históricos etc. Por-

tanto, a pesquisa metodológica é a chave na formação do investigador, exigindo a instauração de estudo, reflexão, desconstrução, reformulação e propostas que respondam as problemáticas com as quais estamos trabalhando.

Uma metodologia bastante usada pela senhora e seus orientandos é a análise da narrativa. Quais as principais características desse método?

Toda narrativa tem um significado, um propósito e um objetivo. E para entender seu real sentido é necessário avaliar detalhes, buscar referências, olhar além da mensagem, contextualizando o presente e o passado. Carregadas de símbolo, poder e visão ideológica, elas representam, dão formas e constroem identidades. Segundo Luiz Gonzaga Motta (2013), estudar narrativas é compreender o sentido da vida. É um procedimento hermenêutico, que examina os textos a partir de conceitos narratológicos que incluem personagens, enredos, conflitos, protagonismos e antagonismos. Este método ajuda a mostrar, por exemplo, como as relações de poder são construídas, tendo como referência às relações do mundo real.

Ao se voltar para a realidade social, a narratologia se desloca da teoria literária para se tornar um procedimento de análise mais amplo e, neste sentido, tem sido adotada para o exame dos objetos da Comunicação Social. Fugindo à limitação da simples análise textual, o estudo da narratologia se situa ao nível das relações culturais, dos atos de fala em contexto, além de práticas sociais e culturais diversas. É descortinar o “como se fala” e “o que está por trás” do que é narrado.

Desvendando os conflitos da história, as representações e os jogos de palavras, por exemplo, é possível

revelar o dito e o não dito, trazendo à tona significados e práticas culturais de diferentes comunidades. O caminho de análise, de acordo com a proposta do professor Gonzaga Motta, se encontra em três planos principais. O plano de expressão, onde são examinados os personagens e certos recursos de linguagens, como ocorrência de metáforas, hipérboles, comparações, ironia e dêiticos; plano da história ou conteúdo, onde destacamos o enredo e o sentido da narrativa; e o plano da metanarrativa, tema de fundo da narrativa, quando a análise sai do texto e entra no estudo cultural em que ele está inserido.

Comente a importância da metanarrativa na análise crítica da narrativa.

A metanarrativa nos remete a algo exterior ao texto examinado, e que reflete valores que são culturais. Posições de sujeitos da frase nos mostram identidades, mitos, costumes e hábitos que o autor real utiliza no seu cotidiano. Um exemplo é desvendar porque uma determinada pessoa utiliza certas expressões que denotam preconceitos e posições ideológicas que marcam sua vida.

Muitas vezes confundimos análise da narrativa com análise do discurso. Quais as principais diferenças entre elas?

Na análise da narrativa você trabalha com elementos textuais que são predominantes no estilo narrativo. Já na análise do discurso, buscam-se no texto elementos outros que permitem perceber um discurso ideológico, uma posição cultural ou política. Existem apagamentos ou não ditos, supressões de verbos, a própria voz passiva ou ativa, enfim, buscam-se os sentidos muitas vezes ocultos num determinado texto. É bem interessante para a análise de discursos políticos, em que

a relação amigo/inimigo é quase sempre construída na negação do outro para a afirmação do autor do texto. Considero que a análise da narrativa se completa com a análise de discurso, e trabalhei as duas assim, na minha tese de doutorado.

Os estudos culturais se tornaram um guarda-chuva teórico para análise crítica da mídia, a construção de identidades e formação da cultura. Como utilizar a teoria dos estudos culturais e em que momentos essa teoria realmente pode ser útil?

Considero que os estudos culturais são um guarda-chuva teórico importante para a compreensão de objetos do campo da Comunicação. Eles se referem a práticas que revelam valores sociais, humanos, políticos, e permitem mostrar os relacionamentos entre os seres humanos em geral. Os estudos culturais nos remetem a uma forma dialética de relacionamento, em que o *sim* nega o *não*. O viés antropológico dos *Cultural Studies* nos permite examinar relações de identidade. É relacional. Visa especialmente a práticas e seus valores.

Em muitas aulas, a senhora comenta a importância do aluno construir o seu lugar de fala, seja na dissertação ou tese de doutorado. Como construir esse lugar de fala?

O lugar de fala começa pela identidade do aluno: quem sou, meu lugar no mundo (onde nasci, minha classe social, meu gênero, minha idade, meus estudos), e a atividade profissional. O lugar de fala é a minha inscrição no mundo, o campo social ao qual pertenço, o *habitus* segundo Bourdieu. Ao escrever a dissertação ou a tese, o aluno constrói um novo lugar de fala, como autor. Ele é um acadêmico que deve se identificar como tal, seu inte-

resse em dado objeto, seu objetivo claro de trazer novas pesquisas, novas informações sobre o objeto de estudo. O aluno assume um novo papel social, o do cientista.

Como avaliar uma orientação?

Pela sua abrangência, ou seja, como a análise possibilitou uma visão histórica do estudo e permitiu um mergulho em profundidade do caminho teórico definido pelo orientando assim como seus aspectos metodológicos. Observar também como o aluno realizou a pesquisa empírica, com análises pessoais e próprias sobre o objeto e avaliar a contribuição do trabalho aos estudos já realizados sobre o objeto.

Referências

FILHO, Geraldo Alemandro Leite; MARTINS, Gilberto de Andrade. Relação orientador orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **Revista de Administração de Empresas**. V.46, Edição Especial Minas Gerais. 2006.

MONTEIRO, Sandra. **Orientadores são essenciais na produção acadêmica**. Disponível em <<http://www.usp.br/agen/?p=110988>>. Acesso em: 12.05.17.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

A arte do processo de orientar: Dione Oliveira Moura

por Vinícius Pedreira Barbosa da Silva

No decorrer de duas décadas e meia de pesquisa, conforme dados atualizados¹ em meados de 2018, nossa entrevistada, professora Dione Moura, participou de 270 Bancas Examinadoras (193 de Graduação/Trabalhos de Conclusão de Curso/TCC e 77 de Pós-Graduação), e foi orientadora de 122 projetos de pesquisa (60 TCCs, 34 Iniciação Científica, nove dissertações, nove teses e 11 monografias de Especialização).

Neste mesmo período tem sido responsável, em diversos semestres, pela disciplina Pré-Projeto em Jornalismo, na graduação em Jornalismo da Universidade de Brasília e também por Seminários de Pesquisa, na Pós-Graduação, ambas com foco no planejamento de pesquisa.

Em sua formação, como pesquisadora e orientadora, a docente tem atuado em redes internacionais de pesquisa, a exemplo da *Reseau d'études sur le Journalisme* (REJ), e também em âmbito nacional, como na *Rede Brasil Conectado/UFRGS*. Desde 2018, Dione Moura integra a equipe de pesquisa do *Programme Régional France-Amerique Latine-Caribe* (PREFALC), convênio tripartite entre a Universidade de Rennes/França, a Universidade de Brasília e a Universidade Estadual de Ponta Grossa, as duas últimas no Brasil. Tendo sido orientando de TCC da entrevistada, é uma satisfação, como doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comuni-

¹ Informações coletadas do Currículo Lattes da pesquisadora, em 27 de junho de 2018.

cação da UnB, apresentar-lhes esta entrevista, na qual a docente traz reflexões sobre o papel de orientadora, assim como nuances do processo de pesquisa e acerca das corresponsabilidades desta importante relação orientadora/orientando/a.

Boa leitura!

Para começar, aproveitando seus anos de experiência como orientadora, gostaria de saber se você tem algum, digamos, 'mantra' ou um lema sobre orientação, que procura seguir.

Se for um lema é uma coisa, se for um mantra é outra (risos). Então, vou te responder primeiro o lema, que tem mais uma ideia de missão, né? Eu acho que o papel do orientador é um papel que não se realiza sozinho. A atuação do orientador, da orientadora, nunca deveria ser um monólogo. O monólogo seria a situação que, como orientadoras e orientadores, deveríamos evitar. Realmente, orientar é uma interação, então o lema é realizar uma boa interação, no sentido de guiar uma pesquisa; promover que uma pesquisa seja bem realizada. E para isso você tem os preceitos do método científico. Como orientador, orientadora, você vai guiar aquele autor, aquela autora para que execute uma pesquisa seguindo os preceitos do método científico. O orientador, a orientadora é o guia.

Na condução do método científico, quem você está orientando precisa obedecer a uma série de preceitos, tem de aplicar corretamente as técnicas de pesquisa, construir uma boa revisão teórica, construir um bom problema de pesquisa, selecionar o método de pesquisa adequado, testar, aplicar adequadamente, executar...

redigir esse relatório e depois defender... Então, você, como orientadora, acompanha todo esse processo até ali na banca de defesa e, ainda, na etapa pós-defesa, quando você vai acompanhar alguma revisão e acompanhar o seu orientando nessa revisão. Isso é a dimensão técnica do lema, a sua função técnica e ética. Porque toda técnica tem sua dimensão ética. É dizer: “Bem, você quer fazer uma pesquisa? Eu vou te dizer e te guiar no que é isso, nessa arte de fazer pesquisa”.

Essa é a dimensão central da função, da minha perspectiva, da função de um orientador e uma orientadora. Você tem um método a seguir: método científico, dentro do qual poderá empregar várias técnicas e abordagens teóricas. Este processo tem de ser feito com uma postura ética, tem de ser correto com o seu leitor, leitora, e apresentar como foi executada sua pesquisa, qual realmente era a pergunta de pesquisa, se você teve que modificá-la ou não, porque você traz tal revisão teórica e não outra, como você interpreta esses dados dessa forma e não de outra, com base em quais elementos. Todas essas questões são as travas de segurança que o método científico propicia.

E nesse sentido, para você, quais seriam os limites sobre a orientação?

Bem, ainda seguindo essa coisa do lema, a gente chega nos limites. Contudo, você tem essa dimensão técnica que precisa estar envolta na postura ética da execução do método científico. Ao mesmo tempo, como orientadora, tenho de lembrar que quem vai executar o método científico não é uma máquina. É um ser pensante, é um sujeito social – sua orientanda, o seu orientando. E aí, talvez, você chegue a um dos limites: que você,

orientadora, orientador, guia, mas a outra pessoa tem autonomia de seguir, adaptar tais orientações ao processo de realização da pesquisa. É evidente que, no que diz respeito ao rigor científico, você não tem como fazer concessões. O rigor científico é o rigor do método. Você escolhe uma técnica e tem que aplicá-la corretamente.

No entanto, você tem aí uma outra dimensão de limites: e se o pesquisador, pesquisadora, enquanto orientando, orientanda, percebe que tem limites na execução de uma técnica de pesquisa, de um método, de uma abordagem? Como orientadora, irei dizer: “Bem, nas condições que você tem, não tem como aplicar esse modo de pesquisa”. Vamos supor...você quer fazer uma pesquisa de campo que envolve deslocamento para “x” cidades, entrevistar “x” pessoas e decupar esse material, fazer uma classificação, e você não tem tempo hábil para tanto. Você trabalha 8h numa instituição “x” ou 6h em uma instituição que te demanda muitas horas extras, muito trabalho em casa, não tem condições financeiras para se deslocar para essa cidade e ficar 30, 60 dias, enfim... Meu papel como orientadora é dizer: “Bem, essa pesquisa não tem o perfil para você executar, então vamos executar um método que você chegue à coleta dos dados, correta e defensável em termos de métodos científicos, mas seja adequada, viável, para a sua realidade de pesquisadora, pesquisador”. Esse é o primeiro limite que, como orientadora, tenho que mostrar para o orientando e orientanda.

O outro é que essa pessoa, esse sujeito social com o qual interajo, orientando, orientanda, tem seus próprios limites, que são os limites de tempo, inserção na pesquisa e sua compreensão, absorção das perspectivas de pesquisa. E aí como orientadora tenho um papel im-

portante, que é dizer: “Bem, vamos lá... vamos adiante”. Eu coloco muitos desafios, muitas advertências – “Faça assim, não faça assado” –, mas como orientadora posso também ser um agente de estímulo para que a orientanda, o orientando, vença as barreiras da pesquisa, porque muitas pessoas desistem e, em certas condições, talvez tivessem como concluir com êxito.

Aproveitando esta temática, outra questão que gostaria de abordar é sobre quais são os desafios de trabalhar a orientação, que também é, de certa forma, uma coautoria. Com isso, para você, quais seriam os principais desafios de ser orientadora?

É uma forma particular de coautoria sim, você está certo. É uma coautoria no sentido de... como é aquela expressão? Que as pessoas às vezes usam em folhas de agradecimentos... se há erros, eu os assumo, se há méritos, é da equipe. Então, o orientador é um tipo de coautor... uma coautoria sofrida, né? (risos) Porque, assim, eu posso dizer: se há erros na execução da pesquisa que você orientou, você compartilha da responsabilidade desses erros, embora não tenha sido você que executou, mas foi você quem guiou esse percurso. Então você não foi capaz, de alguma forma, de advertir suficientemente para que esses erros não fossem corrigidos no decorrer da execução da pesquisa. Por outro lado, se há louros a colher, você os cede para que o orientando, orientanda, colha esses louros, você se retira um pouco e fica feliz e tal. Se erramos, erramos; se acertou, mais o autor (orientando, orientanda) acertou. É uma coisa assim... meio monástica (risos), mas é a tarefa. Eu, que hoje sou orientadora, recebi a mesma concessão de meus orientadores, pessoas que me guiaram na pesquisa; é uma forma de agradecimento e de formar as gerações.

Já que você falou dos louros, como é possível avaliar uma orientação bem-sucedida dentro da área de Comunicação?

Uma orientação bem-sucedida? Bem, eu vou ter que pensar o avesso primeiro, quando é que não funciona. Primeiro, há vários fatores que fazem com que não funcione. Eu tenho a felicidade de ter tido, majoritariamente, ótimas experiências de orientação, talvez por ser uma das áreas que eu priorizei como uma área na qual eu gostaria de adquirir excelência, então eu venho nessa busca. Não posso dizer que eu tenha adquirido esse nível de excelência, mas eu procuro estabelecer a melhor experiência de orientação a cada projeto que oriento. Seja em iniciação científica, de TCC, mestrado, doutorado ou mesmo supervisão de estágio de pós-doutorado, eu busco isso: “Como é que eu posso ter um excelente desempenho como orientadora, aqui, nesse projeto?”. Isso é uma...aí pode ser o mantra que você tinha perguntado (risos), esse é meu mantra de orientadora: “Eu quero fazer excelentes orientações”, porque eu considero que o orientador tem um papel importante, eu posso contribuir para a pesquisa em Comunicação, em Jornalismo, em estudos de Comunicação e Jornalismo... se eu desempenhar uma ótima orientação, certo?

Então eu me empenho nisso. Então vou tentar pensar aqui, com você, Vinícius, qual rotina eu faço para buscar essa excelência. Não existe o ISO da orientação, então a cada orientação você tem que começar do zero e dizer: “Bem, o que eu aprendi das outras orientações e pesquisas desenvolvidas e o que eu posso aplicar aqui?”. Óbvio que, na verdade, cada orientação tem uma individualidade, uma singularidade. É uma outra pessoa e outro projeto de pesquisa, outras demandas e objetos empíricos. O primeiro aspecto, então, eu diria, é você se

capacitar para ser orientador, orientadora. Estou convicta de que a primeira capacitação para ser orientadora é executar pesquisas. Você deve estar sempre praticando a pesquisa, porque é praticando a pesquisa que você conhece as nuances do que é pesquisar. Então praticar pesquisa, se envolver em projetos de pesquisa, sejam em autoria própria, sejam em coautoria, sejam em redes nacionais e internacionais de pesquisa. E eu tenho procurado fazer isso no decorrer da minha carreira de pesquisadora. Isso te prepara. Porque você vai conhecer abordagens, metodologias, técnicas, mecanismos de aferição, de aplicação do melhor rigor científico, e isso é muito importante para saber conduzir uma pesquisa, como autora e/ou como orientadora.

Outra coisa: se você quer se formar como orientadora, orientador, e aí é interessante destacar isso, pois tem docente que faz outras opções. Agora, se você quer fazer essa opção da pesquisa – que foi algo que eu fiz, além de executar pesquisa e participar de redes nacionais e internacionais de pesquisa – você deve também praticar o exame de pesquisas, ou seja, participar como examinadora, como examinador, de Bancas e como parecerista.

Eu considero que, como orientadora, eu não deveria ter contato apenas com as pesquisas que eu conduzi, de minha autoria ou que eu orientei. Por quê? Porque aí eu estaria sempre apenas dentro da minha perspectiva de pesquisa, não é? A pesquisa que você fez, você executou como te pareceu mais apropriado, mesmo que tenha feito em redes nacionais e internacionais, você é o autor daquela sessão da pesquisa, daquele levantamento de dados. Quando você é orientadora, você também está sob seu olhar. É certo que em uma banca seu olhar de orientadora também é observado e comparado, mas

ainda assim é o seu recorte. Então, eu procuro aperfeiçoar minha capacidade de orientadora ao conviver com pesquisas com as quais eu não sou autora nem orientadora. E isso você faz tanto nas bancas quanto sendo parecerista ad hoc de eventos e periódicos científicos. Por isso tenho tido uma agenda contínua para atuar como parecerista, assim como para participar de bancas, tanto de graduação, mestrado e doutorado. Eu quero colocar o meu olhar em outras pesquisas nas quais eu não participei, porque eu irei aprender outros métodos, outras abordagens.

A cada sessão de bancas que eu saio, a cada semestre eu aprendo mais e isso é algo que eu faço de forma deliberada. Eu realmente tomo como uma prática, como se fossem estágios de supervisão, estágios de aprendizagem. Cada banca, para mim, é isso. Sem contar que os próprios temas são interessantes. É a minha área, Comunicação é a minha área de atuação. Eu gosto e aprendo. Gosto de ver as pesquisadoras e pesquisadores se desdobrando e chegando a novos conhecimentos e esses novos conhecimentos não vão ser só para eles, vão ser para mim também. Eu vou aprender naquele momento e, também, vou aprender com a orientação que foi feita por outro grupo, outra pessoa, outra equipe de pesquisa e isso eu acho que também é uma prática que forma um bom orientador.

E tem uma outra parte... porque isso aí é da formação, né? Se você procura ser um bom orientador, forme-se para ser um bom orientador... orientando e examinando outras pesquisas. No entanto, tem uma outra parte que envolve a orientação, que é o convívio, a interação humana com o seu orientando, orientanda, porque esse ser tem as suas potencialidades e limitações. Mui-

tas coisas às vezes são contextuais. A pessoa está passando por um momento, por uma condição de trabalho, uma situação que... eu costumo falar que você sempre terá obstáculos na sua vida, uma hora ou outra, isso não é uma descoberta minha não, é uma coisa que é verdade (risos). Os obstáculos da vida, seja uma breve virose, mas que pode te deixar de cama durante duas semanas; seja alguma outra demanda da sua vida pessoal, sua vida financeira... isso pode acontecer durante o processo de pesquisa, pois faz parte da vida.

Então o orientador e a orientadora têm um papel aí de saber fazer essa medida, abrir espaço para uma pausa para, depois, no momento adequado, solicitar que o estudante volte à agenda de trabalho, ou até mesmo refaça sua agenda, seu calendário. A orientanda, o orientando, às vezes, não tem, pela falta de experiência, condições de fazer essa readaptação. Muitas vezes o orientando tem que fazer uma parada como essa e depois entra em uma espécie de pânico. A experiência da orientadora e do orientador, nesse momento, é muito importante, porque às vezes a orientanda, o orientando, realmente entra em um estado de pânico e pensa que a pesquisa não irá prosseguir. O papel do orientador, nesse caso, é ver o percurso que deve ser tomado, para garantir chegar ao sucesso da pesquisa e conduzir para que os orientandos percebam que não se trata apenas de um relatório a escrever, mas trata-se de uma pesquisa a executar e redigir. Mais do que escrever uma pesquisa, trata-se de fazer uma pesquisa. Escrever não é nem a parte mais difícil. Executar é que é a parte mais difícil e aí o papel da orientação também é esse. Uma pesquisa bem executada será bem escrita. Uma pesquisa mal executada nunca será bem escrita. Então, em síntese, eu busco desenvolver uma excelência constantemente,

a cada pesquisa orientada, melhorar meu desempenho para desenvolver uma excelência – quero frisar que nunca é alcançada – mas a cada projeto você dá um pequeno passo para chegar a isso: orientar uma boa condução de pesquisa. E aí, a partir disso, que se reflita em uma boa redação do relatório de pesquisa.

Nesse sentido, já que falou um pouco sobre seu processo de orientação, sobre como procura acompanhar os alunos, eu queria saber de você: como vê a especificidade de orientar na área de Comunicação?

Dentro das Ciências Sociais Aplicadas, eu gosto muito de chamar a atenção dos estudantes o seguinte: bem, nós podemos... não sei bem dizer porque... estou sendo sincera e não sei realmente dizer porque... vou aqui elaborar um pensamento, pensar alto com você como o objeto da Comunicação acabou se deslocando um pouco das perspectivas sociológicas, de uma abordagem sociológica, ou sócio-histórica, que eu acho que seria mais enriquecedora. Muitas vezes a gente realiza estudos, para usar a terminologia do professor Gonzaga [Luiz Gonzaga Motta]... muito midiacêntrica e pouco sociocêntrica, ou seja, que a mídia às vezes se torna o grande objeto de observação como se ela não existisse dentro de um conjunto social e de uma historicidade.

Um desafio é não transformar a pesquisa que você está orientando, ou conduzindo, no campo da Comunicação, em uma pesquisa sociológica, porque não é. E, ao mesmo tempo, não deixar que ela seja um estudo absolutamente midiacêntrico, porque a realidade não é assim. E isso é um desafio, pois a gente vê muito, principalmente no início da concepção de um trabalho – e isso acontece tanto na graduação como na pós-gradu-

ação – o estudante propondo um estudo, um objeto de pesquisa no qual, ao invés dos meios ou dos fenômenos de comunicação serem o objeto de observação para eu compreender, eles sejam o fim em si mesmo. Isso é limitador. Esse objeto existe dentro de um contexto social e histórico, e qual contexto é esse? Como a dimensão sócio-histórica interage com esse objeto e fenômeno comunicacional? Vamos lembrar um pouco disso, desta historicidade, vamos deixar essa pergunta também para ser respondida, se você próprio não pode responder apenas com seu estudo, pergunte-se quem mais configurou esse campo para que você não possa ter um olhar tão midiocêntrico; também este chamado é um papel possível do orientador.

Embora você também não possa criar um olhar sociocêntrico, porque para isso teria que usar os recursos, metodologia ou olhar focado na História – aí teria que ser historiador para isso – ou Sociologia – teria que ser sociólogo – mas também não quer dizer que tenha que abrir mão destas ciências e abrir mão da contribuição que elas têm para o campo da Comunicação. Isso é um dilema que a cada pesquisa conduzida ou orientada a gente deve enfrentar. E eu procuro advertir, buscar, trazer elementos de contribuição de outros campos do conhecimento para o fenômeno que a orientanda, o orientando está estudando. Procuro advertir para que as orientações que realizo não tenham um olhar midiocêntrico, onde a mídia explica-se por si mesma, deslocada de uma realidade sócio-histórica.

Você falou de trazer algumas metodologias de outras áreas para a Comunicação. Acha que na Comunicação a gente se ressentir muito de metodologias próprias do campo e que ainda bebemos muito em outras áreas?

Eu acho que o campo da Comunicação bebe em outras áreas sim, e a recíproca também é verdadeira. Tanto em termos de contribuição teórica quanto metodológica, os campos de conhecimento devem dialogar, e isso não deve ser um problema, ao contrário. Por que, vejamos, o que você tem? Em qualquer campo de conhecimento você tem que ter um objeto de estudo, uma pergunta de pesquisa, um referencial teórico que te ajude a compreender esse fenômeno e uma série de procedimentos que você vai aplicar em um estudo para fazer esse cruzamento entre revisão teórica, o empírico e lançar sua pergunta de pesquisa. Você tem que investir nos métodos e trazer os resultados para depois interpretá-los ou compreendê-los em diálogo com a revisão teórica, seu referencial teórico. Então, se você faz isso se amparando mais em uma perspectiva de contribuição da História ou de autores do próprio campo da Comunicação, ou da Sociologia ou da Antropologia, dos Estudos Culturais e outros campos, mas consegue examinar esse fenômeno, executar a sua pesquisa, dentro dos preceitos do método científico e trazer uma resposta que some para o conhecimento, que adicione conhecimentos à ciência, você cumpriu o percurso que prometeu. Você cumpriu seu papel de pesquisador, de pesquisadora. E não existe ou não deveria existir, nas Ciências Sociais e Humanas, um isolamento.

Como já falou um pouco do seu processo de orientação, gostaria de trazer sua experiência pelo lado, talvez, do orientando. Como vê sua relação com seus orientandos e orientandas e procura construir essa relação? E, nesse sentido, qual um bom perfil de aluno para se relacionar e as principais dificuldades?

Vou começar pela questão do bom relacionamento, do bom convívio. Acho que não diferencia de qualquer outro convívio. As regras são as mesmas, guardadas as devidas proporções, no sentido de que você tem que ter, primeiramente, um convívio sustentado pela ética e respeito. Isso como em qualquer tipo de relações. Por outro lado, não é uma relação como outra, no sentido de ser um convívio humano, pois é uma relação que ocorre no que a Sociologia do Trabalho chama de “mundo do trabalho”.

Na relação de orientação clássica você tem uma estudante, um estudante, em formação, tem um prazo para finalizar essa formação de pesquisa e tem um ritual; que é a defesa para cumprir. Portanto, é uma relação de trabalho. E isso é uma... como você falou das dificuldades... pode ser uma das dificuldades, porque às vezes essa pessoa não vê que você, como orientadora, como orientador, está dentro de um processo de trabalho. E, para ele, para essa pessoa, orientanda, orientando, é um processo de estudo, de formação. Ele, ela, estão estudando, estão realizando uma pesquisa enquanto estudo; a orientadora, o orientador, estão orientando a pesquisa enquanto trabalho. E todo o processo segue muito mais as normas do mundo do trabalho, que é um mundo que está na esfera pública, que está socializado, que tem suas normas e rituais. E nós, orientadoras e orientadores, temos um pouco desse papel também, propiciar que o orientando, a orientanda, compreenda que ele, ela, estão em uma relação, na qual as pessoas estão imersas no “mundo do trabalho” – como no caso da banca – cumprindo uma tarefa que tem normas, regras, prazos, rituais. Em um bom diálogo você consegue dizer para o orientando também sobre tais procedimentos de relacionamento e normas.

Tem uma anedota, mas é uma realidade... do médico que está na festa de noivado da filha e alguém chega: “nossa, doutor, estou com uma dor tem tempo, o que o senhor acha?”. Então o autor, a autora, a orientadora são profissionais como aquele médico – que não quer te dizer no meio da festa de noivado da filha o que pode ser a sua dor, certo? É a mesma coisa. Ou seja, existe um ritual que envolve o mundo do trabalho e o orientador muitas vezes alerta o aluno, estudante, ou quem está sendo avaliado.

Assim, então, quais seriam os principais desafios de ser orientadora? A gente falou um pouco dos limites no começo da entrevista, mas e os desafios?

Desafios de ser orientadora? É curioso... me surgiu agora um vazio perante essa pergunta, porque eu adoro ser orientadora. É como você perguntar para alguém que vai todo ano para o Everest: “Como assim você vai todo ano para o Everest?”. “Nossa, é maravilhoso”, responderia o alpinista. Então, orientar é uma tarefa que eu compararia, a cada ano, a você ir para o “Everest da orientação”. A cada orientação você tem uma série de missões, porque é alguém que vai finalizar ou não vai finalizar a pesquisa. Se irá finalizar com êxito, ou se não irá finalizar com êxito e como orientadora tenho um papel importante neste processo. Vejo com profissionalismo a questão de ser orientadora, eu vejo com naturalidade os desafios, assim como uma pessoa que vai para o Everest, guardadas as devidas proporções da comparação. Ou seja, sabendo dos riscos, mas sabendo preparar-me.

Eu acho que depois que você toma a rotina de ir para o “Everest da orientação”, os desafios da orientação... não se tornam mais desafios, tornam-se mais uma rotina; mas você deve ter cuidados com essa rotina. En-

tão já não trato os desafios como desafios, porque senão eu vou jogar uma carga de expectativa e tensão muito grande, no entanto preparo-me continuamente para cada nova jornada de orientação.

Além disso, tornar-se atualizada, manter-se sempre atualizada e experiente com os temas e metodologias do seu campo é um dos desafios também da orientação. Se não, você pensa que já participou de banca demais, já leu trabalho demais, já fez pesquisa demais... acha que está preparada, preparado. Nesse sentido, o primeiro desafio é você ser humilde e dizer: algo novo está surgindo e eu preciso acompanhar, pois quero estar *up to date*, quero estar qualificada para compreender e movimentar-me enquanto orientadora. A gente fala muito para o orientando, orientanda: “Esteja atualizada, atualizado, a par do que é corrente não apenas no seu campo de conhecimento”... Eu falo nas minhas orientações: “Olha, não estude só o seu tema, não conheça só a sua metodologia, não conheça só a sua técnica, teste outra técnica”. Então, acho que meu primeiro desafio como orientadora é fazer isto!

Você não pode, pensando aqui contigo, é cair naquele ditado que diz: “Faça o que eu mando e não faça o que eu faço”. Acho que como orientadora tem de dizer: “Faça o que eu faço”. Ou seja: eu quero orientar a pesquisa? O primeiro desafio é que eu pesquise, sempre. Se eu não pesquisei sempre, se eu não diversifico minha experiência de pesquisa sempre, eu não estarei preparada para orientar, certo? E aí, então, óbvio, se uma pessoa não gosta de executar pesquisa, se pesquisar não é o que mais te afeiçoa dentro dessa carreira da docência, orientar também não vai ser sua arte, seu campo de potencial excelência, porque você vai estar conduzindo

algo no qual você próprio não está à vontade. Se eu não tenho o desejo de mergulhar na pesquisa, como é que iria despertar esse desejo em outrem?

Ou seja, se eu disser para a orientanda, o orientando experimentar, se eu disser que tem que diversificar suas leituras, se eu disser que tem que conhecer novas metodologias, se eu disser que tem que ter um maior rigor científico, se eu disser que tem que diversificar seu acesso a dados e se qualificar para interpretar esses dados, eu tenho que fazer isso com as minhas pesquisas. Portanto, ao ponto que eu mantenho essa rotina de pesquisa, eu consigo manter a minha rotina de orientadora de pesquisa. A minha rotina de pesquisa alimenta a minha rotina de orientação.

Um bom perfil de orientando tem um outro ponto que não falei: a disciplina. O método científico inclui disciplina e a disciplina inclui essa relação também da orientação, da orientadora ou orientador com a orientanda, orientando. É você saber que tem uma rotina a ser cumprida e ela inclui disciplina de prazo, de realização dos métodos e técnicas, disciplina de aprofundamento da revisão teórica. E eu tenho sido bastante feliz nessas relações de orientação, nas construções de parcerias de orientação que são bem-sucedidas.

A gente geralmente fala de humildade de orientando, mas porque só uma das partes deveria ter uma postura humilde, no sentido de pronta a aprender e re-
ver? Na relação de orientação, o último item que eu coloco para você, Vinícius, e para os que estão lendo esta entrevista é: por um lado, há que haver disciplina, há de haver rotina, pois sem rotina você não chega a um resultado. Rotina que inclui um planejamento e disciplina

para cumprir esse planejamento e adequar algumas coisas que sejam necessárias ao longo da execução. E, por fim, por outro lado, há de haver humildade e irei grifar: essa rotina, disciplina e postura de humildade-aprendizagem é para as duas partes. É para a orientação, para o orientador, orientadora e para o orientando, orientanda.

Por exemplo, se eu tenho a humildade de dizer, como orientadora: “Olha, parece-me que esse é o caminho. Vá”. E você vai e volta com os dados. Contudo, aí eu posso dizer: “Olha, eu te indiquei esse levantamento de dados, mas estou vendo que não vieram dados suficientes, não vieram como a gente precisava”. Como orientadora, tem de ser humilde nesse sentido: “Bem, realmente, eu te orientei para esse caminho, mas não chegaram dados suficientes”. Estarei sendo humilde em reconhecer que aquela forma de condução, a qual eu indiquei em um primeiro momento, não chegou ao resultado. E o orientando também tem que saber ouvir e dizer: “Poxa, fui entrevistar ‘x’ pessoas e agora vou ter que fazer outra coisa?”. “Sim, pois imaginei algo com esse levantamento e a gente não tem”.

Assim, se tanto orientando, orientanda, quanto orientador, orientadora, adotarem uma postura humilde, ou seja, uma postura que abre para reverem a proposição de metodologia, reverem os autores que foram trabalhados até aquele momento, empreender novas buscas, trazer mais chaves conceituais para interpretar os dados coletados... o processo de orientação estará no caminho certo. Essa relação de rotina, disciplina e humildade de rever cada etapa de pesquisa tem de ser das duas partes. É a última recomendação que eu gostaria de deixar para nossas leitoras e leitores.

A pedagogia da transparência: Fernando Oliveira Paulino

por Luma Poletti Dutra

Prólogo

Em defesa de pactos claros e amizades longas

Penso que o orientador tem o papel importante de ser uma espécie de treinador, de técnico do trabalho. Ou seja, quem entra em campo e escreve a monografia, dissertação ou tese é o formando, mestrando ou doutorando, mas o orientador também tem uma responsabilidade de guiar, de montar uma estratégia, de estabelecer um acordo para que o trabalho final surja.

Para que isso aconteça de uma maneira saudável, é muito importante estabelecer as regras de funcionamento da orientação desde o primeiro contato. É necessário sempre nivelar as expectativas e ter transparência, desenvolver pactos claros e amizades longas com quem você orienta. Se isso não é acertado de saída, maior a possibilidade de ruído ao longo da orientação – e depois dela. Se o orientador e o orientando conseguem resolver de saída essa “norma de convivência”, digamos assim, a chance de ter um trabalho exitoso antes, durante e depois da banca é maior.

I - Identificando papéis

Da minha parte, seja em sala de aula ou na orientação, procuro sempre criar um ambiente no qual as pessoas se sintam confortáveis com o trabalho que é desenvolvido. Isso significa compreender como cada pes-

soa funciona, como ela se sente bem em desenvolver um processo de aprendizagem e de orientação. Acho que às vezes os dois devem até fazer uma meta-análise do que é realizado, para que o orientador e o orientando percebam quais são as suas responsabilidades.

Resumindo: é muito importante para o sucesso da orientação que essas regras, costumes e procedimentos sejam definidos desde o início. Pode ser de uma forma descontraída, sem um contrato de reconhecimento de atribuições “em cartório”, mas é preciso que haja clareza, sintonia em relação ao modo de produção do trabalho. Até para os desdobramentos do que possam surgir dele, em termos de autoria de produção científica, de outros projetos de pesquisa resultem do processo de orientação.

II - Teoria Geral Pauliniana do bem-estar

Tento trabalhar tanto com encontros presenciais quanto com encontros não-presenciais, especialmente por e-mail. Mas acho que para que o não-presencial funcione bem é importante ter o contato presencial que possibilite essa definição de passos. Busco fazer isso presencialmente, mas, na medida em que a gente consegue definir um plano de trabalho, eu procuro dar autonomia para o orientando encontrar o seu próprio caminho.

Me parece (é a autocrítica que faço) que eu consigo dosar tanto as sugestões metodológicas que dou quanto os caminhos que os orientandos encontram. Eu não me sinto uma pessoa dogmática que impõe um modelo pré-estabelecido da teoria Pauliniana, Paulínica, sei lá, como dogma.

Claro que eu tenho algumas preferências metodológicas, até pelos trabalhos que eu tenho desenvolvido. Costumo sugerir entrevista, trabalho empírico, algo que ainda pode ser expandido em nossa área. Às vezes, nós temos na área da comunicação muitos trabalhos ensaísticos, pré-concebidos em algumas ideias que podem se chocar com a realidade. Como a gente está em Brasília e estuda políticas de comunicação e de cultura, eu acho que é fundamental entrevistar atores-chave. Só que isso não significa que no meu trabalho de orientação eu obrigue as pessoas a seguirem determinadas condutas. Eu apresento algumas ideias. Se eu sentir que o orientando tem um caminho interessante para encaixar ou refutar o que estava sendo pré-estabelecido, como diria Juscelino, eu sinceramente não tenho compromisso com o erro¹. O que mais vale é a experimentação, a inovação.

III - Orientador-psicanalista

Às vezes a pessoa chega precisando menos de um orientador e mais de um psicanalista, de um colô, de um astrólogo – dependendo da perspectiva do estudante. O orientador não necessariamente tem domínio técnico para desenvolver um trabalho com essa abrangência. Por isso, é preciso ter clareza em relação ao papel do orientador, para que não haja uma frustração de expectativas.

Eu acho que o humor é uma espécie de instrumento didático-pedagógico. Então, em situações mais tensas, eu procuro lidar com descontração e até fiz disso uma ferramenta de trabalho. Já teve caso em que o orientando chegou e disse: “Olha, eu não sabia se ligava para o meu psicanalista ou para você. Preferi mandar

¹ “Costumo a voltar atrás, sim. Não tenho compromisso com o erro”, frase dita pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek (1955-1961).

uma mensagem e agora estou aqui. E aí, como a gente resolve o meu problema?”. Eu respondi: “Olha, o seu problema científico, de pesquisa, a gente consegue resolver. Se ele contribui ou não com o problema existencial aí essa outra parte a gente vai ter que ‘pedir ajuda aos universitários’, para quem tem mais conhecimento sobre isso. Mas, vamos começar pelo menos com a parte da produção científica”. Então, acho que com jeito você consegue lidar com certas situações muito constantes no dia a dia.

IV - Orientador Clint Eastwood

Quando orientador e orientando se sentem bem é sinal de que o trabalho está num rumo certo e caminha para um resultado satisfatório. Claro que às vezes há mais liga ou menos liga. Depende de uma série de questões até de ordem existencial. Tem uma cena muito interessante no filme do Clint Eastwood, *Menina de Ouro*: a protagonista vai atrás do personagem do Clint para ele ser treinador dela, e ele é muito resistente a essa situação. Depois de muitas idas e vindas, ele diz a ela: “tudo bem, eu vou te treinar, mas tudo que eu falar você faz”.

Então chega um momento em que, para que haja êxito no trabalho, é preciso que quem está sendo orientado acredite no trabalho que está sendo feito e se guie pelas dicas. Claro, oferecendo sugestões, dados e outras perspectivas também. Mas acho que tem que ter transparência, clareza, diálogo, porque senão a chance de fracasso é real.

Acho que a orientação é exitosa quando os dois lados se sentem bem, quando o trabalho acaba sendo desenvolvido. Só que para que isso aconteça tem que ter

um acordo. Eu insisto nessa ideia do acordo, da interação na qual cada um saiba o seu papel e consiga também respeitar diversidade de opiniões e as responsabilidades que estão postas. Penso que isso pode funcionar bem na medida em que você consegue fazer esse acordo e depois consiga ter encontros presenciais, agregados a uma troca de arquivos, de mensagens que contribuam com o andamento do trabalho.

V - Orientador Mestre dos Magos

Tenho orientado não só na graduação e na pós como também, na medida do possível, pessoas do ensino médio (os chamados pibiquinhos²). É uma experiência muito interessante fazer essa ponte entre pós-graduação e ensino médio, que é algo que a universidade possibilita e contribui para fazer um balanço permanente do papel que o orientador tem que ter.

Na minha opinião, o orientador pode ser essa espécie de guia, esse Mestre dos Magos³, seja no doutorado ou no ensino fundamental. Mas acho que é preciso não só encontrar uma maneira de criar regras e segui-las, mas também de respeitar a autonomia de quem você orienta.

VI - Acadêmicos da Pindorama

Falando como brasileiro, que tem orgulho de ser brasileiro e que se identifica com a cultura brasileira:

2 Programa de pré-iniciação científica voltado a estudantes da rede pública do ensino médio do Distrito Federal.

3 Personagem do desenho animado Caverna do Dragão, que exerce um papel de mentor dos jovens protagonistas. Conhecido por aparecer misteriosamente, aconselhar os personagens de maneira enigmática e desaparecer em seguida.

precisamos admitir que é parte da nossa cultura ser, por vezes, inconveniente. Eu acho que muitas vezes somos um povo inconveniente em relação ao tempo do outro, ao espaço do outro, ao ouvido do outro e isso também reverbera em um processo de orientação, no processo desenvolvido dentro e fora da sala de aula.

Por exemplo, eu costumo dizer que o bom aluno não é aquele que para o professor no corredor, o bom aluno é aquele que resolve a sua necessidade dentro da sala de aula no horário da aula ou da orientação. Não é aquela pessoa que no final de semana para o orientador na rua, no shopping ou no restaurante para desenvolver alguma ideia profissional e pedir que você trabalhe no momento de lazer. Sei de colegas que se sentem bem com tal abordagem que pode até dar um ar de importância ou relevância, mas vejo sim como uma espécie de masoquismo legitimador. A gente tem esse desafio de encontrar uma rotina de orientação na qual o orientador compreenda e entenda o tempo de quem orienta e vice-versa.

VII - Consultório

Talvez o ambiente das salas dos professores seja semelhante a um consultório. É possível que isso também influencie, porque em um consultório psicanalítico você tem uma pessoa falando e outra ouvindo, não é? Uma está de um lado da mesa e a outra do outro, na cadeira. Tem um doutor que prescreve coisas e tudo mais.

Por um lado, entendo a necessidade de ter uma ritualística de saúde mental, mas por outro é importante que o orientando perceba que ele não está em uma clínica psicológica ou psiquiátrica no momento da orientação e o orientador também perceba que ele não é o dono

do orientando. Ele não é um paciente que vai chegar e vai ser o polo passivo na relação.

É importante romper com esse ecossistema estabelecido que me parece ainda muito ruidoso em relação aos papéis – especialmente nas ciências humanas, onde a gente tem muita euforia, muita disforia, por vezes, muita energia, muito calor. Acho que precisamos rumar para uma situação de mais luz, de menos comportamento ansiogênico, de menos fricção, de menos rede social, e de mais diálogo, mais acordo, mais produção compartilhada.

Na relação entre orientando e orientador é necessária essa compreensão de tempo, de ritmo. Eu sinto que a gente tem andado numa sociedade doente por não conseguir compreender o funcionamento do outro, o tempo do outro. A gente está muito restrito a certas pré-interpretações e expectativas sobre como o outro deve se comportar. Para evitar isso, é fundamental essa abertura, esse diálogo antes, durante e depois do trabalho de orientação.

VIII - Equidade científica

Já orientei trabalhos em outros campos do conhecimento, mas atuo fundamentalmente na Comunicação. Já tive experiências de coorientação em trabalhos fora da área e tenho participado de bancas em cursos como História, Serviço Social, Letras, Desenvolvimento Sustentável, Sociologia e Biologia. Acho isso muito bom, queria ter mais condições e pernas para acompanhar como outros campos funcionam porque tenho a impressão de que é cada vez mais necessário o debate sobre equidade científica.

Uma tese no curso de Física costuma ter por volta de 20 minutos de apresentação e a banca demora 1h ou 1h30. E assim sucessivamente, para mestrado ou graduação. Na Comunicação, eu acho que a nossa economia temporal é muito mais drenadora de energias, especialmente do professor. Por exemplo, chega no final do ano, e o professor tem que ler 250 páginas da graduação (5 trabalhos de 50 páginas) e cada banca vai demorar 2h. Aí você tem 2 trabalhos de mestrado de 100 páginas cuja banca demora 2h30. Aí você tem 1 trabalho de doutorado de 300 páginas para a banca demorar 4h – e eu não estou falando nem do tempo de leitura.

Se você colocar na conta, a saúde do professor universitário é muito debilitada também por isso. Um debate necessário é pensar em maneiras para otimizar o tempo, e isso não significa restringir liberdade ou criatividade.

IX - Masoquismo legitimador

Considero que, entre nós professores, pode haver uma espécie de “masoquismo legitimador”. Porque a gente diz: “Ai, é tão ruim, os alunos me procuram e é tão chato, tomam meu tempo e me maltratam”. Mas, ao mesmo tempo em que a gente talvez se fira com isso, é uma forma de se legitimar socialmente e até entre os colegas. “Poxa, você acredita que 20 pessoas me pararam no corredor para me pedir orientação? E você?” – “Ah, só três”. “É mesmo? Puxa, então eu sou mais consultado do que você!”.

Em fóruns de professores essa conversa aparece muito como uma forma de se legitimar: “Nossa, os alunos não conseguem fazer sem mim”. Na minha opinião, esse debate sobre limites a respeito das atribuições e respon-

sabilidades dos docentes precisa ser intensificado. Esse é um diálogo ainda pouco exposto publicamente até entre os professores, uma conversa de bastidor. Tem muita gente que talvez ou não pense nisso ou não queira pensar ou não queira assumir essa situação, sabe? Porque às vezes certos assuntos são meio indigestos e precisam de mais abertura para o debate.

X - Populismo acadêmico

Não me nego à possibilidade de abrir certos debates e diálogos com os estudantes até para que a gente consiga superar algumas práticas de populismo acadêmico: situações nas quais o docente evita falar para o aluno o que deve ser dito para não correr o risco de diminuir popularidade. Eu tendo a acreditar que a melhor pedagogia é a da transparência, da clareza e do respeito. De você poder chegar e falar com serenidade: “Olha, seu trabalho está assim, mas poderia estar melhor se você tivesse feito algo como...” ou “olha, talvez um método complementar ao seu trabalho seja...”.

Eu sinto que no meio acadêmico, como um todo, o populismo e o masoquismo legitimador estão presentes e afetam o nosso dia a dia. Eles devem ser temas que merecem uma reflexão contínua porque com certeza podem surgir no dia a dia da orientação.

XI - Autoestima

A diversidade temática e metodológica da Comunicação, para mim, é um patrimônio, não é um problema. Tem gente que vê como um problema, não acho que seja, até porque não tenho a autoestima abalada em relação a outras áreas do conhecimento. O que sinto é que talvez

para algumas pessoas haja certa inferioridade da Comunicação em relação a outras áreas das ciências humanas, como a Sociologia, ou de outras áreas temáticas, como Biologia ou Psicologia.

Considero que a Comunicação é um campo do conhecimento com autonomia, com epistemologia e metodologias próprias e isso deve ser visto como algo interessante, eu tendo a ver assim. É algo que possibilita uma abordagem, uma construção do conhecimento e uma contribuição à sociedade fundamentais.

Acho que isso também me possibilitou, tanto na pós como na graduação, encontrar objetos e perspectivas muito diferentes. Já orientei trabalhos de variados temas, desde vídeo sobre espiritismo até reportagem sobre ditadura e povos indígenas, passando por pesquisas sobre jornalismo, moda, futebol e reflexões ligadas à publicidade dirigida às crianças. Eu sinto que esse é um patrimônio que a Comunicação tem, essa diversidade de temáticas e de abordagens. No meu trabalho de orientação, eu procuro lidar com essa variedade da melhor maneira, até para a pessoa se sentir confortável e não precisar seguir uma cartilha.

Com isso, eu até releio e aprendo a lidar com temas com os quais eu não tenho inicialmente tanta familiaridade, porque também tem isso: não compete necessariamente ao orientador ter respostas pré-concebidas para o que o orientando quer ouvir. Acredito que a gente pode abrir o coração de parte a parte, para encontrar um método, um objeto, uma abordagem, uma perspectiva que seja interessante para os dois lados.

XII - A FAC (ou: mais sobre autoestima)

No caso específico da pós-graduação, especialmente na Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB, você tem um patrimônio acumulado nas discussões sobre políticas públicas de comunicação e de cultura bastante significativo. Entendo o trabalho que desenvolvo na pós como uma tarefa, como uma responsabilidade de promover essa área, esse instrumento de interpretação dessa realidade em diálogo com a formulação, implementação e avaliação de políticas públicas para a comunicação e para a cultura. Acho que a gente tem conseguido algumas contribuições interessantes no campo científico.

Uma coisa importante que temos aqui é a formação de quadros. Existe um ruído na pós-graduação que é: “a gente vai formar doutores e mestres para atuarem em universidades públicas ou privadas”. Eu não vejo apenas assim. Nosso programa, ao longo desses quase 50 anos, teve um papel muito importante na formação de gestores de políticas públicas, na formação de profissionais da área (audiovisual, publicidade ou jornalismo) e eu acho que isso é muito bom e é uma característica marcante. Eu não tenho a autoestima abalada com isso, muito pelo contrário, é um traço do nosso programa e acho que a gente deveria até assumir com mais visibilidade porque nos diferencia de outros programas que estão em cidades como Rio e São Paulo e que têm outras características e inserções profissionais.

Questões especialmente relacionadas a comunicação e Estado, sociedade e cidadania marcam o nosso programa e as pesquisas que são feitas na área. Na graduação eu também acho que é maravilhosa a possi-

bilidade de você desenvolver temas diversificados em diferentes formatos. É possível concluir o curso com uma monografia ou com um produto (vídeo, revista e reportagem, por exemplo). Em comparação a outras áreas, acho que é fantástico ter essa possibilidade.

Orientar essas coisas diferentes nos dá um repertório muito bom para a atividade profissional e para a vida. Certamente quem está em outra área do conhecimento que não conte com todas essas possibilidades metodológicas e de formatos talvez não tenha essa chance que a gente tem aqui e que é muito agradável. Acho que também sou muito satisfeito com o meu trabalho e meu ofício por isso.

XIII - O trajeto

Comecei a dar aula muito novo. Desde muito pequeno tinha o sonho de ser jornalista, queria ser repórter esportivo, só que para fazer jornalismo eu tinha que ter uma profissão para pagar a faculdade. Morava em São Paulo e fiz colegial técnico em eletrônica. Nessa época trabalhei dois anos de atendente de lanchonete no *Mc Donald's* porque eu precisava ter os recursos necessários para estudar. Fui estagiário na área de eletrônica na HP e trabalhei como técnico de manutenção bancária antes de prestar e passar no vestibular da UnB. Faço essa referência porque eu queria fazer o curso de comunicação, mas para que isso acontecesse eu tinha que ter as condições necessárias. Passei no vestibular e vim para Brasília, morar na Casa do Estudante Universitário⁴.

⁴ Moradia estudantil oferecida pela Universidade de Brasília aos estudantes de graduação.

Quando entrei no curso, a FAC não tinha a estrutura que temos hoje e havia um apelo significativo para se fazer estágio. Só que eu já tinha sido estagiário no ensino médio e sabia as vantagens e desvantagens dessa condição. Logo percebi que, para mim, melhor do que o estágio, era aproveitar o que a universidade oferecia. Então entrei em um projeto de extensão, cujo nome curiosamente era *O Professor em Construção* na Faculdade de Educação (FE). Eu trabalhava na antiga reitoria⁵, nas proximidades da sala em que Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira atuavam nos primeiros anos da UnB.

Tudo isso promoveu uma imersão na vida universitária muito grande, e descobri que era possível ganhar a vida trabalhando num lugar chamado universidade, algo muito distante do meu radar até então. Quando entrei, consegui uma bolsa de extensão na FE, depois fui selecionado para uma bolsa de iniciação científica no grupo que participou da fundação do *Projeto SOS-Imprensa*⁶. A partir de então, fui tomando ainda mais gosto pela pesquisa e quando terminei a graduação fui selecionado para o mestrado.

Naquela época, eu participava de projetos de pesquisa e de extensão e de projetos sociais com jovens do Varjão e da Ceilândia, além de trabalhar na Coordenação do Programa Universidade Solidária⁷, com experiências locais, nacionais e internacionais. Como ainda não havia necessidade de ter o título de mestre para dar aula, aceitei

5 Onde atualmente é o prédio da Faculdade de Educação (FE-3).

6 Projeto de Extensão da Faculdade de Comunicação que desenvolve atividades de leitura crítica da mídia.

7 O programa Universidade Solidária, idealizado pela ex-primeira-dama Ruth Cardoso em 1995, promove intercâmbio de estudantes e professores em comunidades do país com o objetivo de desenvolver pesquisas de ensino e extensão.

um convite para ser professor no curso de Comunicação do IESB e dava algumas oficinas na Ceilândia.

Tinha 24 anos quando comecei a lecionar nos cursos de jornalismo e publicidade no IESB Centro Universitário. No ano seguinte já comecei a dar aula na UnB na disciplina de Comunicação Comunitária, como decorrência do Ensino Orientado. Em síntese, estou continuamente em sala de aula desde o prezinho. Entrei na escola e não saí mais com ensino fundamental e ensino médio, seguidos pré-vestibular, graduação, mestrado e doutorado. Após terminar o doutorado, prestei três concursos na FAC, passei em dois, assumi um deles e estou aqui como professor desde 2009.

XIV - Referências

Ao longo dos anos, você vai criando sua própria maneira de orientar, mas certamente cada um de nós leva consigo algumas referências prévias. Fui orientado pelo professor Luiz Martins no mestrado e na iniciação científica, e pelo professor Murilo César Ramos no doutorado. Na graduação, fiz o trabalho final sob a orientação do professor Denilson Lopes. Os três foram muito importantes em minha formação.

Claro que eu não aprendi a orientar só com os meus orientadores, também aprendi a orientar e a dar aula seguindo experiências que tive com professores e outras pessoas que conheci ao longo da minha trajetória dentro e fora do ambiente escolar. Seja na orientação ou em sala de aula, o que melhor funcionou comigo foram situações nas quais eu me sentia bem. Então, quando estou em sala ou quando estou orientando faço questão de me sentir bem e de deixar a pessoa se sentindo bem.

Não sou o professor que grita, ou que coloca a pessoa num ponto de instabilidade para ver como ela reage.

Os professores, profissionais, familiares e amigos que mais me tocaram e com os quais eu mais aprendi foram aqueles que desenvolveram um diálogo claro, que me falaram a verdade com respeito e consideração e eu acho essa que é uma metodologia que funciona.

Cada um tem uma maneira mais interessante de ser orientado ou de ser orientador, mas eu sigo muito da minha experiência, pensando em como eu me sentiria se estivesse na posição de quem estou orientando. Com isso eu também tento evitar a reprodução de certas falhas, certos erros e procuro aprender com alguns tocos que você vai levando ao longo do tempo e que são permanentes.

O processo de orientação também serve para você se orientar. Ao localizar uma pessoa, ao dar o rumo para alguém, você acaba também se localizando, se encontrando em várias possibilidades. Acho que é mágico começar um período muitas vezes sem nada escrito e terminar com muitas páginas resultantes da pesquisa realizada. Tem também na orientação um trabalho de magia, de você aproveitar a experiência para fazer por um lado um aprendizado técnico científico, e por outro um aprendizado humano. Se você está aberto a essa aventura da orientação, você tem mais chance de aprender, de se entreter, de ter satisfação com as atividades que estão sendo desenvolvidas.

A gigante de ombros sempre a postos: Rafiza Varão

por Raquel Cantarelli e Rafiza Varão

Na ocasião em que o Projeto de Mãos Dadas nos foi apresentado eu não precisei passar pelo processo de escolher uma orientadora para entrevistar. Pois, de imediato, uma imagem se formou na minha mente: Rafiza Varão. Ela tem um sorriso tímido e sabe sorrir, também, com os olhos. E foi o rosto dela que eu vi, sorrindo pra mim.

Naquele instante eu decidi que ela seria a minha entrevistada. Ainda é cedo para eu expor a real razão pela qual eu a escolhi tão prontamente. Por enquanto darei atenção aos dados mais formais que, sozinhos, já constituem uma bela justificativa. Maranhense, começou a sua carreira docente aqui mesmo, na UnB.

E lá se vão mais de quinze anos desde o dia em que ela veio substituir, temporariamente, uma professora. Apesar de ter ido ministrar aulas em outras instituições, boa parte desse período ela passou, também, na UnB, onde fez seu mestrado (2003) e doutorado (2012). Em 2017, voltou para a UnB. Desta vez como professora efetiva.

Desde que chegou em Brasília, Rafiza tornou-se professora, uma das melhores do país. Vale destacar que essa não é apenas a minha opinião. Ainda professora da UCB, onde eu tive o privilégio de ser sua colega, foi eleita a melhor professora do Centro-Oeste¹. Eu considero esse

¹ Professor Imprensa, promovido pela Imprensa Editorial, com apoio da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e patrocínio da RBS –ano de 2016.

prêmio a materialização do que ouvimos nos corredores dos lugares por onde ela passa: “receptiva, motivadora, atenciosa e com ótima didática para ensinar”. É assim que muitos alunos a descrevem. Vejamos, então, o que a Rafiza nos diz sobre o processo de orientação.

Uma aproximação

Quais são os limites de uma orientação? Gostaria de começar esse texto falando não ainda sobre os limites, mas sobre aquilo que se forma pelo lado de dentro: a substância da própria orientação, o miolo, o conteúdo, a sua natureza.

A orientação (no sentido que irei tratar aqui) não é algo que existe fora do universo acadêmico e, neste, é um processo que ora se apresenta no final de um curso (graduação), em todo ele (mestrado, doutorado), ou em momentos mais livres dentro de um curso (Iniciação Científica). Seu objetivo é sempre relacionado à pesquisa, aplicada ou teórica. Não é exatamente palpável ou observável de forma fácil, posto que, muitas vezes, seu conteúdo é imaterial.

Entretanto, pode-se dizer que seu processo consiste, prioritariamente, num encontro. Este encontro, por sua vez, se dá entre o que chamamos de orientando (aquele que receberá a orientação, aluno) e aquilo que denominamos orientador (aquele que orientará, professor).

Ao orientando, normalmente, é concedido o papel de aprendiz, alguém que se encontra em fase iniciática e precisa de outro alguém mais experiente para guiá-lo

na condução de suas pesquisas enquanto ele ainda é um neófito. Ao orientador é designado o papel de mestre, professor especialista.

A essa altura, podemos dizer que o encontro são encontros também, pois orientando e orientador vão estabelecer sua relação a partir de uma série deles, onde se espera que o último aponte caminhos, indique leituras, acompanhe produções (de uma monografia; de uma dissertação; de uma tese; de um relatório de pesquisa). Nessas ações, o orientador deve instruir o orientando para que este possa concluir sua pesquisa efetuando passos mais firmes, aprendendo sobre os trajetos metodológicos da construção do conhecimento científico da sua área.

Do orientando, é esperado que, mesmo com um guia, ele desenvolva autonomia de pesquisa, domínio do objeto escolhido, domínio dos métodos a serem empregados, e que possa se tornar senhor do material produzido pela sua própria pesquisa – se tornando ele próprio, especialmente no doutorado, um futuro orientador.

Dessa forma, pode-se dizer que a orientação cria um pesquisador, o tornando apto para desbravar, galgar todas as formações, o fazer científico sozinho, ainda que “sobre ombros de gigantes”.

Um estilo

Os estilos de orientação são diversos, sendo impregnados por subjetividades inerentes a orientador e orientando. Assim sendo, descreverei aqui os

procedimentos que costumo adotar, quando orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso de graduação².

O primeiro trabalho orientado por mim foi em 2004, na modalidade produto, uma revista sobre o agro-negócio. Como não há formação para orientadores, um curso específico que ensine quais são os processos e como conduzir uma orientação, aprendemos a orientar orientando. Desse modo, o primeiro grande aprendizado sobre como orientar, no meu caso, se deu nesse primeiro embate de orientação.

Portanto, leva-se um bom tempo até estabelecermos aquilo que é realmente eficiente numa orientação e o que pode ser descartado. Também leva-se um bom período até desenvolvermos nossos próprios sistemas e estratégias de condução das orientações – eu diria alguns anos. O doutorado, principalmente, ajustou meu modelo de orientação, já que, nesse momento, participamos de disciplinas em que simulávamos orientação do trabalho de colegas. Descrevo de forma resumida, abaixo, o modelo que venho adotando, com poucas variações, nos últimos anos.

A princípio, entendo que qualquer base de pesquisa nas Ciências Sociais (e na Comunicação Social ou no Jornalismo) se dá a partir da leitura de material sobre os temas e assuntos envolvidos na pesquisa, antes mesmo da definição de um método de trabalho. Desse modo, o primeiro passo sempre é colocado como uma aproximação ao estado da arte dos elementos-chave da pesquisa a ser desenvolvida. Essa aproximação pode auxiliar o orientando a redimensionar seu problema de

2 Nunca orientei mestrado nem doutorado.

pesquisa e assentar a investigação sobre pilares mais consistentes. Aqui, nesse momento também, já se delinea o suporte teórico sobre o qual o trabalho será erguido – embora se compreenda que esse suporte permeará o trabalho como um todo. Sugiro que o orientando faça uma lista com referências bibliográficas que ele julgue pertinentes e, após recebê-la, elimino ou adiciono itens, sempre a partir de diálogos com o aluno.

Ultrapassada a primeira etapa de leitura e feitos os ajustes ao projeto de pesquisa, é o momento de decidir os procedimentos metodológicos a serem adotados no trabalho. As escolhas metodológicas devem ser norteadas essencialmente pelo problema de pesquisa e pelas teorias adotadas na pesquisa, não sendo adequado estabelecer um método independente dessas questões. Deve-se delimitar melhor também a extensão da pesquisa, corpus de análise etc.

Uma vez definidos os procedimentos metodológicos, parte-se para a construção dos dados que formam a pesquisa e se inicia uma fase de construção textual e de análise de dados mais intensa. Nessa etapa, o acompanhamento da produção é mais próximo e constante, de forma a evitar erros iniciais que prejudicariam não só o desenvolvimento, mas a conclusão da pesquisa. Há um movimento contínuo de checagem do que se apresenta, bem como de auxílio para sanar dúvidas.

Por fim, o esforço da orientação se dá em fazer com que o orientando consiga extrair uma conclusão que esteja alinhada ao problema de pesquisa e aos objetivos propostos pela investigação que foi desenvolvida.

É importante, em todo esse trajeto, que o que se apresenta ao final, embora traga as marcas da orientação, não seja um trabalho do orientador, mas do orientando, com suas falhas, percepções e aprendizados visíveis. Desse modo, acredito que a graduação abre as portas para voos mais autônomos e que se descortinam mais braviamente na pós-graduação.

Sucesso ou fracasso?

O que determina se uma orientação foi bem-sucedida? Um produto final bem acabado, mas cheio de sobressaltos e mal entendidos, ou um percurso positivo, marcado por um grande aprendizado e um produto final nem tão refinado? E o que determina se uma orientação foi um fracasso? Um trajeto tumultuado e um trabalho que não atende às expectativas mínimas?

A meu ver, todas essas situações são factíveis, pois uma orientação pode ser bem sucedida de muitas formas ou falhar de muitas maneiras. Entretanto, o maior determinante se dá ao final, com a pesquisa encerrada. Se o trabalho possuir qualidade – não necessariamente sendo um grande marco –, esse é o maior indicativo de que a orientação funcionou, de uma maneira ou de outra.

Contudo, há outras questões a se observar ao longo do processo: a orientação é essencialmente uma relação e uma comunicação interpessoal, que pode sofrer dos mesmos problemas que esta, como ruídos, desentendimentos e mesmo gerar problemas maiores advindos desses, como o rompimento entre orientador e orientando.

Nesses casos, percebe-se que a orientação não diz respeito apenas ao ambiente “interno” da condução

da pesquisa. Ao envolver agentes humanos, a orientação está sujeita aos mesmos transtornos que qualquer outra relação interpessoal pode apresentar, podendo chegar ao desgaste e à substituição de orientador.

Na maioria das vezes, me parece, é o orientando que demonstra os primeiros sinais de desgaste na relação, ao esperar um perfil diferente de orientação daquele que o orientador está acostumado a oferecer. Ocorre, ademais, situações em que a frequência de orientação é considerada baixa pelo aluno, que espera um acompanhamento mais sistemático.

Há, muitas vezes, diferenças de personalidade irreconciliáveis (assim como casais em litígio costumam afirmar para justificar uma separação). Esses são pontos comumente apontados pelos estudantes e todos eles levam, quase em sua totalidade, à ruptura da relação.

Por outro lado, acontece também do orientador perceber que o progresso da pesquisa se mostra aquém do esperado ou mesmo fora da linha em que está habilitado a orientar. Há, de outro modo, situações em que o orientando apresenta pouco empenho e baixo rendimento, o que leva o professor a se sentir desestimulado quanto à condução da pesquisa como mestre.

O maior fracasso, nesse caso, é o de não ter conseguido contornar essas dificuldades. Contudo, deve-se ressaltar que a troca de orientador é um procedimento normal e – apesar de poder ser traumática – pode resultar numa pesquisa muito mais consistente e realizada de maneira muito mais satisfatória pelo orientando.

Acredito que, se o trabalho chegou ao fim e apresenta consistência, não sendo necessariamente o melhor trabalho de todos os tempos, eis aí uma orientação de sucesso.

Particularidades na área da Comunicação

As particularidades de orientação na área da Comunicação são, em sua maioria, ligadas às próprias particularidades da grande área das Ciências Sociais, que desde sua origem tentam se legitimar como forma séria de se fazer ciência e produzir conhecimento. Todavia, enquanto áreas mais respeitadas, como a Sociologia e a Antropologia parecem já ter ultrapassado a fase de legitimação, a Comunicação ainda luta para se fortalecer nesse aspecto.

No caso mais específico da Comunicação, como boa parte dos cursos acabam não privilegiando exatamente uma formação voltada para a pesquisa, mas para o campo profissional, há que se fazer um esforço maior para construir um arcabouço em relação ao aluno para que ele compreenda as dimensões do trabalho que realiza como TCC.

Mesmo assim, oferece-se ao estudante a possibilidade de fazer um tipo de pesquisa mais voltado ao mercado de trabalho, estabelecido na modalidade produto, em que ele pode apresentar uma revista, um vídeo, uma reportagem, ou seja, materiais que são produzidos profissionalmente por comunicadores. Nessa situação, é importante que o orientando faça uma boa pesquisa de base, rigorosa, aliada à pesquisa aplicada que irá gerar o produto.

Em TCCs científicos, deve-se ressaltar a própria construção do conhecimento científico, que passa pelo método homônimo, revestindo o trabalho de rigor. Os cursos no Brasil já oferecem disciplinas específicas para possibilitar essa construção de forma mais adequada, como Metodologia da Pesquisa e Laboratório de Projetos Experimentais, o que melhorou a qualidade dos trabalhos finais apresentados nas faculdades e nas universidades.

De resto, é necessário também compreender que, se o trabalho está na área social, precisa ter uma relação direta com ela, refletindo de alguma forma sobre o processo social da comunicação.

Um encontro com a Rafiza

Na entrevista, a Rafiza tratou de uma orientação que não pode existir fora do universo acadêmico. Como ela disse, não é exatamente palpável ou observável de forma fácil, posto que, muitas vezes, seu conteúdo é imaterial. Com as mesmas particularidades citadas acima, irei tratar de uma orientação que pode existir fora do universo acadêmico, tratarei de uma orientação cujo processo também consiste num encontro: um encontro a partir do qual uma relação se estabelece.

Meu encontro com a Rafiza aconteceu em 2007, aqui mesmo na UnB. Eu, recém chegada na capital no intuito de fazer mestrado. Ela, ingressando no doutorado. Nos encontramos em uma disciplina, curiosamente, ministrada por aquele que seria o nosso orientador: Luiz Martino. A Rafiza foi uma das primeiras pessoas que me acolheu. Salvo engano foi, também, a primeira mestre com quem eu tive um contato tão próximo. Inevitavelmente, a elegi como minha orientadora.

Tomando a orientação como um tipo de comunicação que vai para além da pesquisa, uma comunicação que promove o encontro de trajetórias, de conhecimentos, de vivências, de angústias, de dilemas. E quanto mais convivemos, quanto mais sabemos uma da outra, mais eu a admiro, mais admiro a sua história. Nesses dez anos de convivência pude perceber a coerência, a generosidade, o cuidado, a leveza, o respeito e a modéstia com que ela leva suas orientações, seu trabalho, sua vida.

Já passamos bons bocados juntas. Parte da minha trajetória acadêmica, inclusive parte do fôlego de decidir ingressar nesse doutorado tem a contribuição da minha orientadora Rafiza, a primeira a me encorajar num novo tema de pesquisa que poderia colocar em contradição a minha trajetória acadêmica.

Lá estava ela: de mãos dadas comigo. O projeto não entrou, mas ela estava lá, me encorajando para tentar de novo. Mesmo sem saber, de forma despretenhiosa, ela contribuiu para que eu desenvolvesse uma autonomia de pesquisa. Hoje, caminho com passos mais firmes, não apenas no que diz respeito ao meu projeto. Rafiza é a minha gigante de ombros sempre a postos.

Enfim exponho aqui a real razão de eu escolher a professora Rafiza como minha entrevistada: a orientação dela me tornou mais apta para desbravar muitas coisas. E essa entrevista foi a forma que se apresentou para mim de prestar uma homenagem essa professora fantástica e essa mulher incrível, que transforma as vidas de quem cruza com ela. Gratidão, Rafiza. “O prego está ficado”.

O que vai ficar na fotografia são os laços invisíveis que havia. (Leoni)

ÍNDICE DE ENTREVISTADOS

Célia Ladeira Mota.....	143
Christiana Freitas.....	78
Cristina Dunaeva.....	49
Dácia Ibiapina.....	95
Dione Oliveira Moura.....	156
Elen Cristina Geraldes.....	83
Fernando Oliveira Paulino.....	173
Gerry Leonidas.....	120
José Marques de Melo.....	128
Luiz Carlos Iasbeck.....	88
Norval Baitello Junior.....	37
Rafiza Varão.....	188
Renata Marcelle Lara.....	105
Soraya Fleischer.....	63
Suzy dos Santos.....	49

ÍNDICE DE AUTORES

Elen Cristina Geraldese.....	83
Francisco Verri.....	105
Gerson Luiz Scheidweiler Ferreira.....	88
Gisele Pimenta de Oliveira.....	49
Janara Sousa.....	78
Luísa Montenegro.....	95
Luma Poletti Dutra.....	173
Maíra Martins Moraes Vitorino.....	63
Marcos Urupá.....	78
Natália Oliveira Teles da Silva	88
Paulo Henrique Soares de Almeida.....	143
Paulo Vitor Giraldo Pires.....	128
Pedro David Russi Duarte.....	128
Rafael Dietzsch.....	120
Raquel Cantarelli.....	188
Ursula Diesel.....	37
Vinícius Pedreira Barbosa da Silva.....	156

